W. R. BION

Elementos de Psicanálise

IMAGO

Não basta voltar-se para conhecer e empenhar esforços em consegui-lo, sem a indispensável apresentação dos meios utilizados e eficientes para o intento.

O que não está codificado agrega-se ao conhecido, revitalizando-o e revolucinando. A técnica e a pesquisa acrescentam. Indicam a gênese e a dinâmica do que vem surgindo e se encaminha para a democratização. O exercício pragmático difunde e consagra. Mais as situações se manifestam sucintas, sintéticas, diretas, maior a conquista. De todos.

Oferecer, para difusão e emprego, esboços e esquemas fundamentados, acessíveis, é promover o benefício e proveito de quem, só por isso, aguarda. Os componentes da ``coisa'' entregues, limpos e lúcidos, conduzem o interessado a vislumbrar-lhes o significado implícito.

Ninguém, prudente, se abalança a admitir que, em contato com o texto, descanse, abrindo mão de conhecer o contexto. Este, por certo, lhe chega, subentendido naquele. Buscá-lo, pois, incumbe-lhe, sob pena de permanecer à margem, expectando. Atitude é de quem, já sabe, precisa encontrar e, para tanto, se mobiliza rumo à descoberta que, não ignora, é exeqüível. Transparece, à vista arguta, armada.

O arsenal consta de uns poucos petrechos. Penetrantes, percucientes, discriminadores. Palavras ambíguas mas aceitáveis, inclusive, por assim ser: buscam, auscultam, distinguem.

Se duas são as dimensões, dois níveis se requer. Para o mesmo objetivo. Sem passar por um, ao outro não se vai. O outro, que interessa, que é tesouro e labirinto, recomenda fio de Ariadne. Na posse deste, Jason caminha, sem excessivo susto.

A área da fantasia psíquica, fonte perene das realizações humanas, demora no fundo da psique, onde tem reino, acessível, apenas, ao idioma local, falado por

muitos. Os psicanalistas o aprendem. Os que o praticam, fazem-se cidadãos. Quem, infenso ao idioma, é da terra da Babel. Forasteiro. Escolhe viver fora.

O processo de *naturalização*, para psicanalista, interpretador, atento, em geral, não inclui furtivas olhadelas ao étimo de bolso. Porta-o assimilado, para utilização imediata, no puro vernáculo do padrão subjacente psíquico. A isso dedicou lustro ou mais, de sua existência, através de exercício e treinamento, em infindos diálogos imaginários, concretos, tendo a si como cobaia.

Quem se domestica fala o idioma. Ao domar-se, amarga o látego de enganar-se e, ao sofrer com isso, aprende a técnica de expressar-se com o nativo iletrado.

Manuais há que incluem, sob forma de elementos fonéticos, a pronúncia figurada e sintaxe, em gráficos de coordenadas cartesianas, as bases da estrutura linguística em questão. A experiência emocional de manuseio vivo, de uma espécie de tábua de Mendeleieff, de elementos químicos, para o universo psíquico, por certo, compensa quem nela se inicia ou a desenvolve, em função de lhe reconhecer abrangência e espaço para o ainda não consignado .

A vida psíquica de cada um é unidade em desdobramento. Convida-o, sem cessar, a lhe seguir as trilhas e indícios. Dia e noite.

W. R. Bion, autor do presente volume, renomado psicanalista, discutido, exímio conferencista, esteve por mais de uma vez no Brasil, apresentando-se, aberto a debate.

Trabalhou muito, com pacientes graves, e difundiu conhecimentos. Os volumes de *Conferências Brasileiras* revelam importante face sua, de conhecedor de psicologia de grupos e exemplo e modelo para o modo de conduzir-se, em circunstâncias tais, na experiência de participante de grupo-sem-líder.

ELEMENTOS
DE PSICANÁLISE

W. R. BION

ELEMENTOS DE PSICANÁLISE

Tradução Original de *Jayme Salomão*,
Revista por *Ester Hadassa Sandler*
e *Paulo Cesar Sandler*

IMAGO

La response est le malheur de la question.

— Maurice Blanchot

(ou, como eu compreendo a expressão, a resposta
é a doença que mata a curiosidade)

AGRADECIMENTOS

Apraz-me reconhecer a ajuda que recebi do Dr. Elliot Jaques e de outros membros do Melanie Klein Trust, principalmente o Dr. Roger Money-Kyrle, que fez várias críticas úteis ao ler o manuscrito e; também da Dra. Segal e da Srta. Betty Joseph. O livro estava pronto antes que eu ouvisse falar do estudo do Dr. J. J. Sandler, sobre *O Ego Ideal e o Ideal do Ego*; caso contrário, teria explorado a importância de sua abordagem para os assuntos discutidos aqui.

Devo algo de natureza diferente à minha esposa, por sua ajuda e encorajamento constantes.

W. R. B.

OBRAS COMPLETAS DE WILFRED RUPRECHT BION

NOTAS SOBRE A NOVA VERSÃO BRASILEIRA DE "ELEMENTOS DE PSICANÁLISE"

Os livros de Bion têm sido recebidos de modos contrastantes, do entusiasmo à perplexidade. No que tange ao presente volume, elas podem ser avaliadas, por exemplo, pela resenha para o *International Psycho-Analysis* feita logo depois de seu lançamento — por Roger Money-Kyrle; ou pela carta de Winicott a Bion relativa ao livro.

Um de nós, ao resenhar (para a *Revista Brasileira de Psicanálise*) o então recém-lançado *Cogitations,* observou que dezenas de textos e esboços que o compunham eram preparatórios a *Learning from Experience, Elements of Psycho-analysis* e *Transformations*. Ao vertermos *Cogitations* para o português, tivemos a oportunidade de apresentar este ponto de vista ao Dr. Salomão. Durante nossa conversa, ele nos disse que talvez houvesse chegado o momento de tentar novas versões, comentando: "*O tempo permitiu uma visão mais acurada da obra de Bion; não tínhamos isto naquela época...é algo que acontece com as obras escritas pelos grandes autores*". Ao que acrescentaríamos: a apreensão abrangente e profunda destas obras depende principalmente da experiência em análises que aproveitem as contribuições de Bion, mais além dos limites determinados por entendimento, processo secundário, racionalização e consciência.

Constatamos que parte das dificuldades sentidas na obra de Bion não lhe são intrínsecas, mas ligam-se a questões de tradução. Isto não implica negar que a escrita de Bion caracteriza-se por exigir algo do leitor. Compacta em poucas e curtas frases, muita formação e informação. Usa e cria aforismos e metáforas. Evocativa, nunca explicativa, questiona mais do que responde. Utiliza modos pouco usuais de notação, derivados da matemática, da poesia, da prosa e da mística. Exige perene exercício de correlação

com a experiência. Ela é fruto da clínica, não de uma mente que criaria do nada ou de si mesma. Nisto Bion lembra Freud — e também no estilo, um trabalho de ouriversaria — talvez inspirado na postura analítica durante uma sessão. Sua filha Parthenope disse uma vez que um tradutor não pode "pular" trechos em sua leitura. Diríamos que nenhum leitor de Bion pode dispensar uma atenção absoluta a todos os detalhes do texto. Cumpridas estas necessidades, Bion não é necessária, nem absolutamente um "autor difícil", como querem alguns. Pois se o observador influi no fenômeno observado, obviamente o critério "dificuldade" depende do leitor.

ESTE LIVRO

Concretamente pequeno, notavelmente condensado em conteúdo, *Elements of psychoanalysis* tem um forte *ethos* epistemológico. Na medida em que a psicanálise é uma ciência que estuda afastamentos da realidade, o livro respeita a natureza epistemológica da própria psicanálise. Nos leva a questionar, parafraseando Sartre: "A psicanálise é uma epistemologia?". O livro trata psicanaliticamente do pensar e do conhecer, do tentar se aproximar da realidade. Filia-se a Platão e Kant, no que tange a aceitar a incognoscibilidade da realidade última, e a alertas sobre os riscos de se restringir ao aparelho sensorial como modo de apreender a realidade, e usar o postulado de que tudo parte de pré-concepções.[1] Namora criticamente com o neo-positivismo, dele aproveitando uma busca de sintaxes matemáticas que possam aferir o "valor-verdade" de enunciados verbais. Na psicanálise, aqueles falados pelos pacientes e pelos analistas. Este uso se corporifica em um instrumento aferidor, o "Grid". Que foi criado para ser usado fora da sessão analítica, como exercício de treinamento de intuição analítica.

Introduz percepções originais sobre a função dos mitos, tanto na gênese da psicanálise como na sessão — eles se constituíram como modos primevos de a mente humana apreender a sua própria realidade, e da vida mesma. O livro tenta alcançar aquilo que é mais básico em psicanálise — no sentido de "elementar". Ele desenvolve algo iniciado em *Learning from Experience*, sobre modos primevos de pensar e sobre o "objeto psicanalítico", e vai se continuar em *Transformations*. Todos eles tentam prover, ou devolver, uma base científica para a psicanálise. Este projeto de Bion, se

1 Sandler, P. C. — *A Apreensão da Realidade Psíquica*. Vols I, II e III. Rio de Janeiro,: Imago Editora, 1997-2000.

realizado, poderia evitar que o "todo da psicanálise" se transformasse em uma "vasta paramnésia destinada a preencher o vazio de nossa ignorância", como ele diria, treze anos depois, no estudo "Evidência".

SUGESTÕES DE LEITURA

Baseado em mais de duas décadas de aprendizado, leitura, ensino individual e em grupo deste texto pensamos ter podido, frente a certas dificuldades de alguns leitores, desenvolver cuidados para contorná-las

Bion criou símbolos quase-matemáticos, em um esforço consciente para compactar, padronizar e simplificar a comunicação. Para alguns leitores, tal medida resultou no oposto disso. Tornou-se anedótico o epíteto "bioniano", implicando uma pessoa que usa labirintos verbais herméticos. Sugerimos ler os símbolos *de um modo invertido e escandido verbalmente*, principalmente quando se tratar de categorias da "grade". Assim, um símbolo grafado no livro como "C3" seria lido de modo invertido: "3C". Porque *invertido*? Porque este termo tem uma conjunção substantivo-adjetivo. Em inglês este tipo de conjunção se escreve de modo inverso daquela que se escreve em português. Porque *escandido ou enunciado verbalmente*? O sistema exige que o leitor se familiarize com a nomenclatura de suas categorias. Toma-se primeiramente a categoria das colunas da grade e se lhe enuncia verbalmente; toma-se depois a categoria da linha e se lhe enuncia verbalmente. Bion definiu que o número 3 corresponde, ou representa, a coluna de "notação", e a letra "C", a linha de "sonhos". Lendo "3C" deste modo que sugerimos, obteremos, "notação de sonho". "C3" = "notação de sonho". A2 seria, "hipótese definitória de um elemento alfa".

CONVENÇÕES

Algumas decisões de tradução foram feitas, em parte, em função destas dificuldades.

Mantivemos a grafia original para os símbolos quase-matemáticos K, H, L, PS, correspondentes à inicial em inglês dos termos Conhecimento (*Knowledge*), Ódio (*Hate*), Amor (*Love*) e esquizoparanóide (*paranoid-schizoid*). Pensamos que símbolos não admitem tradução. Quem em sã consciência se arvoraria a traduzir uma bandeira? Ou algarismos? Ou a notação musical? No caso particular dos símbolos quase-matemáticos de Bion, evi-

tam-se algumas confusões caso deixemos a notação original. Pois alguns destes símbolos significam, em português, fenômenos e situações diferentes. Penumbras de significados eliminam o poder comunicacional dos símbolos, que precisam manter uma relação biunívoca com as coisas significadas. Por exemplo, a letra C em português significa nas traduções disponíveis tanto o vínculo Conhecimento como a linha C da "grade". A letra O significa tanto o vínculo ódio como o âmbito numenico "O"; a letra A confunde a linha A da "grade" com o vínculo Amor. A manutenção dos símbolos originais evita estas confusões tanto para o tradutor como para o leitor.

Usamos os seguintes dicionários: *The Concise Oxford Dictionary 1993* (por recomendação da Sra Francesca Bion); *Oxford Dictionary of English Idioms 1993; Encyclopaedia Britannica's Merriam Webster.* Seguimos uma padronização para verter os seguintes termos em inglês:

- Splitting, foi vertido para "clivagem". Este termo tem conotações precisas na embriologia e na mineralogia. Estas duas ciências descrevem fenômenos naturais, como também o são os fenômenos mais profundos da mente e do acontecer humano (como os instintos, por exemplo). Clivagem parece-nos mais preciso para definir uma separação tão profunda e total conforme descrita em alemão por Freud e Klein, do que outros termos disponíveis em português, como "cisão", cujas penumbras de associações são mais amplas, ao incluir separações incompletas, como ocorrem em agrupamentos humanos dominados por ideologia e religião (fenômenos sociais, nem sempre naturais e por vezes antinaturais).

- Awareness foi vertido como "consciência" ou "estar cônscio de", exceto quando indicado, implicando um estado ativo, ativamente mantido, de "consciência consciente". Como temos colocado nas notas de outras versões, evitamos criar termos novos. Tentamos ainda manter termos consagrados pelo uso e seguir um senso estético, que recomenda não incluir no texto explicações de sentido. No caso de "*awareness*" a inexistência de uma versão adequada fez a escolha recair em um termo ("consciência") que não reproduz o sentido de "ativa consciência consciente". "Consciência" termo também foi usado quando no original em inglês Bion usa *consciousness*. Em todos os casos foi acrescentada uma nota indicando como está grafado no original.

- *Mean*, verbo, foi vertido como "querer dizer".

- A não ser quando indicado, sempre seguindo o sentido do texto, o substantivo *sign* foi vertido como "símbolo". Em certas ocasiões, foi vertido

como "sinal". Isto evita qualquer privilégio do significante às expensas do significado, o que ocorreria caso se usasse o falso cognato "signo". Evitamos anglicismos quando possível, e neologismos, que têm se tornado comuns em versões de textos psicanalíticos. Apenas para citar dois exemplos: "realizar" tem sido usado para verter *realize*; *imagética*, para *imagery*. Usamos o termo "realizar" entre aspas, e evitamos a solução de neologismos.

- Artigos e preposições: fizemos um cotejar detalhado, palavra por palavra, do original em inglês com versões anteriores para nossa língua e da versão para o espanhol, em grupos de leitura durante mais de quinze anos. Ele nos permite afirmar que boa parte dos problemas de tradução da obra de Bion parece advir de desatenção ao uso preciso que Bion faz de artigos definidos, indefinidos e de preposições. A título de exemplo, podemos citar o termo "realidade". Reconhecendo que os termos "a realidade" ou "a verdade" são entendidos como expressando estados mentais com pretensões à percepção e propriedade da realidade última, ou de verdade absoluta, optamos por uma construção que poderá parecer pouco usual, e até anglicizada: sem o artigo. "Verdade", como classe platônica, intuível e existente, difere de "A Verdade", que designaria eventos mais pertinentes a âmbitos religiosos absolutos, sociais ou de outras convenções sempre arbitrárias, em geral alucinatórias.
- A grafia do instrumento "Grade" está sempre entre aspas. Um de nós, em alguns estudos anteriores, enfocou os problemas de tradução e impropriedade envolvidos na escolha do termo "Grade" para verter o termo Grid. Trata-se de um falso cognato. Por outro lado nosso critério de tradução tem sido, há mais de vinte anos, não propor modificações em termos consagrados pelo uso, o que nos parece ser apenas um caso de conferir veracidade ao ditado, "pior a emenda do que o soneto". O termo preciso em português seria "Grelha"; "Grade"introduz uma idéia estática e imobilista que inexiste no original em inglês. Este último se refere a um instrumento filtrante dinâmico, distributivo. Optamos então por manter o termo "Grade", sempre grafado entre aspas. Falsos cognatos que constituem erros em qualquer versão, parecem-nos especialmente distorcedores na obra de Bion vertida para o português. Apenas a título de exemplos, citamos os termos *obtrude* e, exigindo maior sutileza no texto, *satisfy*. O primeiro tem sido invariavelmente vertido como "obstruir" e o segundo, que pode assumir o sentido de "atender", tem sido vertido literalmente.

- Tomamos especial cuidado com os verbos e expressões verbais em inglês *should*, *may* e *must*; notamos uma tendência a vertê-los, para línguas neo-latinas, de modo alienado do sentido da frase. Isto freqüentemente distorce um dos sentidos de "should", o de possibilidade, dotando-o de um sentido canônico e autoritário em português (de "poderia", para "deveria"). Isto produz um distanciamento sério de um dos princípios centrais da escrita (e, aparentemente, do modo de trabalhar em psicanálise) de Bion: a consideração libertária de possibilidades. A psicanálise é um órganon e não um cânon.

ENGANOS NO ORIGINAL EM INGLÊS E SUAS CORREÇÕES

Tivemos a oportunidade de completar detalhes bibliográficos que faltavam na edição original em inglês. O leitor atento notará nesta versão e nas outras que preparamos uma série de acréscimos de remetâncias. Para tanto, contamos não só com a anuência, mas com a ativa colaboração da Sra. Francesca Bion. Tivemos também a oportunidade de esclarecer dúvidas, algumas correspondentes a erros de impressão na edição original. Isto significa que o estudioso da obra de Bion em português está tendo a possibilidade de acesso à versão corrigida antes mesmo dos leitores em inglês. Estes enganos jamais foram mencionados na literatura. A Sra. Bion está procedendo à sua correção na nova edição inglesa. Citamos um deles, apenas a título de exemplo para ilustrar o problema. Por um erro tipográfico, a versão inglêsa "cria" uma palavra: *premotion*. O correto, claramente dado pelo sentido do texto precedente e posterior, é *premonition*, premonição.

A possibilidade da Sra. Bion consultar os manuscritos de seu marido, aliada à sua função de editora, no sentido que o termo, adquiriu nas casas editoras e no meio jornalístico de todos os textos de Bion, permitiu que, em conjunto, elaborássemos soluções para estas dúvidas, que pareceram provir de dificuldades na revisão de provas e impressão do original. Todas as dúvidas e soluções estão indicadas nas notas de rodapé. As conversas que mantivemos com a Sra. Bion, a exemplo do que ocorrera com nossas versões em português da *Uma Memória do Futuro* (Martins Fontes, 1989; Imago, 1996), *Conversando com Bion*, *Cogitações* (Imago, 1993, 2001) foram extensas e intensas, por escrito e orais. Assim, a presente versão é a primeira a contar com a colaboração ativa e direta da Sra. Bion — semelhante ao que ela deu a seu marido na redação de suas obras.

AGRADECIMENTOS

Não temos palavras adequadas para expressar nossa gratidão à paciência, cuidado, disponibilidade, dedicação, seriedade, amizade e sereno estímulo com que a Sra. Bion tem nos brindado, há mais de vinte anos. Nosso consolo frente a um sentimento de termos corrido o risco de abusar de seu esforço é que a preservação da obra de Bion, e o leitor, talvez se beneficiem deles.

Pareceu-nos generosa, a solicitação do Dr. Jayme Salomão: que cuidássemos das novas versões brasileiras daqueles que têm sido considerados os quatro livros básicos de Bion. Certamente ela é oportuna, pelos motivos que ele deu. Foi dele a primeira tradução mundial do *Learning from Experience* e do *Elements of Psycho-Analysis*, em conjunto com o Dr. Paulo Dias Correa. Posteriormente publicados pela Editora Zahar, constituíram um único volume, intitulado *Os Elementos da Psicanálise*. Aceitar o convite do Dr. Jayme Salomão foi uma de nossas formas de agradecer seu convite. Implicou um refazer. A questão vai estar na possibilidade de considerar o presente esforço como um acréscimo amigável e respeitoso, e não uma substituição crítica. Nos é clara nossa dívida de respeito e gratidão aos que se doaram anteriormente à atividade de traduzir a obra de Bion; de modo especial, ao Dr. Salomão. As versões anteriores nos parecem tão fundamentais como o são, nas ações militares, os sapadores, ou os que detectam minas. O engano é a condição humana para aprendizado e crescimento. Não conhecemos nenhum antecedente de um tradutor ter se disposto rever seu trabalho desta forma; mas provavelmente não houve, igualmente, nenhum outro psicanalista que tenha sido também editor pioneiro, cuja coragem foi reconhecida pelo o próprio Bion. Ele teve no Dr. Salomão não apenas seu primeiro tradutor, mas também primeiro editor para suas obras mais ousadas: *A Memoir of the Future, Caesura, The Grid* — publicadas em **inglês**, no Brasil.

O propósito de todo tradutor é em princípio idêntico ao do autor: que a obra possa ser aproveitada. Assim como em uma sala de análise a pessoa mais importante é o paciente, na publicação de textos, nos parece que a obra e o leitor são realmente o que importam. Escreveu Flaubert em uma carta para George Sand. "*L'ouvre est tout, l'homme est rien*" ("A Obra é tudo; o homem, nada"). Consideramos o tradutor como consideramos o psicanalista, o carteiro e a enzima.

Paulo Cesar Sandler e Ester Hadassa Sandler, 2003

CAPÍTULO UM

As teorias psicanalíticas têm sido criticadas como não-científicas, por serem um composto de material observado e de abstrações feitas a partir deste. São, ao mesmo tempo, muito teóricas, isto é: são, em demasia, uma representação da observação para poderem ser aceitas como uma observação; e são concretas demais para terem a flexibilidade que permite a uma abstração corresponder a uma "realização"[1]. Em conseqüência, vemos uma teoria que poderia ser aplicada de modo abrangente — caso fosse formulada de modo suficientemente abstrato — ficar sujeita à condenação porque sua própria concretude dificulta reconhecer uma "realização" que ela poderia estar representando. Como corolário, talvez pareça que aplicar a teoria a uma "realização", caso tal "realização" esteja disponível, implique uma distorção do significado da teoria[2]. Portanto, o defeito é duplo: por um lado, a descrição de dados empíricos é insatisfatória, à medida que ela é, claramente, muito mais aquilo que em linguagem coloquial[3] descrevemos como uma

---

1 *Realization,* no original. Ver, na Introdução, comentários a respeito do uso da palavra "realização". (N.T.)

2 Um exemplo disto pode ser visto estudo no estudo de J. Wisdom, sobre "An Examination of the Psycho-analytical theories of melancholia" ("Um exame das teorias psicanaliticas da melancolia"), Int. J. Psycho-anal. vol. 42, p. 113, 1962, onde ele afirma claramente sobre a necessidade de uma extensão da toeria, mas vê que isto envolve fazer uma suposição a respeito de qual poderia ter sido a visão de M. Klein.

3 *Conversational english,* no original. (N.T.)

"teoria" sobre o que ocorreu, do que um relato fatual do que ocorreu[1]; por outro lado, a teoria a respeito daquilo que ocorreu não pode satisfazer os critérios aplicados a uma teoria, na acepção com que esse termo é empregado para descrever os sistemas utilizados na investigação científica rigorosa[2]. Então, o primeiro requisito é formular uma abstração[3] para representar a "realização" que teorias já existentes visam descrever. Proponho procurar um modo de abstração que assegure ao enunciado teórico a retenção de um mínimo de particularização. A perda de compreensibilidade que isso acarreta pode ser compensada pelo uso de modelos para suplementar os sistemas teóricos. O defeito da teoria psicanalítica existente equivale ao do ideograma, quando comparado a uma palavra formada alfabeticamente; o ideograma representa apenas uma palavra, mas para se formar milhares de palavras necessita-se, relativamente, de poucas letras. Analogamente, os elementos que procuro devem ser tais que sejam necessários relativamente poucos deles para expressar, através de mudanças de combinação, quase todas as teorias essenciais ao psicanalista praticante[4].

A maioria dos analistas teve a experiência de sentir que a descrição das características de uma entidade clínica específica poderia servir muito bem para descrever outra entidade clínica, completamente diversa. No entanto, raramente a própria descrição é uma representação adequada até mesmo para aquelas "realizações" às quais, obviamente, destina-se a corresponder. A combinação em que certos elementos se mantêm[5] é essencial para o significado[6] a ser expresso por esses elementos. Supõe-se que um mecanismo típico de melancolia só seja típico de melancolia por se manter em uma combinação específica. A tarefa é abstrair[7] tais elementos, liberando-os tanto da combinação em que estavam mantidos como das particularidades aderidas, provenientes da realização à qual originalmente destinavam-se representar.

---

1 Em termos da "Grade", muito mais G3 do que de D ou E3.

2 Um excesso de C3 ao invés de G4.

3 O conceito de abstração será discutido de modo mais extenso; sua utilização nas etapas iniciais é provisória. Tal formulação estaria em G3.

4 Comparada com a tendência de produzir teorias *ad hoc* para satisfazer uma situação quando uma teoria existente, enunciada com suficiente generalização, já poderia dar conta do assunto. Compare-se com Proclus, citado por Sir T. L. Heath, nos *Euclid's Elements (Elementos de Euclides)* (Heath, T. L.: *The Thirteen Books of Euclid's Elements (Os Treze Livros dos Elementos de Euclides)*, Capítulo 9, Cambridge University Press, 1956).

5 Uma conseqüência de PS↔D. Ver Capítulo 18.

6 Uma conseqüência de ♀♂. Ver Capítulo 18.

7 Ver nota de rodapé número 6.

Para a finalidade que os quero, os elementos de psicanálise precisam ter as seguintes características: 1. Precisam ser capazes de representar uma "realização" para cuja descrição haviam sido usados originalmente. 2. Precisam ser capazes de se articular com outros elementos. 3. Quando assim articulados, teriam que formar um sistema dedutivo científico capaz de representar uma "realização", supondo-se que exista alguma; posteriormente poderemos inferir outros critérios para um elemento psicanalítico.

Vou representar o primeiro elemento por ♀♂; como já o discuti extensamente em *Aprendendo da Experiência*[1], meu relato aqui será breve. Ele representa um elemento que, embora com certa perda de precisão, poderia ser chamado de a característica fundamental da concepção de identificação projetiva, de Melanie Klein. Ele representa um elemento tal que, se fosse aquém disto, não poderia mais ser relacionado à identificação projetiva; se fosse além, carregaria consigo uma penumbra de associações excessiva para minha finalidade. Ele é uma representação de um elemento que poderia ser denominado como uma relação dinâmica entre continente e conteúdo.

Represento o segundo elemento por PS↔D. Pode-se considerar que ele represente, aproximadamente, (a) a reação entre as posições esquizoparanóide e depressiva, descrita por Melanie Klein; e (b) a reação precipitada pela descoberta do fato selecionado, descrita por Poincaré[2].

Já discuti os sinais L, H e K, em *Aprendendo da Experiência*. Eles representam vínculos entre objetos psicanalíticos. Parte-se do princípio que quaisquer objetos assim vinculados afetam-se mutuamente. Os termos "amor", "ódio" e "conhecimento" usualmente representam as "realizações" a partir das quais eles foram abstraídos[3].

Usarei a notação *R*, derivada da palavra "razão" e das "realizações" que pensamos que ela representa; e *I*, derivada da palavra "idéia" e de todas as "realizações" que ela representa, inclusive aquelas representadas

---

1 Bion, W. R.: *Learning from Experience*. Heinemann. (*Aprendendo da Experiência*. Imago Editora)

2 Poincaré, H.: *Scientific Method. (Método Científico)*. Dover Press.

3 Optamos por manter a simbologia original que corresponde, respectivamente, à primeira letra dos vocábulos na língua inglesa: L(ove) — amor, H(ate) — ódio e K(nowledge) — conhecimento, em função de dois motivos: 1. Consideramos desnecessário traduzir símbolos; 2. No caso específico da tradução para a língua portuguesa, introduz-se uma confusão na leitura quando o vínculo K é traduzido por "C"; muitas vezes o leitor não consegue saber se o autor está descrevendo uma das categorias da grade, a linha "C", ou o vínculo "conhecimento". No caso do símbolo "O", se o autor está descrevendo o vínculo "ódio" ou O, a realidade última. (N.T.)

por "pensamento". *I* é para representar objetos psicanalíticos compostos de elementos-α, os produtos da função-α. Descrevi o que quero dizer por meio desse termo em outro local (*Aprendendo da Experiência*). Entendo por função-α aquela função por meio da qual impressões sensoriais se transformam em elementos capazes de serem armazenados para utilização em sonhos e em outros pensamentos. *R* visa representar uma função destinada a servir às paixões, quaisquer que sejam elas, conduzindo-as à sua dominância no mundo da realidade. Entendo por paixões tudo que está incluído em L, H e K. *R* está associado a *I* na medida em que *I* esteja sendo usado para transpor o hiato entre um impulso e sua satisfação[1]. *R*[2] garante que o impulso certamente esteja ligado a alguma outra finalidade além daquela de modificar a frustração durante a pausa no tempo.

1 Freud, S. *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental.*

2 Não levei adiante a discussão de R por sentir não estar ainda numa posição de ver suas implicações. Eu o incluo porque, pela minha experiência clínica, estou persuadido do valor de um elemento como esse; outras pessoas podem ser capazes de usá-lo, conquanto sua elaboração esteja incompleta. Ver Hume: *A Treatise of Human Nature (Um Tratado da Natureza Humana)* Livro II, Parte III, Seção 3. Clarendon Press, 1896.

CAPÍTULO DOIS

Teorias psicanalíticas, à medida que sejam formuladas de modo claro e compreensível, padecem do defeito de sua compreensibilidade depender do fato de os elementos que as compõem ficarem investidos de um valor fixo, como constantes, por meio de suas associações com os outros elementos na teoria. Esse fenômeno é análogo ao da escrita alfabética, na qual letras desprovidas de significado podem se combinar para formar uma palavra com significado. Por exemplo, na teoria de Freud, da situação de Édipo, os elementos combinam-se, por meio de sua associação, para formar a narrativa do mito de Édipo, adquirindo assim um significado contextual que lhes dá um valor constante. Na condição de elementos em uma descrição de uma "realização" que foi descoberta, isso é essencial para sua utilidade; mas, na condição de componentes de uma teoria a ser usada para iluminar "realizações" que ainda serão descobertas, isso é um defeito, porque o valor constante prejudica a flexibilidade necessária.

As abstrações destinadas a constituir elementos de psicanálise teriam de ser capazes de combinar-se a fim de representar todas as situações psicanalíticas e todas as teorias psicanalíticas. Para que isso seja verdade é necessário que os elementos escolhidos sejam essenciais, na acepção descrita na página 23. Proponho dedicarmo-nos à discussão desse tópico antes de continuarmos com o problema da abstração[1], cuja solução é tão importante

1 Ver Capítulo 18.

para que os elementos escolhidos, como elementos de psicanálise, tenham a capacidade de utilização na construção de sistemas teóricos. O primeiro passo é considerar quais fenômenos, dentre aqueles presentes na prática analítica, são próprios aos elementos de psicanálise. Podemos prosseguir por três caminhos:

1. Podemos procurar os elementos à medida que suas qualidades secundárias[1] ocorram e possam ser reconhecidas na experiência psicanalítica.
2. Podemos descobrir os elementos à medida que suas representações ocorram e consigam ser isoladas na teoria psicanalítica.
3. Podemos investigar os procedimentos 1 e 2 e combiná-los como uma fonte de abstração de elementos.

Inicialmente, vou considerar a observabilidade dos elementos escolhidos; mas, como os elementos são essenciais e entram na composição de todas as teorias, poderíamos pensar que a necessidade primeira seria ver se esses elementos podem ser detectados nas teorias.

Se um paciente fala que não consegue aceitar algo dentro de si, ou o analista sente que o paciente não pode aceitar algo dentro de si, ele indica um continente e algo a ser colocado neste. Portanto, a formulação de não poder aceitar algo dentro de si não deve ser descartada como se fosse apenas um modo de falar. Além disso, ela implica um senso de haver, no mínimo, dois objetos. Ela poderia ser enunciada assim: ♀♂ ≥ 2. Em algumas circunstâncias, também observáveis em análise, o sentido da condição de "dois-ou-mais" pode tornar-se intrusivo. No momento, vou ignorar a implicação de número, embora o elemento que desejo isolar não possa ser descrito corretamente a menos que se entenda que ♀♂ ≥ 2.

Obviamente, o número de ocasiões nas quais se formula verbalmente que algo está "em" algo poderia ser incontável e, correspondentemente, insignificante. O paciente está "em" análise, ou "em" uma família, ou "em" um consultório; ou ele pode dizer que tem uma dor "em" sua perna[2]. A avaliação da importância ou significância do evento emocional durante o qual tais verbalizações parecem apropriadas à experiência emocional depende

1 Secundário, no sentido deste termo usado por Kant.

2 Ver Ryle Gilbert: *Conception of Mind (Concepção da Mente)*, p. 22, não um erro de categoria, mas uma expressão de percepção inconsciente de ♀♂ como o conjunto ao qual tudo pertence.

do reconhecimento de que continente e conteúdo, ♀♂, é um dos elementos de psicanálise. Então, podemos julgar se o elemento ♀♂ é central ou simplesmente está presente como um componente de um sistema de elementos que compartilham significado entre si por meio de sua conjunção.

Considerando agora se é necessário abstrair a idéia de continente e conteúdo como um elemento de psicanálise, deparo-me com uma dúvida. Continente e conteúdo implicam uma condição estática e essa deve ser uma das implicações estranhas a nossos elementos; o caráter compartilhado pelas palavras "conter ou ser contido" deveria ter maior predominância. "Continente e conteúdo" têm um significado que sugere a influência latente de outro elemento em um sistema de elementos. Como se pode levantar a mesma objeção contra "conter ou ser contido", vou assumir que os dois enunciados estão contaminados pela presença de elementos de um sistema não-declarados de elementos (por exemplo, o efeito latente do modelo, que discuti em *Aprendendo da Experiência*). Portanto, encerro a discussão assumindo que existe uma abstração central desconhecida, porque incognoscível embora revelada de uma forma impura em formulações como "continente ou conteúdo"; e é unicamente em relação à abstração central que se pode aplicar de modo apropriado o termo "elemento psicanalítico" ou alocar o sinal ♀♂. A partir desta definição fica claro que o suposto elemento psicanalítico não pode ser observado. Nesse aspecto ele não difere do conceito de coisa-em-si, de Kant — não é cognoscível, ainda que suas qualidades primárias e secundárias o sejam. Mesmo assim, há uma diferença em relação a este aspecto. Os fenômenos de continente e conteúdo são cognoscíveis como qualidades secundárias. A abstração central é apenas um fenômeno, desde que eu, como indivíduo, esteja cônscio que me é conveniente postular a existência de algo que não tem existência, como se de fato fosse uma coisa-em-si. Caso eu postule a existência de uma mesa, como uma coisa-em-si, eu o faço por acreditar que ela existe e que sua existência é a elucidação do fenômeno que agrupo em um conjunto com o nome "mesa".

Essa explicação é necessária porque quero estabelecer os elementos de psicanálise sobre um fundamento de experiência. Espero que o elemento venha a ser uma abstração, do mesmo tipo que foi dado através de meu exemplo de ♀♂, continente e conteúdo. Ele será uma "abstração central desconhecida porque incognoscível", mas esboçada, de uma forma impura, por meio de sua representação verbal. Terá *status* e qualidade iguais à do objeto que aspiramos *representar* pela palavra "linha" ou por uma linha desenhada sobre um papel.

CAPÍTULO TRÊS

Os elementos são funções da personalidade[1]. A respeito de todos eles pode-se dizer: cada um é uma função de alguma outra coisa e cada um tem uma função. À medida que cada um *seja* uma função, o termo função tem um significado similar ao significado que lhe é associado em matemática. É uma variável relacionada a outras variáveis, em cujos termos pode se expressar e de cujos valores seu próprio valor depende. À medida que cada função *tenha* uma função, o termo "função" será usado como um nome para um conjunto de ações físicas ou mentais, governado por uma finalidade ou dirigido a esta. Sempre que usar o termo "função" o estarei fazendo para denotar algo que tanto é, como tem uma função. À medida que seja uma função, tem fatores; à medida que tenha uma função, tem metas[2].

No momento, proponho considerar que todos os elementos de psicanálise, sem exceção, sejam funções, utilizando o termo na acepção que acabei de delinear. Portanto, o sinal que representa uma abstração deve representar uma função que não é cognoscível, embora suas qualidades primárias e secundárias (no sentido kantiano) o sejam. Como estou propondo considerar os elementos como fenômenos observáveis, deve-se assumir

1 Para uma discussão mais ampla sobre "funções", ver Bion, W.R.: *Aprendendo da Experiência*.

2 Esse ponto ficará mais claro quando for possível fazer referência à" grade". Ver do Capítulo 6 em diante.

que estou falando a respeito das qualidades primárias e secundárias dos elementos e não das abstrações ou sinais por meio dos quais eu os represento. Dentre tudo que podemos ver no decurso de qualquer análise, o que devemos selecionar como funções da personalidade e que sejam também elementos de psicanálise? A escolha já está limitada pelos critérios que propus (Capítulo 1, página 17). Precisamos agora limitá-la ainda mais, porque o elemento precisa ser uma função, na acepção que propus para o termo e, além disso, o elemento precisa ser "visto" no transcurso do trabalho analítico. Mas como declarar que as qualidades dos elementos são "visíveis", em vista de fato conhecido, que alguns analistas professam ser capazes de ver coisas cuja própria existência é negada por outros analistas; desacordo este, suficientemente comum entre o paciente e o analista, apesar de eles compartilharem a experiência "vista"?

À guisa de um critério para o que constitui uma experiência sensível proponho senso comum, na acepção que dei a este termo em outro texto, ou seja, algum "sentido" que é comum a mais de um sentido.

Vou considerar um objeto como sendo sensível ao exame psicanalítico se, e apenas se, ele satisfizer condições análogas àquelas satisfeitas quando a presença de um objeto físico é confirmada pela evidência de dois ou mais sentidos. Evidentemente, isso pode ser apenas uma analogia pois, no atual estado de nosso conhecimento, até mesmo a ansiedade, ao menos em outras pessoas, é uma dedução. O problema é determinar justamente o quão longe podemos ir ao aceitarmos que no campo da psicanálise, deduções feitas a partir dos sentidos tenham a mesma validade que os sentidos têm na física ou na filosofia. Não tenho a menor dúvida de que minha impressão a respeito de um homem estar ansioso tem a mesma validade da minha impressão a respeito de, digamos, uma pedra ser dura. Mas, para a minha impressão ser válida, considero necessário sentir a pedra para me satisfazer de sua dureza e, no mínimo, olhá-la para me satisfazer de que aquilo que toco é uma pedra. A correlação assim estabelecida autoriza uma pessoa a reivindicar que o termo "senso comum" caracteriza o seu ponto de vista, de que o dado objeto é uma pedra; e que o ponto de vista, de tratar-se de uma pedra, é comum aos sentidos da pessoa e, portanto, é uma visão de senso comum, utilizando o termo "senso comum" com uma precisão maior do que a da conversa coloquial. O problema é estabelecer alguma convenção ou uso similares, para definir a natureza do senso por meio do qual apreendemos um elemento psicanalítico e, como contrapartida, definir a natureza das dimensões de um elemento psicanalítico. Na execução desse plano parece haver, como ocorre com tanta freqüência nas investigações psicanalíticas, a pressuposição do que desejamos des-

cobrir. Para escrever isso, tenho que começar de algum lugar, o que cria dificuldades, pois o início de uma discussão tende a impor uma aparência de realidade à idéia de que o assunto em discussão tem um início. A investigação psicanalítica formula premissas que, como as da filosofia ou teologia, são diferentes daquelas da ciência comum. Os elementos psicanalíticos e os objetos destes derivados têm as seguintes dimensões[1]:

1. Extensão no domínio do sentido.
2. Extensão no domínio do mito.
3. Extensão no domínio da paixão.

Não se pode considerar uma interpretação satisfatória a menos que ela ilumine um objeto psicanalítico; e que esse objeto, no momento da interpretação, possua essas dimensões. Em vista da importância que atribuo a essas dimensões, vou discuti-las detalhadamente.

Não é necessário nos determos muito no domínio do sentido. Isso significa que aquilo que é interpretado deve ser, dentre outras qualidades, um objeto do sentido. Por exemplo, certamente deve ser visível ou audível para o analista e, presumivelmente, para o analisando. No caso da última pressuposição não se realizar, deve haver fundamento tal que a própria falha correspondente seja considerada significativa. Colocando de outro modo, quando o analista fornece uma interpretação, deve ser possível para ele e para o analisando ver que, no momento, ele está falando a respeito de algo que é audível, visível, palpável ou odorífico.

É mais difícil fornecer uma explicação satisfatória a respeito do que quero dizer com extensão no domínio do mito.[2] Sem essa extensão não posso conceber a possibilidade de se fazer modelos, como parte do equipamento disponível para o psicanalista. Suponhamos que um paciente esteja enraivecido. Dá-se maior significado a uma formulação, para este efeito, caso se acrescente que a raiva do paciente é igual à de uma "criança querendo bater na babá, porque a babá disse que a criança era malcriada". O enunciado entre aspas não é uma expressão de uma teoria em uma exposição genética. Não se pode supor que o enunciado expressa uma teoria de que menininhos batem nas suas babás se elas os chamam de malcriados. É um enunciado semelhante àqueles que os filósofos, com desprezo, des-

---

1 A discussão da "grade" nos Capítulos 18 e seguintes irá explicar de modo mais pleno o que entendo por essas dimensões.

2 O problema se relaciona à discussão da linha C de "grade".

cartam como mitologias, quando usam o termo pejorativamente para descrever teorias ruins. Eu preciso de enunciados deste tipo, como parte dos equipamento e procedimento científicos analíticos. Eles não são afirmações de um fato observado: são enunciados de um mito pessoal. Se a formulação do psicanalista que acompanha a experiência do objeto psicanalítico não tiver um componente desse tipo, faltará a essa experiência uma dimensão necessária. Vou me referir a essa dimensão como o componente mítico ou "como se".

Escolhi deliberadamente para a última dimensão o termo "paixão" preferentemente a termos que parecessem mais comuns; em parte porque os termos mais comuns têm um significado que não deveria ser perturbado. Entendo por "paixão", ou pela sua falta, o componente derivado de L, H e K[1]. Uso o termo para representar uma emoção experimentada com intensidade e calor, embora sem qualquer insinuação de violência: o termo paixão não deve transmitir o sentido de violência, a não ser que esteja associado ao termo "voracidade".

Pode parecer que eu, ao introduzir paixão, estaria repetindo o que disse anteriormente, quando incluí L, H e K como elementos. Não é o caso; por paixão, entendo uma das dimensões que L, H ou K precisam possuir para que sejam reconhecidos como um elemento presente[2]. Além disso, a evidência da presença da paixão que pode ser fornecida pelos sentidos não deve ser tomada como dimensão da paixão. Ou seja, caso julguemos que o tom irado do paciente evidencia ódio, não devemos presumir ter discernido paixão, H de fato, como uma dimensão de um objeto psicanalítico. Em tal episódio, a evidência fornecida pelos sentidos pode ser correlacionada talvez com a evidência sensorial, mas não sensível, de paixão. Estar cônscio[3] de paixão não depende dos sentidos. Para que os sentidos estejam ativos apenas uma mente é necessária; paixão evidencia que duas mentes estão vinculadas, e que, para que a paixão esteja presente é possível que haja menos do que duas mentes. É necessário distinguir claramente paixão de contratransferência, sendo que esta última constitui evidência de repressão. Maiores considerações a respeito de paixão não são relevantes para a questão imediata da paixão como uma das dimensões do objeto psicanalítico e, portanto, de um elemento psicanalítico.

---

1 Amor, ódio e conhecimento. (N.T.)

2 Ver o Capítulo 19, a respeito de "sentimentos".

3 *Awareness*, no original. (N.T.)

CAPÍTULO QUATRO

No capítulo um, disse que a falta de elaboração dos elementos da psicanálise tem bloqueado o desenvolvimento de uma prática psicanalítica e dei exemplos dos possíveis objetos de pesquisa de tais elementos. No capítulo dois, discuti possíveis critérios para avaliar objetos propostos como elementos, enfatizando que um dos critérios essenciais é a condição de observá-los na prática[1]. No capítulo anterior, estipulei que todos os elementos devem ser funções da personalidade e que eles podem ser concebidos como tendo dimensões as quais, na mente do analista, seriam impressões sensoriais, mito e paixão.

Neste capítulo proponho abordarmos o problema de modo novo, procurando uma resposta para a seguinte pergunta: considerando qualquer sessão psicanalítica como uma experiência emocional, quais de seus elementos devem ser selecionados de modo a tornar claro que a experiência foi uma psicanálise e não poderia ter sido nenhuma outra coisa?

Muitas características de uma psicanálise podem ser consideradas como típicas, mas não o são de modo exclusivo. Começar da regra comum, de encontros entre duas pessoas, pode parecer insignificante; mas esses vários vértices[2] aparentemente insignificantes tomados em conjunto con-

---

1 *Observability*, no original. (N.T.)

2 *Departure,* no original. O termo vértice será usado em *Transformations*. Essa, no entanto, nos pareceu uma palavra mais precisa em português para expressar o sentido do texto. (N.T.)

tribuem, em última instância, para uma diferença que demanda um termo especial. Provavelmente, um catálogo de tais diferenças definiria mais o que constitui uma *imitação* de psicanálise do que aquilo que é genuíno, a menos que a diferença possa ser formulada em termos de elementos.

Parece que ao tentar enfocar as peculiaridades emocionais da experiência, evitaríamos as desvantagens de catalogar detalhadamente as diferenças; mas surgem dificuldades, pois é comum os pacientes sentirem que a análise é friamente despida de emoções e, ainda assim, que provoca efeitos próprios a uma intensa série de emoções. O guia mais seguro é a experiência; recorro a ela na esperança de descrevê-la em termos tais que possibilitem a outras pessoas comparar suas experiências ela.

Em geral, entende-se o ditado: — uma análise precisa ser conduzida em uma atmosfera de privação — como significando que o analista precisa resistir a todo e qualquer impulso de gratificar os desejos de seus analisandos ou ao anseio de gratificar os seus próprios desejos. Restringindo a expressão desse enunciado, sem restringir a área que ele abrange: o analista ou o analisando não podem perder, em momento algum, o senso de isolamento na intimidade da relação de análise[1].

O analista não pode, independente do quanto a cooperação se revele boa ou má, perder ou privar seu paciente do senso de isolamento ligado ao conhecimento de que as circunstâncias que levaram à análise, e as conseqüências que podem surgir dela no futuro, constituem uma responsabilidade que não se pode compartilhar com mais ninguém. É necessário que discussões com colegas ou parentes a respeito de assuntos técnicos, ou outros quaisquer, jamais obscureçam esse isolamento essencial.

O impulso para ser voraz[2] e mesquinho opõe-se ao estabelecimento de uma relação geradora de experiências de um senso de responsabilidade.

No objeto sob exame, o senso de solidão parece estar relacionado a um sentimento de estar sendo abandonado; no objeto examinador, de que ele está se apartando da fonte ou da base da qual sua existência depende.

Resumindo: só se consegue distanciamento[3] à custa de dolorosos sentimentos de solidão e abandono, experimentados (1) pela herança mental

1 Este ponto será novamente discutido em premonição.

2 Termos como "voracidade" são usados porque estou discutindo os elementos da prática psicanalítica. Assim que tais elementos forem claramente discriminados como uma parte da experiência emocional, o analista poderá considerar de que modo teorias psicanalíticas, por exemplo, do erotismo anal podem iluminá-los.

3 *Detachment,* no original. (N.T.)

animal primitiva a partir da qual se efetua o distanciamento; e (2) pelos aspectos da personalidade que conseguiram ficar distanciados do objeto de exame, objeto sentido ser indistinguível da fonte de viabilidade daqueles aspectos. O objeto de exame, aparentemente abandonado, é a mente primitiva e a capacidade social primitiva do indivíduo como um animal político ou grupal. A personalidade distanciada é, em certo sentido, novata para sua tarefa e tem de se dedicar a empreitadas que são diferentes daquelas para as quais seus componentes estão, com mais freqüência, adaptados; ou seja, o exame do meio ambiente, sem incluir o *self*. Parte do preço é pago em sentimentos de insegurança.

CAPÍTULO CINCO

As conclusões dos capítulos anteriores sugerem a necessidade de discutir mais a questão da decisão; será que ela envolve a tradução do pensamento em ação, ou algum processo análogo, como, por exemplo, traduzir o pensamento em uma idéia fixa, uma variável como se fosse uma constante? Uma vez que o analista constantemente está sendo convocado a decidir se intervém com uma interpretação, teríamos que considerar a decisão, e seus componentes de solidão e introspecção, como um dos elementos de psicanálise, pelo menos do ponto de vista do analista e, por conseguinte, provavelmente, do ponto de vista de ambos, paciente e analista.

Todo analista pode levar a cabo, por si mesmo introspecção a respeito de que clichês[1] ele usa mais comumente. Ela sugere com freqüência que o problema em análise é saber qual, dentre as interpretações possíveis, é a interpretação correta em um determinado momento; ela surge da percepção das várias idéias expressas em trabalhos escritos sobre análise e, mais ainda, da multiplicidade do comportamento humano, tal como é experimentado na vida comum. Na prática, a sensação não é tão extraordinária assim; pode-se ver que as interpretações psicanalíticas são teorias mantidas *pelo* analista a respeito dos modelos e teorias que o paciente tem *a respeito* do analista. Acredita-se, e pretende-se, que as teorias analíticas exerçam um efeito terapêutico, caso seu conteúdo e expressão estejam corretos. Eu

---

1 *Cliches*, no original. (N.T.)

acredito que a introspecção irá mostrar à maior parte dos analistas que eles empregam um número relativamente pequeno de teorias e que é possível ver que elas incidem nas seguintes categorias:

1. Definição. Grosseiramente, tais interpretações tomam a seguinte forma: a de que o paciente está mostrando, através de suas associações, que ele está deprimido; até o ponto que seja uma hipótese definitória é um modo de dizer: "Isso que você, o paciente, está experimentando agora, é aquilo que eu e, na minha opinião, a maioria das pessoas, chamaríamos de depressão." Não cabe nenhuma discussão a respeito da afirmação, à medida que ela se presta a definir para o paciente o que o analista quer dizer; pois, no caso, a única crítica válida seria a de que o enunciado é absurdo por ser autocontraditório, se fosse possível demonstrar que ele assim o é.
2. Enunciados que representam de tal modo a "realização" que a ansiedade do analista frente ao fato da situação lhe ser desconhecida, e correspondentemente perigosa, seja negada por uma interpretação, a qual visa provar ao próprio analista e ao paciente que isso não é assim. Qualquer analista praticante avalia que tal estado de coisas pertence ao âmbito da contratransferência e que indica análise para o analista. Mas mesmo os analistas não conseguem ter toda a análise que poderiam considerar desejável; assim, o uso da teoria como uma barreira contra o desconhecido irá permanecer tanto no arsenal do analista como no do paciente.
3. Enunciados que representam "realizações" presentes e passadas. Um exemplo de tal enunciado seria um breve resumo, lembrando o paciente de algo que o analista acredita ter ocorrido em uma ocasião anterior. Isto corresponde à função que Freud designa pelo termo *notação*[1].
4. Enunciados representando um sistema dedutivo científico, até o ponto em que um tal sistema pode ser expresso em linguagem coloquial[2]. Tal enunciado mantém afinidades com as do tipo 3, acima, pelo fato de ser possível considerar que ela represente uma "realização", da qual foi derivada. Mas, essencialmente, sua função é similar à da *atenção*, conforme descrita por Freud[3]. Espera-se desse tipo de enunciado que ele

1 Freud, S. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, SE, vol. XIV.
2 *Ordinary conversational English*, no original. (N.T.)
3 Freud, S. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, vol. XIV.

siga um clichê[1] analítico: "Gostaria de chamar sua atenção para..." É similar a 5, abaixo, porém mais passivo e receptivo, correspondendo a *reverie*. É uma formulação teórica, expressa com tanto rigor científico quanto as circunstâncias da prática analítica o permitam e cuja função é testar o ambiente. Nesse aspecto, tem afinidades com a pré-concepção. É essencial para haver discernimento. Uma de suas funções é a receptividade para o fato selecionado.(Entendo por "fato selecionado" aquele que dá coerência e significado a fatos já conhecidos, mas cujo relacionamento até então não foi divisado.)

5. Parecido com 1, 2, 3 e 4, na medida em que diga respeito à formulação — todos são formulados por uma representação idêntica; ou, em outras palavras, a interpretação pode ser verbalmente idêntica em cada caso — mas é uma teoria utilizada para se investigar o desconhecido. O exemplo mais óbvio disso é o mito de Édipo, conforme Freud o abstraiu para formar a teoria psicanalítica. A função das formulações teóricas nesta categoria é usar interpretações com uma intenção, a de iluminar material, o qual, de outro modo, permaneceria obscuro — a fim de ajudar o paciente a liberar mais material. O objetivo primário é obter material para satisfação dos impulsos de investigação no paciente e no analista. Note-se que a qualidade probatória de tais interpretações pode ajudar a dar conta das diferenças de reação no paciente em relação às reações que ele mostraria às interpretações das categorias 1 ou 4. Pode-se discriminar esse componente daqueles derivados do conteúdo da interpretação.
6. Na última categoria que proponho distinguir, o enunciado, embora ainda esteja incorporado em uma representação idêntica àqueles empregados em todos os outros enunciados, é usada como um operador[2]. A intenção é, primariamente, que a comunicação habilite o paciente a gerar soluções para seus problemas de desenvolvimento. (É claro que o paciente pode usá-la para solucionar seus problemas, e não para solucionar seus problemas de desenvolvimento; ou seja, ele pode usar as interpretações como conselho e não como interpretação,

---

1 *Cliche*, no original. Observamos que Bion usa um termo que possui uma acepção de algo preestabelecido, estereotipado, para descrever um estado de mente e uma formulação do analista insaturados e investigativos, aproximados no texto à reverie e à pré-concepção. (N.T.)

2 Esse termo está sendo usado no seu sentido matemático, um símbolo que indica uma operação aritmética (+, –, ×, /) são operadores para adição, subtração, multiplicação e divisão. (N.T.)

mas minha intenção aqui não é discutir essas e outras respostas do paciente.) Funções de interpretações que incidem nessa categoria, e portanto as interpretações, neste seu aspecto específico, dentre outros, são análogas a *ações* em outras formas de empreendimento humano. Para o analista, a transição que mais se aproxima da decisão e da tradução de pensamento em ação é a transição do pensamento para as formulações verbais da categoria 6. Pelo que eu disse no Capítulo 4, fica claro que é nas atividades dessa categoria que o senso de solidão e isolamento têm maior probabilidade de ficar em evidência.

Estas categorias não são exaustivas ou exclusivas. Espera-se que a experiência possa levar a substituí-las por categorias melhores. É essencial resistir ao impulso de aumentar indevidamente o número de categorias; em parte, porque isso é muito fácil de se fazer, mas também porque, para meu presente objetivo, é necessário ter o menor número de categorias fundamentais.

Devo enfatizar que, embora na prática, as interpretações certamente estarão incorporadas nas mais diversas formulações, do ponto de vista teórico, a mesma interpretação, formulada nos mesmos termos, pode ser usada facilmente na mesma sessão de todos esses seis modos, ou ainda mais. Esbocei as categorias para que elas se relacionem, nem tanto ao conteúdo da teoria ou a formas sob as quais estão representadas, mas ao trabalho que se destinam fazer. Vou me antecipar dizendo que essas categorias sè aplicam ao uso que se pode fazer de "pensamentos", assim que eles tenham sido representados, tanto pelo paciente como pelo analista. Este capítulo se ocupou de um aspecto específico daquilo que poderia, de modo geral, ser chamado de pensamentos, depois de eles terem sido representados por palavras ou por uma combinação de palavras.

Portanto, este capítulo é uma categorização de "*I*" (p. 20, Capítulo 1), de acordo com usos que se pode dar às representações de "*I*". Esse tratamento de ***I*** é uma exposição esquemática e exclui o componente temporal implícito em uma exposição genética ou de desenvolvimento. Em vista da importância que ***I*** assume agora, como um dos candidatos a se estabelecer como um elemento de psicanálise, proponho dedicar algumas das próximas páginas para uma exposição genética de ***I***, em contraste a uma exposição esquemática, embora isso envolva uma certa repetição de idéias que já apresentei em meu estudo sobre Pensar[1].

---

1 Referência ao estudo "A Theory of Thinking", apresentado no "Simpósio sobre o Pensar". Congresso Internacional de Psicanálise. Edimburgo, 1962. Publicado em *Second Thoughts*, 1967.

CAPÍTULO SEIS

A classificação sugerida para interpretações analíticas pode ser aplicada a todas as formulações, tanto as feitas pelo paciente como pelo analista. Mas desejo introduzir outro modo de classificação para o mesmo material e, para isso, proponho abordar a experiência com pacientes que sofrem de perturbações do pensamento. Essa classificação, em contraste com o esquema que compus no último capítulo, terá um referencial genético e não sistemático. Se existe ou não alguma "realização" que dela se aproxima é uma questão que deixo em aberto no momento.

1. Elementos-β. Este termo representa a mais antiga matriz da qual é possível supor que os pensamentos brotam. Eles compartilham qualidades com o objeto inanimado e com o objeto psíquico, sem que haja qualquer forma de distinção entre os dois. Pensamentos são coisas, coisas são pensamentos e elas têm personalidade.

2. Elementos-α. Este termo representa o resultado do trabalho da função-α sobre as impressões sensoriais. Esses não são objetos no mundo da realidade externa; são produtos do trabalho efetuado sobre os sentidos os quais acredita-se, estão relacionados a tais realidades. Possibilitam a formação e o uso de pensamentos oníricos.

3. Não considero que haja, ou possa haver, qualquer evidência para a existência de uma realização que corresponda a elementos-β, função-α e elementos-α, a não ser fatos observados que não podem ser explicados sem o auxílio de elementos hipotéticos como esses. A postura é diversa para o

restante das formulações. É possível supor que haja evidência para a existência de pensamentos oníricos, preconcepções e para o restante das categorias. Continuemos:

4. Pensamentos oníricos. Estes dependem da existência prévia de elementos-β e elementos-α; a não ser por isto, não requerem nenhuma elaboração além daquela que já tiveram na teoria psicanalítica habitual. São comunicados pelo conteúdo manifesto do sonho, mas permanecem latentes, a menos que o conteúdo manifesto seja traduzido em termos mais sofisticados.

Alcança-se, com os sonhos, um domínio onde há evidência direta dos fenômenos com os quais tem-se que lidar. Quando um paciente diz que teve um sonho e passa a relatá-lo dispõe-se ao menos, de evidência direta. Infelizmente, quando o objeto de investigação é o próprio pensamento, essa garantia se dissipa. A asserção de que um paciente teve um sonho é, em geral, evidência suficiente para que o trabalho evolua; mas não o é, se precisarmos saber o que aconteceu quando o paciente fala que sonhou. Por exemplo, se um paciente reclama que teve uma dor na perna, deveríamos supor, no contexto apropriado, que ele sonhou que teve uma dor na perna? Ou deveríamos considerar que algumas vezes o conteúdo manifesto de um sonho é mais uma série de dores do que uma série de imagens visuais que foram verbalizadas e ligadas entre si pela narrativa?

5. A pré-concepção[1]. Esta corresponde a um estado de expectativa. É um estado de mente adaptado para receber uma gama restrita de fenômenos. Uma ocorrência precoce poderia ser a expectativa que um bebê tem do seio. A correspondência da pré-concepção com uma realização origina a concepção.

6. A concepção. A concepção pode ser considerada como uma variável que foi substituída por uma constante. Caso representemos a pré-concepção por $\psi(\xi)$, com (ξ) representando o elemento insaturado, então, aquilo que substitui (ξ) por uma constante deriva-se da realização à qual a preconcepção se corresponde. No entanto, a concepção pode então estar sendo empregada como uma pré-concepção, à medida que ela pode expressar uma expectativa. A correspondência de $\psi(\xi)$ com a realização atende à expectativa, mas aumenta a capacidade de $\psi(\xi)$ para mais saturação.[2]

1 A descrição de pré-concepção é provisória. O conceito será elaborado posteriormente, principalmente no Capítulo 18 e subseqüentes.

2 Comparar com aquilo que digo a respeito de abstração, no Capítulo 18.

7. O conceito deriva da concepção por meio de um processo destinado a libertá-la daqueles elementos que a tornariam inadequada para ser um instrumento na elucidação ou expressão da verdade.

8. O sistema dedutivo científico. Neste contexto, o termo "sistema dedutivo científico" significa uma combinação de hipóteses e sistemas de hipóteses, relacionadas logicamente[1] entre si. A relação lógica de um conceito com outro, e de uma hipótese com outra, intensifica o significado de cada um dos conceitos e hipóteses assim vinculados; expressa um significado que os conceitos, hipóteses e vínculos não possuem individualmente. Nesse aspecto, pode-se dizer que o significado do todo é maior do que o significado da soma de suas partes.

9. Cálculos[2]. O sistema dedutivo científico pode ser representado por um cálculo algébrico. No cálculo algébrico, reúne-se um certo número de sinais, de acordo com certas regras de combinação. Os sinais não têm quaisquer propriedades, além daquelas conferidas pelas regras de combinação. $(a+b)^2=a^2+b^2+2ab$ é uma declaração das regras de combinação de a e b; a e b não têm nenhum outro significado[3] além daquele que a possibilidade de sua substituição por números lhes confere; devem ser compreendidos como tendo a capacidade de ser manipulados do modo definido pelo enunciado $(a+b)^2=a^2+b^2+2ab$. Em suma, dizer que a e b têm propriedades só poderia significar que eles se prestam a ser manipulados de acordo com regras; e que as regras às quais se conformam podem ser deduzidas daquilo que no enunciado, como na concepção, retém uma capacidade para saturação.

Isto completa minha exposição genética. Proponho agora combiná-la com a exposição esquemática do Capítulo 5. Lembrarei que esta delineou um esquema provisório, por meio do qual seria possível categorizar os vários usos dados a "*I*"; contrasta assim com o esquema que sugiro no presente capítulo, dos vários estágios por meio dos quais "*I*" poderia ter se desenvolvido. É necessário notar que no esquema genético, pode-se dizer que todas as linhas, de B a H, inclusive, contêm elementos insaturados aguardando uma realização, antes que possam ser "atendidos" e tornem-se disponíveis para serem empregados como preconcepções.

1 Comparar a condição de relacionamento lógico com aquilo que digo no Capítulo 18, sobre coerência.

2 Para uma descrição completa dos termos sistema dedutivo científico e cálculo algébrico, conforme são utilizados no método científico rigoroso, ver Braithwaite, R.B.: *Scientific Explanation*. Cambridge University Press, 1955.

3 Ver a discussão entre coerência e significado, Capítulo 18.

A linha A difere de todas as outras, pois não contém nenhum elemento insaturado e, portanto, não serve para ser utilizada como preconcepção. No momento, por uma razão especial, proponho deixar sem discussão a linha B, o elemento-α. Pela mesma razão, vou deixar para depois a discussão de aspectos importantes da linha C, os pensamentos oníricos, e os próprios sonhos. Na tabela[1], no final do estudo, disponho as exposições sistemática e genética ao longo de eixos diferentes.

Essa tabela formal transmite ar de rigidez que pode parecer estranho a uma abordagem clínica. Espero que a discussão subseqüente, envolvendo seu uso, possa afastar qualquer receio nesse sentido — resguardado o fato de que ela seja utilizada apropriadamente. Vou indicar qual é este uso, considerando algumas implicações da "grade"[2]. Os números de referência são as coordenadas da grade.

A1. Pode-se definir esta categoria como extremamente primitiva. Não mostra nenhuma diferenciação clara das qualidades como as que esperaríamos encontrar, digamos, em um sonho, conforme relatado por um paciente. Não mostra nenhuma diferenciação entre qualidades animadas e inanimadas, sujeito e objeto, moral e científico. Por estar saturada, não serve para ser usada como pré-concepção. Só é possível considerar que tenha um uso como uma definição em um único sentido: qual seja, que é possível dizer que definir é aprisionar algo dentro de certos limites; a verbalização não libera seu significado, mas nega-lhe uma saída. Entretanto, serve para identificação projetiva. Para não sobrecarregar a memória do leitor com uma multiplicidade de exemplos, vou usar bem poucos e pedir que ele tolere o tédio da repetição. Aproveito o exemplo que usei em meu estudo sobre o Pensar: a criança experimenta um medo de estar morrendo — se é que a sofisticação terminológica do adulto consegue, de algum modo, expressar a experiência — e o aprisiona em um elemento-β (colocado agora na categoria A1 da "grade"). Este é projetado dentro do continente e seu destino subseqüente depende de uma série de contingências que não vou antecipar agora, pois lidarei com elas mais tarde.

A2. As indicações que dei em A1 mostram, estritamente falando, que A2 deve ser uma classe vazia, pois A1 é incapaz de se desenvolver. Mesmo assim, em um certo sentido, A1 pode ser usada para preencher algumas das funções de A2, uma vez que o aprisionamento implícito em A1 nega a liberação de qualquer significado. Mas a comparação de A2 com G2 irá mostrar

1 *Table*, no original. (N.T.)
2 *Grid*, no original. Ver nota introdutória. (N.T.)

que existe uma grande diferença entre elas (até onde se possa dizer que A2 exista, em virtude de substituir A1) e a implicação desta diferença deve ser proporcionalmente maior.

Não vou considerar A3, A4 e A5 em detalhe, pois tudo aquilo que disse a respeito de A2 é aplicável a elas com as devidas modificações. São, essencialmente, classes vazias. Mas vale um breve comentário sobre A6, pois o elemento-β, tratado por identificação projetiva, presta-se a ser usado como um operador. Sua importância fica definida de modo mais preciso comparando-a com D6, E6, F6, G6 e H6, as quais ainda não discuti.

Na situação em que a criança projeta o elemento-β, digamos, o medo de estar morrendo, este é recebido pelo continente de um modo tal que é "desintoxicado", ou seja, modificado pelo continente; assim, a criança pode retomá-lo dentro de sua própria personalidade sob uma forma tolerável. É uma operação análoga àquela desempenhada pela função-α. A criança depende de a Mãe agir como sua função-α.

Colocando em outros termos, o medo é modificado e o elemento-β, como resultado, transformado em um elemento-α. Recolocando isto de um modo ainda menos abstrato, removeu-se do elemento-β o excesso de emoção que havia impelido o crescimento do componente restritivo e expulsivo; daí, efetuou-se uma transformação que capacita a criança a retomar algo que, por conveniência, chamamos de elemento-α, o qual agora serve para ser usado como uma definição ou pré-concepção. A mudança realizada pela mãe que aceita os temores da criança é uma mudança que depois será realizada pela função-α, nas personalidades cujo desenvolvimento tenha sido relativamente bemsucedido. Do mesmo jeito, pode-se descrever a função-α como relacionada à mudança que associei à concepção[1] e ao conceito (E e F neste capítulo), conforme descrevi estas entidades em minha exposição genética.

---

1 Ver o início do Capítulo 6 para a discussão na dinâmica do crescimento, e os Capítulos 18 e seguintes.

CAPÍTULO SETE

Vou representar a tabela[1] delineada no capítulo anterior[2] pelo símbolo ***I***. Não proponho discutir qual significado, caso exista algum, deve ser atribuído às classes representadas por coordenadas como 5.1. Não precisamos supor que tais elementos existam. No entanto, não desejo descartá-los no momento; proponho, na procura dos elementos, reconsiderar os eixos da estrutura[3]. Utilizo o sinal ***I*** tanto para representar a tabela inteira como um, ou mais de um, dos compartimentos que diferenciei pelas coordenadas. Por exemplo, vamos supor que no decorrer de uma análise o material sugira a predominância de ***I***. Esta impressão deveria ter sido obtida como um resultado da atenção livremente flutuante; esse estado de mente se aproxima daquele representado por D4 (uma vez que, em função de minha personalidade e treinamento psicanalítico, eu já estou disposto a entreter certas expectativas). Um estado de atenção, estar sendo receptivo ao material que o paciente está produzindo, aproxima-se a uma pré-concepção; portanto, a mudança da atenção para preconcepção fica representada por um movimento na "grade", de D4 para E4. Caso eu procure confirmar, a partir de outro material, que o paciente esteja apresentando, E3 e E5 entram em ação; caso eu comece a *verbalizar* as minhas impressões, F5 também fica envolvido. Se parece que agora

1 *Table*, no original. (N.T.)
2 Ver o Capítulo 19, discussão a respeito de sentimentos.
3 *Framework*, no original. (N.T.)

é hora de interpretar, nova mudança ocorre; desta vez, em direção a G6, tendo em vista uma formulação destinada a afetar o paciente.

Como aspectos do comportamento do paciente relevantes para a sua análise incidem na classe de fenômenos representados por ***I***, eles serão representados por algumas das categorias tabuladas. Suponhamos que o paciente tenha dito, no início da sessão: "Sei que você não gosta de mim." Posso pensar, a partir do conhecimento que tenho do paciente, que ele está se referindo a algo da sessão anterior. Essa seria então uma teoria que preserva a sua visão de um evento passado. Nesse caso, pode-se considerar que a realização aproxima-se a G3. Mas, se o G3 da sessão me leva a pensar que o paciente, com esse material, pretende alicerçar a suposição de que não gosto dele, então eu iria considerar que seu comentário pertence à categoria representada por G1, ou seja, aproxima-se a uma hipótese definitória.

Se, pelo contexto do enunciado, suponho que sentimentos persecutórios estejam operando, e que o paciente, pelas suas preconcepções, interpreta meu comportamento como evidência desses sentimentos, então seu enunciado recairia nas categorias E4 e F4. No entanto, se considero que o enunciado visa evocar uma confirmação ou refutação, eu o consideraria classificável como G6.

Estive supondo, neste exemplo, que a importância do comportamento do paciente situa-se no domínio de ***I***. Entretanto, até o momento, levei em consideração o conteúdo de seu pensamento a fim de determinar, em um dado caso, qual a categoria em que ele iria recair. Se o contexto da análise mostrava um conteúdo relacionado a uma rivalidade edipiana, as categorias de ***I*** às quais ele pertencia seriam, na maioria dos casos, de importância secundária para determinar a natureza do material edipiano apresentado. Mas se o próprio ***I*** está em questão, a importância do conteúdo reside em sua relevância para determinar a categoria de ***I***. Podemos considerar que em qualquer material psicanalítico todas as categorias da tabela, com possível exceção das séries da linha B, desempenham um papel mais ou menos importante. O leitor pode ver por si mesmo, que existem algumas categorias da tabela onde os pensamentos do analista não deveriam incindir. É difícil imaginar para que o analista precisaria de cálculos, caso estes estivessem disponíveis, exceto talvez para escrever artigos ou para atividades extra-analíticas. Do mesmo modo, mas por motivos diferentes e familiares a todos os analistas, ele não deveria empregar nenhuma das categorias da coluna 2. A tabulação na grade pode ajudar a tornar explícitas características da situação analítica que sempre devem ser atentamente monitorizadas, como possíveis perturbações da análise.

Meu interesse imediato é o uso da "grade" quando o problema que se apresenta é o próprio ***I***. A tabela propõe-se a cobrir de modo abrangente todos os fenômenos que em uma conversa comum poderiam ser descritos como "pensamentos", embora seja possível questionar se é correto descrever algumas categorias deste modo. Como eu disse em outra ocasião[1], parece que pacientes que sofrem de perturbações de pensamento devem suas incapacidades, em parte, a falhas no desenvolvimento dos próprios pensamentos, exemplificadas na tabela pelos elementos-β; em parte, a falhas no desenvolvimento de um aparelho para lidar com pensamentos. Seria fácil dizer que o óbvio a se fazer com pensamentos é pensá-los; é mais difícil decidir o que significa realmente tal afirmação[2]. A afirmação torna-se mais significativa na prática, quando é possível contrastar aquilo que uma personalidade psicótica faz com pensamentos *em vez* de pensá-los; e quanta disciplina e dificuldade envolve, para qualquer pessoa, um certo grau de pensamento coerente. Vou ignorar qualquer uso que se possa dar ao pensamento organizado; em parte, porque já os incluí como fatores na função-***I*** e, em parte, porque a experiência com perturbações do pensamento mostra que a principal importância destes usos em relação às perturbações do pensamento é a de iluminá-las por contraste.

Em primeiro lugar, vou enunciar a teoria em termos de um modelo, como o seguinte: a criança, sofrendo acessos de fome e medo que esteja morrendo, estraçalhada por culpa e ansiedade, impelida por voracidade, evacua e chora. A mãe pega a criança, alimenta-a e a conforta; eventualmente, a criança dorme.

Reformulando o modelo para representar os sentimentos da criança, temos a seguinte versão: a criança, repleta de doloroso amontoado de fezes, culpa, temores de morte iminente, pedaços de voracidade, mesquinharia e urina, evacua estes objetos maus dentro do seio que não está lá. Conforme ela o faz, o objeto bom converte o não-seio (boca) em um seio, as fezes e a urina, em leite; os temores de morte iminente e a ansiedade, em vitalidade e confiança; a voracidade e a mesquinharia, em sentimentos de amor e generosidade; a criança suga de volta suas más propriedades, traduzidas agora em bondade. Proponho, como abstração para corresponder a este modelo, um aparelho para lidar com estas categorias primitivas de ***I***, consistindo em um continente ♀ e em um conteúdo ♂. O mecanismo está

1 Bion, W. R.: *Learning of Experience*. (*Aprendendo da Experiência*).
2 Ver o Capítulo 18, adiante, para mecanismos relacionados com coerência e compreensão.

implícito na teoria da identificação projetiva, na qual Melanie Klein formulou suas descobertas da mentalidade infantil[1]. Proponho, provisoriamente, representar o aparelho para pensar através do sinal ♀♂[2]. ***I*** é o material, por assim dizer, a partir do qual este aparelho é manufaturado. O material com o qual este aparelho destina-se a lidar é ***I***. ***I*** desenvolve uma capacidade para qualquer um de seus aspectos assumir, indiferentemente, a função ♀ ou ♂ para com qualquer outro de seus aspectos, ♀ ou ♂. Agora, devemos considerar ***I*** em sua operação ♀♂, uma operação sobre a qual geralmente falamos, em conversas comuns, como sendo pensamento. Do ponto de vista do significado, o pensar depende da introjeção bem-sucedida do seio bom, responsável originalmente pela *performance* da função-α. A capacidade de qualquer parte de ***I*** ser o ♂ para o ♀ de outra parte de ***I*** depende dessa introjeção. Lidarei, em outro lugar[3], com a importância disto para com explicação e correlação. Resumidamente, pode-se ver que explicação refere-se à atitude de uma parte da mente para com outra; e correlação refere-se à comparação do conteúdo expresso por um aspecto de ***I*** com o conteúdo expresso por outro aspecto de ***I***.

1 Klein, Melanie: *Notes on Some Schizoid Mechanisms*, 1946.
2 Ver o Capítulo 18 e seguintes, sob coerência e compreensão.
3 Ver o Capítulo 18, sobre mecanismos relacionados à coerência e compreensão.

CAPÍTULO OITO

É necessário considerar agora certas contradições e confusões, mesmo que o conhecimento atual possa ser inadequado para resolvê-las. Em primeiro lugar, proponho rever o eixo genético à luz do aspecto da identificação projetiva que representei por ♀♂. Antecipando o que direi no Capítulo 17, vou assumir que a operação ♀♂ seja benigna e, como sugeri, responsável pelos desenvolvimentos implicados pela ordenação genética do eixo letrado de A até H. (Para compreender o que eu quero dizer com operação benigna de ♀♂, ver o modelo na página 40.) A inspeção de A até H, à luz de ♀♂, revela que as categorias mantêm uma relação entre si, pois cada categoria depende de mudanças, na categoria anterior, para que se adapte para operar tanto como uma pré-concepção quanto registro. Assim, E1 depende de que D1 corresponda a uma realização que habilite a formação de uma concepção, a qual, por sua vez, seja capaz de conduzir a F1. Colocando isto em outros termos: o elemento representado por, digamos, D1, está aumentando o escopo de sua função de notação de tal modo que a sua função de atenção também aumenta (emprego os termos "notação" e "atenção" no sentido usado por Freud[1]). Usando a tabela para repetir isto de um modo diferente, D1 se desenvolve por intermédio de estágios, representados por D3 e D4, para tornar-se E1.

---

1 Freud, S. : *Dois Princípios do Funcionamento Mental.*

Portanto, a mecânica da mudança de uma fase a outra — representadas desde A até H — pode ser representada por ♀♂[1]. O vínculo entre as fases representadas pelas categorias, de A até H, é mecânico. E sobre o vínculo dinâmico? Este é representado por L, H e K. A benignidade da operação irá depender da natureza do vínculo dinâmico.

O eixo sistemático de *I*, os usos que se pode dar a uma formulação, consiste em uma série de categorias que poderiam ser estendidas. Já que a formulação permanece a mesma, apenas o uso que se faz dela varia; obviamente, a formulação é o vínculo entre as várias categorias de uso. Na realidade, aquilo que deve ser procurado é a contraparte, no eixo sistemático, do mecanismo que vincula geneticamente a exposição genética. Tal busca envolveria a investigação de mecanismos de evasão e modificação do prazer e da dor; não posso adentrar neles aqui. É provável que o mecanismo por intermédio do qual um uso do eixo 1-6 se transforma em outro uso, seja aquele mecanismo empregado na evasão ou modificação e a dinâmica seja prazer e dor.

As descobertas de Melanie Klein a respeito das posições esquizoparanóide e depressiva requerem uma teoria na qual certos elementos aparentemente não relacionados, associados a sentimentos de perseguição, são reunidos em um todo integrado, associado a sentimentos de depressão. Vou empregar esta teoria em conjunto com o termo "fato selecionado", emprestado de H. Poincaré[2]. Cada uso, classificado sob as categorias 1-6 do eixo sistemático, depende da operação desse mecanismo sobre os elementos desde A até G. Assim, o uso que consiste no emprego de um aspecto das categorias de A até H, para finalidades de pesquisa ou indagação, surgiu em virtude deste mecanismo e torna-se efetivo justamente pelo emprego deste mecanismo. Represento o mecanismo pelo símbolo PS↔Dep. Como antes, o vínculo dinâmico é L, H ou K.

Pode-se descrever o processo de mudança, de uma categoria representada na grade para outra, como um de desintegração e reintegração, PS↔D. A benignidade ou não da mudança efetuada pelo mecanismo ♀♂ depende da natureza do vínculo dinâmico L, H ou K.

Observaremos que no decorrer da discussão — que começou ao se fazer uma distinção entre os pensamentos e o aparelho para utilizá-los, prosseguiu ao atribuir aos pensamentos uma prioridade temporal, de tal

1 Considerações que se seguem irão mostrar que este mecanismo está relacionado a crescimento.

2 Poincaré, H.: *Science and Method*, p. 26. Dover Publications.

modo que eles pudessem ser estudados separadamente do pensar — foi necessário reintroduzir uma mecânica primitiva de pensar, ou algo muito parecido com o pensar, para explicar o desenvolvimento dos pensamentos. De fato, é mais fácil acreditar que o desenvolvimento espontâneo na discussão representa os fatos com maior aproximação à verdade do que no caso de tomarmos a prioridade atribuída aos pensamentos, uma conveniência epistemológica, como uma representação acurada da realidade do pensar. No entanto, existem fundamentos para supor que um "pensar" primitivo, ativo no desenvolvimento do pensamento, teria que ser diferenciado do pensar requerido para o uso de pensamentos[1]. O pensar empregado no desenvolvimento de pensamentos difere do pensar requerido para usar os pensamentos quando desenvolvidos. O último deriva do mecanismo PS↔D, considerado no Capítulo 9[2]. Quando é necessário usar os pensamentos sob as exigências da realidade, seja esta a psíquica ou a externa, os mecanismos primitivos têm de ser dotados de capacidades de precisão, uma demanda da necessidade de sobrevivência. Portanto, temos que considerar tanto o papel desempenhado pelos instintos de vida e de morte, como o desempenhado pela razão; esta, que em sua forma embrionária, sob a dominância do princípio do prazer, destina-se a servir como escrava das paixões, foi forçada a assumir uma função similar à de senhora das paixões e matriz[3] da lógica. Pois a busca por satisfação de desejos incompatíveis levaria à frustração. Ultrapassar com sucesso o problema de frustração implica ser razoável; uma frase como "os ditames da razão" pode veicular a expressão de reação emocional primitiva de uma função cuja intenção é não frustrar. Portanto, os axiomas da lógica têm suas raízes na experiência de uma razão que fracassa em sua função primária de satisfazer as paixões, do mesmo modo que a existência de uma razão poderosa pode refletir uma capacidade dessa função de resistir às investidas de seus senhores frustrados e ultrajados. Estas questões terão de ser consideradas à medida que a dominância do princípio da realidade estimula o desenvolvimento do pensamento e do pensar, da razão, e da consciência da realidade psíquica e ambiental.

1 Ver crescimento e interação de ♀♂ e PS↔D no Capítulo 18.
2 E nos Capítulos 18 a 20.
3 *The parent of logic*, no original. (N.T.)

CAPÍTULO NOVE

O mecanismo de identificação projetiva capacita a criança a lidar com emoção primitiva, contribuindo assim para o desenvolvimento de pensamentos. O interjogo entre as posições esquizoparanóide e depressiva também está relacionado ao desenvolvimento dos pensamentos e do pensar. Foi assinalado (por Melanie Klein e Segal) que a formação simbólica está relacionada à posição depressiva. Isto é compatível com uma conexão entre uma capacidade para pensar e o interjogo entre as duas posições. Pareceria existir uma conexão entre PS↔D e ♀♂, embora a falta de semelhança torne difícil ver qual forma a conexão, caso exista alguma, assumiria[1]. A reunião de elementos que aparentemente não têm nenhuma conexão fatual ou lógica, de modo que a conexão entre eles seja exibida e uma insuspeita coerência revelada, como no exemplo de Poincaré[2], é característica de PS↔D. A operação de PS↔D é responsável por revelar a relação dos "pensamentos" já criados por ♂♀. Mas, de fato, parece que PS↔D gera pensamentos tanto quanto ♂♀. O desenvolvimento requer um exame algo detalhado.

A observação mais precoce que fui capaz de fazer parecia sugerir que o desenvolvimento do pensar através de PS↔D dependia da produção de sinais. Isto quer dizer que o indivíduo teria que reunir elementos para for-

1 Ver o Capítulo 18, adiante, na discussão sobre o crescimento.
2 Poincaré, H.:*Science and Method*. p. 30. Dover Publications.

mar sinais e, então, reunir os sinais antes de poder pensar. Neste caso, não apenas o falar, mas também o pensar, seriam precedidos pelo "escrever". Seu discurso real ficava incompreensível se eu tentasse desvendá-lo aplicando meu conhecimento de vocabulário e gramática comuns. Seu discurso ficava mais significativo se eu pensasse nele como sendo um rabisco sonoro, mais um assobiar à-toa e sem tom; não poderia ser descrito como discurso, discurso poético ou música. Assim como um assobiar à-toa não chega a ser música por não obedecer a nenhuma regra ou disciplina da composição musical, assim como o rabisco não chega a ser um desenho por não estar de acordo com a disciplina de criação artística, assim também a sua fala, por não obedecer aos padrões do discurso coerente, não se qualifica como comunicação verbal. As palavras empregadas caem em um padrão sonoro indisciplinado[1]. O paciente acreditava poder ver este padrão, pois acreditava que as palavras e frases que emitia estavam incorporadas aos objetos da sala. Ele emitia objetos fatuais, e não frases; o padrão formado revelava, supostamente, o significado desses objetos, significado que agora o paciente esperava poder revogar. Notar-se-á a semelhança disto com identificação projetiva.

O procedimento que acabei de descrever qualifica-se como uma tentativa de estabelecer pensamento porque, apesar das verbalizações parecerem referir-se a objetos presentes e dependerem da presença destes, o exame mostrava que os objetos estavam sendo utilizados como sinais para possibilitar pensar sobre objetos que *não* estavam presentes. Neste aspecto, os objetos na sala estavam sendo usados do mesmo modo que um matemático poderia empregar a notação matemática para resolver um problema, sem ter que se basear na presença física dos objetos em que o problema estava centrado. Normalmente, se um homem desejasse saber quantas maçãs haveria no caso de quatro homens possuir três maçãs cada, ele não iria precisar da presença dos homens e das maçãs, pois poderia empregar uma notação e as regras matemáticas para manipular seus sinais. Caso o paciente que exibe as características que descrevi tivesse sido capaz de empregar com sucesso os objetos na sala, poderia ter "pensado sobre" objetos que *não* estavam na sala. É importante notar que, nesse exemplo, os objetos na sala eram sinais, e não símbolos. Se o paciente tem de aguardar o aparecimento de objetos apropriados antes de poder pensar, estes são inadequados como sinais; se estes não são os objetos correntes,[2] sobre os quais

1 Ver adiante: coerência e significado.
2 "Actual", no original. (N.T.)

ele está tentando "pensar", representam então uma tentativa de inventar e empregar sinais. Nesse sentido, *este* emprego de objetos correntes representa um grau de libertação em relação a um estado de mente em que é imperativo o emprego de objetos fatuais.

Sente-se que existe, em meio a esses objetos-sinais, como vou denominá-los por conveniência, um objeto que a todos harmoniza: em virtude de suas supostas funções, assemelha-se ao "fato selecionado" de Poincaré. Difere do fato selecionado, conforme utilizo o termo, pelo aspecto em que o paciente não sente que ele seja diferente de uma coisa em si, e esse elemento-β, diversamente do fato selecionado, depende de uma ocorrência externa fortuita.

É tentador supormos que a transformação do elemento-β em elemento-α dependa de ♀♂, e que a operação de PS↔D dependa da operação prévia de ♀♂. Infelizmente, esta solução relativamente simples não explica adequadamente os eventos no consultório; antes que ♀♂ possa funcionar, é necessário encontrarmos ♀, e a descoberta de ♀ depende da operação de PS↔D. Obviamente, considerar qual dos dois, ♀♂ ou PS↔D, é anterior nos distrai do problema principal. Vou supor a existência de um estado misto, no qual o paciente é perseguido por sentimentos de depressão e deprimido por sentimentos de perseguição. Estes sentimentos são indistinguíveis de sensações corpóreas e do que, à luz de uma posterior capacidade de discernimento, poderia ser descrito como coisas-em-si. Resumindo, elementos-β são objetos compostos de coisas-em-si, sentimentos de perseguição-depressão e culpa e, portanto, de aspectos da personalidade vinculados por um sentido de catástrofe[1]; uma elaboração mais plena terá de aguardar por descobertas clínicas.

Não reivindico a existência de uma realização que corresponda à descrição que faço a seguir: devemos considerá-la como uma representação de uma hipótese necessária para dar coerência a diversas observações clínicas.

Os elementos-β encontram-se dispersos; o término dessa dispersão dependeria de PS↔D e um fato selecionado, a não ser que o paciente procure por um continente, ♀, que force a coesão dos elementos-β para formar o conteúdo, ♂.

Os elementos-β dispersos, à medida que procurem ♀, podem ser considerados como um protótipo abortivo de um continente, um continente

1 Existe um paralelo curioso em uma descrição feita por R.B. Onians (*Origins of European Thought*, p. 369, Cambridge University Press), das idéias gregas do enigma e da esfinge.

estruturado frouxamente, como o *reticulum* descrito pelo Dr. Jaques. Eles podem ser igualmente considerados como o protótipo abortivo de um conteúdo, um ♂ frouxamente estruturado, antes da compressão para entrar em ♀.

Pode-se recolocar a descrição em termos de PS↔D: a coesão de elementos-β para formar ♂ é análoga à integração característica da posição depressiva; a dispersão de elementos-β é análoga à clivagem e fragmentação características da posição esquizoparanóide.

Recolocando a descrição acima em termos mais sofisticados: a dispersão de elementos-β tem alguma analogia com a correspondência de uma preconcepção a uma realização para produzir uma concepção; a expectativa de um seio correspondendo à realização do seio.

Embora a compressão de elementos-β para formar ♂ e a sua dispersão para formar um ♀ de trama frouxa (um *reticulum* em busca de ♂) seja sugestiva de PS↔D, ela não pode, de fato, ser considerada como equivalente, pois elementos-β carecem da valência necessária para uma verdadeira integração. O interjogo entre as posições esquizoparanóide e depressiva pertence a uma etapa em que os elementos podem ser integrados, e a integração pode ser representada por formulações verbais compostas de palavras articuladas. Tais enunciados representam a realização tanto pela natureza como pelo conteúdo de suas formulações. A concentração de elementos-β aproxima-se mais de uma aglomeração do que de uma integração ou coerência: a depressão e a perseguição associadas são, do mesmo modo, incoerentes.

Caso os elementos-β dispersos não encontrem nenhum continente (o seio, provavelmente, é modelo correspondente a ♀) os elementos-β dispersos, funcionando, conforme vimos, como um *reticulum* frouxamente tecido (em busca de um conteúdo) como que se tornam, de um modo muito mais ativo, deprimidos-perseguidos e vorazes. O objeto expelidor, o centro desses elementos-β, já empobrecido pela dispersão, é então ameaçado de aniquilação por seus elementos-β evacuados, uma vez que os elementos dispersos ficam buscando saturação. Os desenvolvimentos que a isto se seguem foram descritos por Melanie Klein e seus colaboradores e não precisam nos deter agora. Meu objetivo principal é estabelecer a relação teórica entre a teoria da identificação projetiva e a teoria das posições esquizoparanóide e depressiva.

CAPÍTULO DEZ

No segundo parágrafo do último capítulo, descrevi um comportamento destinado a desenvolver pensamentos pela interação de PS↔D e objetos na realidade externa que foram considerados como elementos-β. Comparei o processo ao rabiscar ou escrever, como um método de evacuar objetos que poderiam então ser inspecionados ou tratados de maneira tal que esses objetos produzissem um significado. Descrevi este processo como parte do desenvolvimento de uma capacidade para pensar, sendo que a manipulação dos elementos-β pelo mecanismo PS↔D também poderia ser considerada como uma etapa no desenvolvimento da autoconsciência; pois sente-se que os elementos-β contêm uma parte da personalidade em sua composição. Quando reconsiderarmos o que são os elementos de psicanálise, veremos que a importância disso está no fato de aqueles elementos, supostamente, possuírem certas características como voracidade, amor, ódio, inveja, curiosidade. Os mecanismos envolvidos nestes fenômenos primitivos podem ser considerados, em sua forma mais simples, como PS↔D (ou fragmentação↔integração) e ♀♂ (ou expulsão↔ingestão). Vou descrever agora estes mecanismos, reformulando-os em termos de modelos.

PS pode ser considerada como uma nuvem de partículas capazes de se reunir, D; e D pode ser considerada como um objeto capaz de se tornar fragmentado e disperso, PS. Pode-se considerar as partículas, PS, como uma nuvem de incerteza. Pode-se considerar que essas partículas elementares se aproximam de uma partícula elementar, objeto, ou elementos-β,

um processo que é um caso específico do movimento geral representado por →D.

D pode ser considerada de vários modos: como um objeto integrado, como uma aglomeração produzida pela convergência de partículas elementares para uma partícula ou elemento-β ou como um exemplo especial de um objeto integrado, a saber, tanto ♀ ou ♂. Pode até mesmo ser adotada para representar o universo de fragmentações dispersas ou partículas elementares PS. Equivale dizer: se a característica significativa for o *campo* de fragmentações, então D pode representar todo o campo de partículas elementares.

PS pode funcionar como se fosse uma forma de ♀. Uma realização correspondente a esta abstração pode ser vista na prática, quando um paciente parece despejar uma série de associações incoerentes, desarticuladas e desconexas, cuja finalidade é estimular o analista a fazer uma formulação para preencher uma das seguintes funções: (1) um fato selecionado para dar coerência ao todo (uma interpretação); (2) um comentário significativo, do qual será extraído o significado; (3) um comentário significativo, ao qual as associações desconexas irão se fixar para destruir o significado (O paciente pode retrucar, "E daí?", à resposta que ele suscitou no analista); (4) um comentário significativo ao qual as associações desconexas irão se fixar para possuí-lo. (O paciente aparentemente não responde mas, imediatamente, apresenta o pensamento do analista como se fosse seu.)

Em suma, ambos os mecanismos podem operar segundo seu modo característico ou de um modo típico ou que lembre o modo de operação do outro. Pode-se pensar que a descrição que dei de PS, operando como uma forma de ♀ represente uma situação na qual o mecanismo PS↔D ficou detido em PS; mas, para manter sua função vital, assume a qualidade operativa da mecânica de ♀♂, retendo assim sua qualidade dinâmica. Do mesmo modo ♀♂ pode assumir a qualidade operativa peculiar a PS↔D[1].

Da última parte do Capítulo 7 em diante estive interessado na mecânica do pensar. Propus que os pensamentos fossem considerados anteriores ao aparelho para usar pensamentos; no decurso da discussão modifiquei este ponto de vista, sugerindo que o termo "pensar" teria de ser usado para descrever os processos por meio dos quais pensamentos são produzidos e os processos pelos quais, em seguida, lida-se com os pensamentos. Se

1 Em particular ingestão de ♂ por ♀, e penetração de ♀ por ♂substitui algumas das funções do fato selecionado.

tivermos que usar o termo "pensar" para abarcar tanto a produção como o emprego de pensamentos, teríamos que diferenciá-lo de modo que as atividades de criação e emprego possam ser consideradas separadamente. Considerei então PS↔D e ♀♂ separadamente, como mecanismos referentes à elaboração e ao emprego de pensamentos. Finalmente, tentei mostrar que PS↔D e ♀♂ não devem ser considerados como representantes de uma realização de duas atividades separadas, mas como mecanismos que podem, quando necessário, assumir cada um as características do outro. Em tudo isto, só me ocupei do conteúdo na medida em que este ajudasse a ilustrar os mecanismos. Antes de me dirigir ao conteúdo, devo assinalar uma dificuldade no uso do termo, "conteúdo". Ele é, claramente, apropriado a hipóteses do tipo que representei por ♀♂. Já tivemos dificuldades inerentes ao uso de termos tais como "mecanismo", em função do modelo implicado e de sua inadequação para veicular um significado, quando a vida é um elemento essencial no significado a ser expresso. A dificuldade envolvida no uso do termo, "conteúdo" é similar. Embora eu vá falar da situação edipiana como se ela fosse o conteúdo de pensamentos, vai ficar claro que podemos considerar os pensamentos e o pensar como parte do conteúdo da situação Edipiana. O termo "situação Edipiana" pode ser aplicado à (1) realização dos relacionamentos entre pai, mãe e criança; (2) pré-concepção emocional, usando o termo "pré-concepção" do mesmo modo que eu o utilizei aqui, como aquilo que se corresponde com a percepção de uma realização, para dar origem a uma concepção; (3) uma reação psicológica estimulada em um indivíduo por (1), acima. Confio que o contexto irá deixar claro em qual destes sentidos emprego o termo.

Freud usou o mito de Édipo de um modo que iluminou mais do que a natureza de facetas sexuais da personalidade humana. Graças às suas descobertas é possível ver, pela revisão do mito, que ele contém elementos não enfatizados nas investigações iniciais, por terem sido eclipsados pelo componente sexual do drama. Os desenvolvimentos da psicanálise tornaram possível dar mais peso a outras características. Em primeiro lugar o mito liga, em virtude de sua forma narrativa, os vários componentes na história de um modo análogo ao da fixação dos elementos de um sistema dedutivo científico pela sua inclusão no sistema: é semelhante à fixação dos elementos no cálculo algébrico correspondente, onde tal cálculo existe. Nenhum elemento, tal como o sexual, pode ser compreendido salvo em sua relação com outros elementos; por exemplo, com a determinação de Édipo de prosseguir sua investigação do crime, apesar dos avisos de Tirésias. Conseqüentemente, não é possível isolar o componente sexual, ou qualquer

outro, sem distorção. Só é possível descrever a qualidade[1] que sexo tem na situação edipiana pelas implicações que lhe são conferidas pela sua inclusão na história. Caso sexo seja removido da história, ele perde sua qualidade, a menos que seu significado seja preservado por uma cláusula expressa, que "sexo" é um termo usado para representar sexo do modo com que este é experimentado no contexto do mito. O mesmo vale para todos os outros elementos que se prestam a ser abstraídos do mito[2]. Estando interessado em elucidar os elementos de psicanálise, vou considerar a seqüência causal, conforme expressa no mito, como um elemento, se pensarmos que é necessário abstraí-la; mas, por outro lado, esta seqüência é subordinada à função de vincular todos os elementos, de modo a conferir-lhes uma qualidade psíquica específica. Neste aspecto, os elementos sofrem modificações análogas às das letras de um alfabeto, combinadas para formar uma palavra específica. A combinação dos elementos na história é análoga à combinação de hipóteses em um sistema dedutivo científico.

O encadeamento causal é necessário para expressar o sistema moral do qual ele é parte integrante. O enigma, atribuído tradicionalmente à Esfinge, é uma expressão da curiosidade do ser humano a respeito de si mesmo. Um atributo essencial da história é a autoconsciência ou a curiosidade da personalidade sobre a própria personalidade: assim sendo, a investigação psicanalítica tem origens de venerável antigüidade. A curiosidade tem o mesmo *status* que nos mitos do Jardim do Éden e da Torre de Babel — é um pecado. Deixando de lado a cadeia narrativa da história, exceto pela sua contribuição em unir os componentes entre si, eu isolo os seguintes elementos:

1. O pronunciamento do Oráculo de Delfos.
2. O aviso de Tirésias, cego por ter atacado as serpentes, cuja cópula observou.
3. O enigma da Esfinge.
4. A conduta imprópria de Édipo, por ter prosseguido a sua investigação de modo arrogante; assim torna-se culpado de *hubris*[3].

1 Este ponto torna-se mais claro quando discuto o conteúdo ideativo de um enunciado como um método de expressar sentimento. Ver os Capítulos 19 e seguinte.

2 Particularmente curiosidade — vínculo K.

3 *Hybris*, no original. Optamos por grafar em itálico, pelo fato de esse termo não constar nos dicionários de português consultados. Orgulho arrogante ou presunção; na tragédia grega: orgulho excessivo ou desafio em relação aos deuses, levando à nêmesis. (N.T.)

A estes, acrescenta-se uma série de desastres:

5. A praga infligida à população de Tebas.
6. Os suicídios da Esfinge e de Jocasta.
7. A cegueira e exílio de Édipo.
8. O assassinato do Rei

É digno de nota que:

9. A pergunta original é proposta por um monstro, ou seja, por um objeto composto de algumas características impróprias umas às outras.

Isto conclui minha breve revisão do mito de Édipo à luz da teoria psicanalítica. Vou considerar em que aspecto é significativo considerar o mito de Édipo como um componente importante do conteúdo da mente humana.

CAPÍTULO ONZE

Ao discutir o mito de Édipo como uma parte do conteúdo da mente, encontramo-nos, desde o princípio, com dificuldades específicas. A primeira dificuldade é caracterizada, nesse contexto, pelo emprego de uma locução que implica o modelo de um continente. A segunda dificuldade é o aspecto específico do mito, em que os seguintes elementos parecem corresponder ao eixo numérico da "grade":

1. O pronunciamento do oráculo define o tema da história e pode ser considerado como uma definição ou hipótese definitória. Ele se assemelha a uma pré-concepção ou a um cálculo algébrico, por ser uma "formulação insaturada" que é "saturada" pelo desdobramento da história; ou, na acepção matemática, a uma "incógnita" que é "satisfeita" pela história. O que tem de ser desdobrado é o enunciado do tema da história; a descrição do criminoso procurado.
2. Pode-se considerar Tirésias como representante da hipótese, sabidamente falsa, que é sustentada para agir como uma barreira contra a ansiedade, a qual é prevista acompanhar qualquer hipótese ou teoria que poderia substituí-la.
3. O mito, como um todo, pode ser tomado como o registro de uma realização, preenchendo portanto a função que Freud atribui à notação.

4. A Esfinge estimula a curiosidade e inflige pena de morte a quem fracassa em satisfazê-la. Ela pode representar a função que Freud atribuiu à atenção, mas implica uma ameaça contra a curiosidade que estimulou.
5. Édipo representa o triunfo da curiosidade resoluta sobre a intimidação; sendo assim, é possível usá-lo como um símbolo para a integridade científica — o instrumento de investigação.

Pode parecer que eu esteja forçando o mito a se encaixar nas minhas próprias concepções, mas não é preciso grande astúcia para enxergar essas facetas do significado. O modo clássico com que a psicanálise emprega o mito, ilumina a natureza dos vínculos L e H; ilumina igualmente o vínculo K. Características que podem servir como símbolos para a mecânica do pensar contribuem para minha suspeita, de que é inadequado considerar a situação edípica como uma parte do *conteúdo* da mente. Proponho suspender, temporariamente, a discussão da concepção da mente como tendo conteúdo, até que tenha lidado com o mito de Édipo em sua função de pré-concepção[1].

Volto-me agora a uma experiência clínica em que o analista e o analisando parecem estar falando a mesma língua, ter vários pontos de acordo e, contudo, permanecer sem qualquer outro laço além do fato mecânico, continuar comparecendo às sessões analíticas. O progredir da análise revela uma divergência que irei sumarizar da seguinte maneira:

O analista está, e pensa estar, em um consultório conduzindo uma análise. O paciente considera o mesmo fato, seu comparecimento à análise, como uma experiência que lhe fornece o material bruto que dá substância a um sonho diurno. O sonho diurno, assim investido de realidade, é que o paciente, por ser extremamente intuitivo, é capaz de ver com exatidão, sem qualquer análise, onde residem suas dificuldades e assombrar e deliciar o analista com seu brilho e cordialidade. O paciente relata, e o analista acredita, que ele, o paciente, teve um sonho. O paciente relata, mas NÃO acredita, que teve um sonho. O paciente sente que o sonho, uma experiência de grande intensidade emocional, é um claro relatório dos fatos de uma experiência horripilante[2]. Ele espera que o analista, ao tratar esta experiência como um sonho que requer interpretação, venha a dar substância ao seu

1 Ver abaixo, Capítulo 15, próximo ao final, e Capítulo 19, sobre a função do mito como uma pré-concepção inata destinada a se combinar com a realização da relação parental.

2 Para a categorização desse fenômeno na "grade" ver a discussão que se segue, no Capítulo 19 sobre a aplicação da "grade" aos sentimentos.

sonho diurno — que era apenas um sonho. Em suma, o paciente está mobilizando seus recursos, e estes incluem o fato da análise, para bloquear sua convicção de que o sonho não só era, mas é, a realidade; e que a realidade, como o analista a compreende, é algo a ser valorizado apenas por aqueles elementos que servem para refutar o "sonho".

Esse relato não é uma nova teoria de sonhos, mas uma descrição de um estado visto em um paciente extremamente perturbado, embora provavelmente de ocorrência bastante comum. O "sonho", estando ou não corretamente descrito pela inclusão na categoria de sonhos, é algo que iria emergir na sessão como uma alucinação, caso a capacidade do paciente para o sonho diurno se enfraquecesse.

A descrição não consegue revelar uma especificidade marcante de tal situação, ou seja, o quanto o analista e o paciente concordam sobre os fatos. Mas o acordo a respeito dos fatos é similar ao acordo que duas pessoas poderiam ter a respeito da disposição de linhas, luz e sombra em um desenho ilustrando perspectiva reversível — uma vê um vaso enquanto a outra vê duas faces: então, quais são os fatos sobre os quais as duas concordam?

Pode-se supor, no exemplo da perspectiva reversível, que o acordo esteja nas impressões visuais reais; a divergência, no domínio das pré-concepções. Talvez isso pudesse representar de modo razoável a situação com o paciente, mas esse é um assunto a ser determinado pela observação clínica de cada um dos casos em que tais fenômenos aparecem. Prefiro não baixar uma regra geral. O princípio teria que ser: a observação clínica deve determinar onde está a interseção dos pontos de vista do analista e do paciente.

A importância do acordo entre analista e paciente reside no fato de que o acordo é óbvio e ululante, mas a discordância, que pode ser tão ululante quanto, não é de modo algum óbvia. Ela reside no uso que o paciente faz dos fatos sobre os quais houve acordo, para negar aquilo que ele está convencido de que sejam os fatos. Portanto, o conflito entre os pontos de vista do paciente e do analista, e paciente com ele mesmo, não é um conflito como os que vemos nas neuroses, entre um conjunto de idéias e outro, ou entre um conjunto de impulsos e outro, mas entre K e menos K (–K) ou, para expressá-lo de modo pictórico, entre Tirésias e Édipo e não entre Édipo e Laio.

O ponto de vista do senso-comum a respeito do desenvolvimento mental é que esse consiste em um aumento da capacidade para captar a realidade e em um decréscimo na força obstrutiva das ilusões. A psicanálise supõe que haja efeitos terapêuticos ao expormos as fantasias arcaicas à modificação, por meio de uma sofisticada capacidade de aproximá-las de uma série de teorias, teorias que são consistentes e compatíveis com a

recepção e a integração de acréscimosde experiência. Esta suposição não consegue resistir ao exame rigoroso, mas tem de ser recebida com indulgência para que produza significado útil. Será possível encontrar alguma descrição em que o rigor científico compense a falta de indulgência? A possibilidade de interromper os processos de deterioração da mente e da personalidade, como esses termos são compreendidos, do ponto de vista médico, depende da resposta a essa questão. O primeiro problema é ver o que pode ser feito para incrementar o rigor científico através do estabelecimento da natureza de menos K (–K), menos L (–L) e menos H (–H). Vou começar considerando a mecânica do pensar. Não vou mais considerar o mecanismo ♀♂ pois não desejo acrescentar nada mais ao que já disse sobre o despojamento de cada um desses componentes pelo outro. O mecanismo PS↔D pode ser tratado sumariamente da seguinte maneira: ao invés de uma interação envolvendo a dispersão de partículas com sentimentos de perseguição (Capítulo 8) e integração com sentimentos de depressão, temos em – PS↔D desintegração, total perdição e estupor depressivo, *ou,* impacto intenso e violência estuporosa degenerada. Embora essas descrições de – ♀♂ e – PS↔D sejam incompletas, elas podem ser utilizadas até que haja mais experiência disponível. Preciso considerar agora a natureza do mecanismo que equiparei à perspectiva reversível.

Clinicamente o quadro que se apresenta é curiosamente desconcertante. Em geral não há dúvidas a respeito do quão severas são incapacidades do paciente, mas até o próprio paciente tem dificuldades de dizer por que procura análise. Também pode ocorrer que inicialmente se subestime o quão severa é a pertubação. Mas logo, tanto a falta de contato entre analista e paciente como a de sinais de conflitos comuns começa a constituir um quadro inequívoco. Existem evidências de que o paciente é uma presa de experiências emocionais extremamente dolorosas: o analista usualmente tem de confiar no relato do paciente, como a única evidência destas. Quando elas ocorrem na sessão, o paciente invariavelmente tem uma "explicação" fácil a respeito do que está ocorrendo. A explicação, freqüentemente, é acomodada em termos que disfarçam, com êxito, a real natureza da experiência. Se o paciente está em análise há algum tempo, as explicações são manipuladas de tal modo que convidam o analista a interpretar nos termos que o paciente aprendeu a esperar dele — mantém-se assim o "acordo" a respeito da interseção. Deste modo fica estabelecida entre o analista e o paciente o que, em outro lugar[1], chamei

1 Bion, W.R.: *Learning from Experience.* Heinemann.

de uma barreira de contato[1]. Será possível coletar algum material dos mecanismos envolvidos nesse comportamento que ilumine os fenômenos menos (–L, –H, –K) e, eventualmente, o problema de estabelecer os elementos de psicanálise?

---

1 Em *Aprendendo com a Experiência* Bion usa a denominação "barreira de contato" de dois modos diferentes. O termo, cunhado por Freud para descrever a entidade neurofisiológica que depois foi chamada de sinapse, é usado por Bion para descrever a barreira entre consciente e inconsciente, barreira em processo de formação constante, pela proliferação e coesão dos elementos-α; esta barreira assinala os pontos de contato e separação entre elementos conscientes e inconscientes, originando a distinção entre eles. O termo "barreira de contato" enfatiza o contato entre consciente e inconsciente e a passagem seletiva de elementos de um para o outro (Capítulo 8, página 17). Em outro momento (Capítulo 9, página 22) Bion fala de um outro tipo de divisão de coisas, algo que fica como que pairando entre analista e analisando, mas que não oferece resistência à passagem de elementos de uma zona à outra. Bion postula que essa barreira, inadequada para o estabelecimento de consciente e inconsciente, seria por sua vez, em concomitância à barreira de contato anteriormente descrita e constituída por elementos-α, formada, por assim dizer, por elementos-β, destituídos da capacidade de se vincular em entre si, com manifestações clínicas específicas. Passa a denominá-la de tela-β. (N.T.)

CAPÍTULO DOZE

O modelo da perspectiva reversível, quando aplicado à analise, revela uma situação complexa. O paciente detecta uma nota de satisfação na voz do analista e responde em um tom que veicula desalento. (Aquilo que foi dito é irrelevante para nosso interesse imediato.) O paciente detecta uma pressuposição moral em uma interpretação: a sua resposta é significativa pela rejeição silenciosa que faz da suposição moral. Aquilo que faz com que uma pessoa veja duas faces e a outra veja um vaso permanece intangível, mas, no domínio das impressões sensoriais, há acordo. A interpretação é aceita, mas as premissas foram rejeitadas e substituídas silenciosamente por outras.

Em qualquer interpretação há uma pressuposição significativa, sendo que uma delas é que o analista é o analista: essa pressuposição pode ser negada silenciosamente pelo paciente. Embora pareça aceitar a interpretação, ele nega sua força, por tê-la substituído por outra pressuposição. Associações posteriores podem mostrar qual é a *sua* pressuposição.

Portanto, a discussão entre analista e analisando não é verbalizada[1]; ambas as partes concordam sobre o que o analista fala, mas — isto é insignificante. Portanto, o conflito não entra em discussão pois restringe-se a um domínio que não é considerado como uma divergência entre analista e

---

1 O analista consegue detectar essa situação se usar a "grade" para categorizar as interpretações e as respostas que elas evocam e então comparar a relação entre as respectivas categorias da "grade". Ver Capítulo 20.

analisando. O pressuposto de que o analista é o analista e o analisando é o analisando é apenas um dos domínios em que se contorna silenciosamente a discordância.

Suponhamos que isto se introduza na análise: o paciente e o analista concordam imediatamente, pois que outra proposição seria mais óbvia, ou que o paciente aceitaria com mais fidelidade? Mas a maneira de aceitá-la indicará que, na opinião do paciente, a importância da interpretação do analista baseia-se nas premissas do analista — sua falsas premissas. A natureza da falsidade não é salientada: reside no subentendido de que as premissas são do tipo que leva uma pessoa a ver duas faces quando ela, com o mesmo direito, poderia ter visto um vaso.

O fenômeno que estou descrevendo difere de uma divergência de opinião sobre a importância de fatos conhecidos; em tais ocasiões a diferença é clara e diz respeito aos fatos. Na "perspectiva revertida" a discordância entre analista e analisando fica aparente apenas quando o analisando parece ter sido pego desprevenido; há uma pausa, enquanto ele leva a cabo um reajuste.

A pausa parece ser indistinguível da pausa que um paciente neurótico faria, para digerir a interpretação que ouviu. Duvido que a verdadeira natureza da pausa possa ser observada clinicamente; pode ser que uma habilidade para diferenciá-las dependa sempre de longa experiência com as pausas do paciente e da descoberta, mais tardia do que imediata, que, depois de vários meses de uma análise aparentemente bem sucedida, o paciente adquiriu um amplo conhecimento das teorias do analista, mas nenhum *insight*. A pausa não está sendo empregada para absorver plenamente as implicações da interpretação mas, antes, para estabelecer um ponto de vista que não é expresso ao analista; a partir deste ponto de vista, a interpretação do analista, embora não tenha sido modificada verbalmente e nem questionada, tem um outro significado além daquele que o analista pretendeu veicular. Qualquer crescimento de *insight* depende do quanto o paciente foi forçado a digerir a interpretação, de modo a efetuar a mudança em seu ponto de vista. Tal interpretação distorcida difere do fluxo comum de resistências; o paciente, com freqüência, irá se apegar a uma ambigüidade na frase ou entonação do analista para dar à sua interpretação um viés que o analista não pretendia. É difícil observar a diferença, pois o paciente que reverte a perspectiva também emprega os modos usuais de distorcer a interpretação, com freqüência suficiente para obscurecer a condição mais séria. Ele irá receber bem as interpretações desses mal-entendidos caso elas

enfatizem os aspectos intencionais da sua contribuição; fica aliviado ao acreditar que sua dificuldade está sob controle consciente.

Segue um exemplo da análise de um homem inteligente que dava a impressão, sessão após sessão, de estar cooperando de um modo que era tanto cordial quanto instruído — desde que suas respostas não fossem examinadas com muita agudeza. "Meu secretário", dizia, "queixa-se amargamente de sua esposa: ele diz que ela não o compreende. Diz que ela se queixa dele constantemente: críticas amargas e hostilidade sobre sua falta de compreensão, incapacidade para amar e assim por diante..." No contexto desta e de outras comunicações semelhantes, das quais consistia a sua análise, era evidente que seria possível discutir uma ampla gama de fenômenos transferenciais. Seria razoável supor, em vista da experiência que esse paciente tinha de análise e de sua indubitável aptidão e sensibilidade, que ele iria observar uma relação de transferência entre ele mesmo e seu secretário e que seria capaz de compreender o que estaria implicado em sua comunicação sobre os seus sentimentos a meu respeito. Em várias ocasiões, sua maneira de comunicar associações me fez suspeitar que ele poderia ter inventado os episódios descritos para ilustrar uma teoria de transferência que ele foi coletando no decorrer de sua análise.

Dei interpretações a essas comunicações e a outras comunicações similares, todas elas, como esperava, razoavelmente apropriadas e convincentes, dado o contexto. Suas respostas eram variadas; iam de um silêncio quase pasmo a uma aquiescência apática, aos quais se seguia mais material — mais "associações livres". Algumas vezes ele dizia que, durante o silêncio, tinha ficado "pensando" durante o silêncio "sobre o que você disse". Algumas vezes, discordava da interpretação ou de algum aspecto dela e então, como se fizesse um esforço para alcançar uma solução, mudava de opinião para concordar que eu provavelmente estava certo; não — com toda certeza, certo. Em outras ocasiões, quando eu sentia que ele, seguramente, devia estar familiarizado com minha interpretação, concordava brandamente, como se ela fosse um clichê que dificilmente perturbaria seus pensamentos. Somente quando fui capaz de sugerir que ele fazia esse tipo de comunicação por sentir que os episódios mencionados lhe eram extremamente incompreensíveis, produziu uma resposta que mostrou que, de fato, era esse o caso. Um fracasso tão absoluto para compreender, sempre seria notável; mas duplamente, em um homem que tinha tido tanta experiência de ser analisado. Isto não poderia ser explicado por falta de inteligência, falta de sensibilidade, falta de experiência ou inépcia da minha

análise; pois os exemplos que ele comunicava eram quase todos do tipo que poderia ter sido escolhido para ilustrar teorias psicanalíticas.

Esta última característica dessas comunicações é, nesse contexto, particularmente desconcertante: se o paciente não tem nenhuma perspicácia psicanalítica, como explicar a evidência de uma seleção cuidadosa, adequada aos princípios psicanalíticos? Caso se admita a evidência da seleção, como explicar o fracasso na compreensão?

Eu excluo a hipótese de negação intencional, consciente ou semiconsciente, do trabalho do analista. A minha razão, da qual vou falar mais tarde, é a evidência de dor. Após as interpretações terem estabelecido a realidade da incapacidade do paciente para compreender, houve ampla evidência da severidade de sua dor.

Em cada caso, a perspectiva que me capacitou, mas não ao paciente, captar o significado das associações, foi fornecida pela teoria edipiana. Em todos os casos, aquilo que parecia fazer com que o paciente revertesse a perspectiva, era o mito de Édipo. Eu digo mito e não teoria porque a distinção é importante: a teoria edipiana e suas várias formulações pertencem à área da grade coberta por F4, G4, F5, G5. O mito pertence à área C.

A capacidade do paciente para aprender as teorias psicanalíticas, mas não para usá-las, é uma falha em combinar pré-concepções com realizações que delas se aproximem. O elemento insaturado permanece insaturado.

Melanie Klein descreveu uma situação na qual a personalidade ataca seu objeto com tanta violência que acredita ter fragmentado cominutivamente não só o objeto mas a personalidade também. Na situação que descrevi parece não haver *splitting* dinâmico. É como se o *splitting* ficasse aprisionado em uma postura de ação estática, não sendo mais necessário, como quando a alucinação substitui a realidade. O paciente não tem de discordar do analista ou experimentar conflitos edípicos dentro de si: ele reverte a perspectiva. É importante considerar de modo mais próximo o que isso significa[1].

Reverter a perspectiva não é o mesmo que evacuar elementos. Este é um processo ativo e o comportamento do paciente em análise fornece evidências que são bastante compatíveis — enunciando de um modo simplificado — com uma teoria de que ele está agindo para "descarregar sua psique

---

1 O *splitting* "estático" e o fracasso em combinar pré-concepção com realização será melhor compreendido quando relacionado à discussão na primeira metade do Capítulo 19.

dos excessos de estímulo", como Freud a descreveu[1]. A formulação verbal mais precisa que consigo fazer é que o paciente considerou as interpretações do analista como evidência de que ele, o paciente, evacuou elementos-β; um estado de mente mais próximo da alucinação do que do delírio. A busca de elementos envolve investigar mais dor, perspectiva reversível e mito de Édipo.

---

1 Freud, S: *Two Principles of Mental Functioning (Dois Princípios do Funcionamento Mental).*

CAPÍTULO TREZE

A perspectiva reversível é evidência de dor; o paciente reverte a perspectiva para tornar estática uma situação dinâmica. O trabalho do analista é restituir dinâmica a uma situação estática, possibilitando o desenvolvimento. Como disse em meu último capítulo, o paciente manobra para estar de acordo com as interpretações do analista; assim, estas se tornam o sinal exterior de uma situação estática. É improvável que as interpretações do analista sempre permitam isso; também é improvável que o paciente sempre possua a agilidade mental suficiente para combinar a interpretação com um desvio que reverta a perspectiva, a partir da qual a interpretação é vista; assim, o paciente emprega um arsenal que é reforçado por delírio e alucinação. Se não conseguir reverter a perspectiva de imediato, ele pode ajustar a sua percepção dos fatos, ouvindo erroneamente e compreendendo erroneamente, de modo que estes possam dar substância ao ponto de vista estático: um delírio está em curso.

Se isso não for suficiente para manter a situação estática, o paciente recorre à alucinação. Para simplificar, posso recolocar isto como: alucinar para preservar, temporariamente, uma habilidade de reverter a perspectiva; e reverter a perspectiva para preservar uma alucinação estática.

O recurso prolongado à perspectiva reversível é assim acompanhado por delírios e alucinações difíceis de detectar, porque ambos são estáticos e evanescentes. Além disso, uma vez que o seu objetivo é preservar as formulações do analista (interpretações) como uma expressão patente de con-

cordância e uma defesa contra mudança, o verdadeiro significado do comportamento do paciente como um sinal de delírio ou alucinação não é aparente, a menos que o analista esteja alerta para essa possibilidade. Os pensamentos expressos pelo analista pertencem à área F5, G5 e G6: a mesma formulação é aceita pelo paciente, mas como uma expressão de pensamento pertencente a F1, G1, G2.

Uma análise que está tomando esse rumo parece ser curiosamente insatisfatória, pois a falta de progresso real só se manifesta de modo lento; e então parece ser estável, tediosa, crônica. Na realidade a situação é instável e perigosa. A pista para isto reside no fato mencionado no começo deste capítulo — dor. As manobras do paciente parecem carecer de objetivo porque, embora a pronta aceitação das interpretações desperte suspeitas, não fica claro que elas se dirijam contra mudança, *qualquer* mudança, e dor. É a qualidade dinâmica da interpretação que evoca reações evasivas. Quer dizer, a objeção à interpretação é que ela tem qualidades apropriadas às colunas 5 e 6 da "grade", *qualquer* que possa ser seu conteúdo.

A referência à "grade" faria suspeitar que, se o paciente manipula para deslocar todo *I* para a área das colunas 1 e 2, com o possível acréscimo de 3, deve tender a fazer o mesmo com seus próprios fenômenos *I*. De fato, este é o caso e isso ajuda a explicar algumas das características de seus sonhos, pré-concepções e teorias.

A lição a se tirar dessa discussão é a necessidade de deduzir a presença de dor intensa e a ameaça que ela representa à integração mental. Portanto vou considerar a dor como um dos elementos de psicanálise.

A dor não pode estar ausente da personalidade. Uma análise deve ser dolorosa, não porque exista necessariamente algum valor na dor, mas porque não se pode considerar que uma análise na qual não se observa e discute a dor, seja uma análise que lide com uma das razões centrais para a presença do paciente. A importância da dor pode ser subestimada, como se fosse uma qualidade secundária, algo que irá desaparecer quando os conflitos estejam resolvidos; de fato, a maior parte dos pacientes adotaria esse ponto de vista. Além disso, essa visão pode ser sustentada pelo fato de uma análise bem-sucedida levar mesmo à diminuição do sofrimento; entretanto essa visão obscurece a necessidade, mais óbvia em alguns casos do que em outros, de que a experiência analítica aumente a *capacidade* do paciente para sofrer, mesmo que o paciente e o analista possam esperar diminuir a própria dor. A analogia com a medicina física é exata; destruir uma capacidade para a dor física seria um desastre em qualquer situação, exceto

naquela em que um desastre ainda maior se constitua em uma certeza — a própria morte.

Na perspectiva reversível, o fato de o analista aceitar a possibilidade de a capacidade para dor estar prejudicada, pode ajudar a evitar erros que poderiam levar a um desastre. Caso não se lide com o problema, à capacidade do paciente manter a situação estática pode sobrevir uma experiência de dor tão intensa que resulta em um colapso psicótico.

O argumento para aceitar a dor como um elemento de psicanálise é reforçado pela posição que ela ocupa nas teorias de Freud do princípio do prazer-dor. É evidente que a dominância do princípio da realidade, e realmente o seu estabelecimento, são ameaçados se o paciente inclinar-se mais para a evasão da dor do que para sua modificação; além disso, a modificação da dor é ameaçada caso a capacidade do paciente para a dor esteja danificada. Como discuti a relação entre o estabelecimento do princípio da realidade e a psicose em *Aprendendo com a Experiência,*[1] não irei dizer mais nada sobre isso aqui.

A dor não pode ser considerada um índice confiável dos processos patológicos, em parte em função de sua relação com o desenvolvimento (reconhecida na frase usada comumente, "dores de crescimento") e em parte porque a intensidade do sofrimento nem sempre é proporcional à severidade do distúrbio. Seu grau e significado dependem da relação com outros elementos.

O conceito de crescimento está implícito na discussão da perspectiva reversível como um meio de preservar uma defesa contra dor. Crescimento é um fenômeno que parece apresentar dificuldades específicas à percepção, seja pelo objeto que está crescendo ou pelo objeto que estimula o crescimento, pois sua relação com os fenômenos precedentes é obscura e separada no tempo[2]. As dificuldades de observá-lo contribuem para a ansiedade de se estabelecer "resultados", por exemplo, da análise. Será necessário rastrear sua relação com PS↔D, ♀♂. Sua dependência de uma capacidade para entreter os componentes sociais e narcísicos da situação edípica envolve mais disacussão do mito de Édipo, do mito de Babel (Gênesis XI, 1-9) e da versão antiga do mito de Éden (Gênesis II, 8-3 passim). Os modelos primitivos para crescimento mental são a Árvore do Conhecimento, a Torre e a cidade de Babel, e a Esfinge. Os mitos (linha C da

1 *Learning from Experience,* no original. (N.T.)

2 Uma das vantagens de se referir à "grade" é, categorizando nela a resposta do paciente à interpretação, o crescimento seria revelado.

grade) fornecem uma formulação sucinta das teorias psicanalíticas relevantes tanto para ajudar o analista a perceber crescimento como para alcançar interpretações que iluminem aspectos de problemas do paciente pertencentes ao crescimento.

CAPÍTULO QUATORZE

No Capítulo 3 descrevi o mito pessoal como uma importante ferramenta no trabalho psicanalítico. Nos Capítulos 11 e 12 atribuí ao mito de Édipo uma importância equivalente, mas até mais ampla, por seu *status* público e racial ao invés de *status* privado. As vantagens da transição do mito privado para o racial são análogas à transição da comunicação privada para pública[1].

Diferentes pessoas irão ler o mito de Édipo de diferentes modos, mas o grau de concordância faz com que ele seja um canal para a comunicação pública, como o uso feito por Freud demonstrou. Vou usar os mitos do Jardim do Éden e da Torre de Babel para reforçar a expressão, já implicada pela Esfinge no mito de Édipo, das atitudes de um deus hostil a que os seres humanos obtenham conhecimento, pois sente que esta busca ameaça a sua supremacia.

No Jardim do Éden, possuído pelo Pai, é proibido se alimentar da Árvore do Conhecimento do bem e do mal. A serpente, ou Satã disfarçado, incita a mulher a desafiar o decreto do Todo-Poderoso. A revelação da desobediência se associa à culpa e à nudez. O desfecho, como no mito de Édipo, é o banimento. No mito de Babel, a torre será usada para adentrar nos domínios que Jeová considera seus — o céu. O desfecho é o exílio, como nos mitos do Jardim de Éden e do Édipo, mas um antecedente

---

1 Compare *Scientific Explanation (Explicação Científica)* — R. B. Braithwaite, página 6, e sua referência a Heinrich Hertz na página 91.

importante é a destruição da linguagem comum e a disseminação da confusão, de tal modo que a cooperação se torna impossível.

Desejo usar aqueles componentes desses mitos que pictorializam, na acepção de ilustrações internas ou símbolos que fazemos para nós mesmos, características que poderiam vir a ser os elementos que eu procuro.

1. Existe um deus, ou destino onisciente e onipotente, embora modelado antropomorficamente. Esse deus pertence a um sistema moral e parece ser hostil à humanidade em sua busca por conhecimento, até mesmo conhecimento moral.
2. Em todos, destaca-se a penetração em um lugar ou estado de bem-aventurança, a ingestão ou a expulsão deste estado. Conhecimento sexual e prazer são características proeminentes do conhecimento procurado e proibido.
3. Nos mitos do Éden e de Édipo há uma estimulação de desejos proibidos — a serpente incita o desejo pela fruta, Édipo instiga a busca do criminoso; em Babel há uma variação importante — o povo se reúne e é disperso, a linguagem única é substituída por várias linguagens. A Esfinge incita a curiosidade através de seu enigma. Usando esses mitos como uma fonte para representação pictórica dos elementos do eixo horizontal da Tabela, a função definitória de uma formulação, coluna 1, pode ser representada pelo oráculo e pela formulação de metas como as expressas na frase "vamos construir uma cidade e uma torre". Tirésias, ou o deus ou destino a quem representa, pode representar a força repressora exercida pela fórmula usada na coluna 2. A ação, coluna 6, é representada pelo desfecho, exílio ou dispersão.

Não é meu objetivo estabelecer uma correspondência exata; sugeri no Capítulo 11 que esses mitos servem como uma contraparte primitiva das formulações sofisticadas cujo emprego no trabalho científico, coloquei sobre o eixo horizontal da "grade". São vitais mas carecem de precisão, uma vez que são primitivos e pictóricos — daí a necessidade de formulações sofisticadas, como em ciência. Portanto, fazer com que a correspondência entre o eixo horizontal e os elementos do mito pareça exata seria uma falsificação que obscureceria a natureza do mito. Igualmente, não conseguir ver que essa correspondência existe, obscurece o valor do mito como ferramenta para se encontrar fatos. Desejo restituir o mito ao seu lugar em nossos métodos, de modo que possa desempenhar a parte vitalizadora

que desempenhou na história (e na descoberta que Freud fez da psicanálise); por essa razão que o introduzi no Capítulo 3. O mito é também um objeto para investigação em uma análise, como parte do aparato primitivo do arsenal de aprendizado do indivíduo.

Se o mito de Édipo, além do lugar que já ocupa na teoria analítica, for reconhecido como uma parte essencial do aparelho de aprendizado em estágios primitivos do desenvolvimento, vários elementos discerníveis nos fragmentos de um ego desintegrado assumem uma nova importância.

De acordo com Melanie Klein, alguns pacientes muito perturbados atacam seu objeto com tal violência que sentem não só o objeto como tendo se desintegrado, mas também personalidade que desfechou o ataque. Essa desintegração é característica do paciente que não consegue tolerar a realidade e, portanto, destruiu o aparato que o capacita a percebê-la. O mito privado, correspondente ao mito de Édipo, capacita o paciente a compreender a sua relação com os pais. Se esse mito privado, em sua função de investigação, for danificado, mal desenvolvido ou submetido a uma tensão excessiva, irá se desintegrar; seus componentes são dispersos e o paciente fica sem um aparato que o capacitaria a compreender a relação parental e, assim, ajustar-se a ela. Nessas circunstâncias, os fragmentos de Édipo irão conter elementos que são componentes do mito de Édipo, e que deveriam ter operado como uma pré-concepção. Como reconhecer os componentes dispersos de um ego desintegrado? Nesse caso, o analista que procura iluminar os fragmentos do aparato de aprendizado do paciente pode ser levado a reconhecê-los notando fragmentos isolados[1] do mito de Édipo (e os mitos que associei a ele).

O mito privado tem esse papel importante na tentativa de o indivíduo aprender da experiência, análogo ao papel desempenhado pelos mitos públicos como sistemas de notação e registro no desenvolvimento de grupos. A convicção vem apenas da experiência clínica, na qual aparece material semelhante a componentes de Édipo, com estes componentes dispersos e tendo tendência evocativa. Deve-se esperar que o mito apareça em uma versão privada. A operação segue o padrão de fragmentos em PS↔D, como a descrevi no início do Capítulo 10. As verbalizações do paciente, e o comportamento associado a elas, parecem variar de algo incoerente e sem sentido a formulações que parecem convidar, de modo vago, a comentá-

1 Esses fragmentos aparecem especificamente no material psicótico, amplamente dispersos no tempo analítico. Um dos problemas de interpretação é mostrar que esses fragmentos temporariamente dispersos estão relacionados.

rios, algumas vezes até mesmo sugerindo o próprio comentário a que estão convidando.

A procura de elementos de psicanálise é restrita ao aspecto destes elementos cujo discernimento é tarefa do psicanalista. Eles não podem ser representados, seja por sinais abstratos, tais como eu sugeri, ou por narrativas mitológicas evocando imagens visuais, de modo tal que qualquer pessoa que não seja um analista treinado e praticante conseguiria reconhecer a realização que se aproxima da representação. Nesse capítulo, ao mostrar uma correspondência entre mito e os itens do eixo horizontal da "grade", espero que os analistas habituados a observar pacientes à luz das pré-concepções que a teoria edípica lhe dotou, possam ter mais facilidade para fazer a transição entre fenômenos dos fundamentos teóricos para os fenômenos de consultório. O hiato permanece e só pode ser transposto por treinamento e experiência; em certa medida, pela interpolação da descrição de tais eventos, em termos vívidos e exatos, entre o conceito de "componentes edipianos" e os eventos do consultório. Fazer essas descrições seria exigir muito dos poderes do escritor; e neste caso elas representariam um grau de particularização inadequado, exceto em passagens curtas e relativamente infreqüentes no total de uma análise.

Embora meu objetivo seja isolar elementos da realidade da prática analítica, e não da teoria, tenho que representá-los por meio de sinais e mitos que pertencem ao domínio da representação, em um sistema dedutivo científico, de abstrações e hipóteses de nível superior. Isso não deve obscurecer o fato de todo sinal ser destinado a representar fenômenos que um psicanalista poderia experimentar em sessões analíticas. O sinais escolhidos para representar os elementos devem ajudar no prosseguimento do trabalho e reflexão a respeito da experiência de análise.

CAPÍTULO QUINZE

Reconsidero, neste capítulo, a transferência. Encontramos os elementos da transferência naquele aspecto do paciente que denuncia sua percepção da presença de um objeto que não é ele mesmo. Não se pode desconsiderar nenhum aspecto de seu comportamento; é preciso estimar sua relevância em relação ao fato central. O fato de o paciente cumprimentar ou deixar de fazê-lo, suas referências ao divã, à mobília ou ao tempo, tudo isto precisa ser visto como aspectos que se relacionam à presença de um objeto que não é ele mesmo. Em cada sessão é necessário considerar a evidência de um modo novo e; nada pode ser tomado como garantido, pois a ordem em que aspectos da mente do paciente se apresentam à observação não é decidida pelo tempo de duração da análise. Por exemplo, o paciente pode considerar o analista como uma pessoa a ser tratada como se fosse uma coisa; ou, como uma coisa em relação à qual a sua atitude é animística. Se $\psi(\xi)$ representa o estado da mente do analista *vis-à-vis* o do analisando, (ξ) é o elemento insaturado, aquele que é importante em toda sessão.

A peculiaridade de uma sessão psicanalítica, o aspecto que estabelece que ela é uma psicanálise e não poderia ser nenhuma outra coisa, reside no fato de o analista usar todo material para iluminar uma relação K. A interpretação de transferência é peculiar, pois refere-se a todo material sem discriminação; mas é altamente seletiva ao avaliar a importância desse material. A importância das informações que o paciente comunica decorre de seus próprios critérios: o analista está restrito a interpretações

que expressam uma relação K com o paciente. Elas não podem ser expressões de L ou H.

Usualmente um analista não esperaria entrar em uma série de especulações conscientes sobre a natureza de formulações simples. Mas se o analista deseja fazer alguma "lição de casa", quer dizer, uma meditação extra-analítica sobre uma sessão, seja para treinar e amplificar sua capacidade para dedução intuitiva, seja por ter algumas dúvidas sobre a acurácia do trabalho que vem fazendo, poderá remeter o material duvidoso à "grade". Suponha que o paciente tenha dito "Eu sei que você me odeia"; o analista poderia fazer especulações sob algumas das formas que se seguem: do ponto de vista gramatical e semântico, a sentença, aparentemente está correta; mas é necessário examiná-la criticamente para determinar a quais categorias da "grade" se aplica.

Se tomarmos em conjunto o contexto da formulação e o elemento (ξ) de $\psi(\xi)$, representando o estado de mente do paciente, é provável que para o paciente a importância da formulação resida no fato de ela ser uma expulsão de flatos disfarçada; neste caso, o analista iria avaliar a chance da formulação ter sido um elemento-β pertencente à linha A.

A sessão poderia indicar que a frase se relacionava a um sonho que o paciente tivera, ou que talvez fosse parte de uma fantasia. Neste caso iria pertencer às linhas B ou C.

Ainda em um outro contexto, poderia ser mais apropriado suspeitar que a formulação era uma pré-concepção e teria que recair na classe representada na linha D.

No entanto, suponha que a formulação tenha se seguido a uma interpretação crítica, a qual poderia, por sua vez, ter sido interpretada pelo paciente como uma expressão de hostilidade; então, do ponto de vista do paciente, poderia ser apropriado considerá-la como uma correspondência de uma pré-concepção com uma realização.

Não é possível supor que recaia na linha H; entretanto, ela poderia ser corretamente atribuída à linha G; mas, para isso ser apropriado, o analista precisaria ser capaz de reunir algumas circunstâncias presentes que levaram-no a supor que a formulação representasse um enrijecimento da crença em uma idéia quase que permanentemente fixa.

Vamos agora considerar o eixo horizontal. Neste eixo, as colunas representam as funções que a formulação feita deve cumprir. A formulação pode ser um pronunciamento oracular, um anúncio do tema da sessão, uma definição à luz da qual o resto da sessão deve ser compreendido. Em suma, ela pode recair na categoria representada pela coluna 1.

Se a formulação parece recair mais na categoria da coluna 2 isso significa que ela é sabidamente falsa mas provê ao paciente uma teoria que age como uma barreira defensiva contra sentimentos e idéias que poderiam ocupar o seu lugar.

Se a formulação parece recair nas colunas 3, 4 ou 5, ela é uma formulação probatória, sendo bastante compatível com a cooperação na investigação analítica.

Se pertence à coluna 6, é um alerta de atuação[1] incluo em atuação o uso da própria análise como uma forma de atuação. Para ilustrar o valor da "grade" como um instrumento para ajudar o analista a pensar sobre um problema analítico, isto é, como um instrumento de notação que provê um registro de fato e um sinal que pode ser manipulado de modo análogo aos números na matemática, irei contrastar A6 e F6 considerando a importância de cada um.

A6 indica que é para se considerar a formulação "Eu sei que você me odeia" como um elemento-β empregado como um ato. Se o analista conclui que a formulação cai nessa categoria, ela pode significar apenas que a sessão deve ser considerada mais como uma atuação do que como uma sessão analítica comum. Deve-se considerar que os movimentos musculares necessários para expressar as palavras são de primordial importância, uma vez que se destinam a descarregar a psique do acréscimo de estímulos. As palavras indicam que o paciente tem um sentimento (que ele aparentemente considera do mesmo modo que uma personalidade normal consideraria um objeto concreto) de que, através de seus movimentos musculares, pode separar e expelir aquilo que foi uma parte de sua personalidade (também considerada como um objeto concreto). Como produto final dessa manobra, o paciente não mais fica sobrecarregado pelo sentimento de que o analista o odeia. Supostamente, agora está livre para sentir que o analista é seu amigo.

Agora vamos para F6. Se a formulação pertence a esta categoria, isto agora significa que o paciente,está convencido de que o analista é seu inimigo. Além disso, em função de sua pertinência à coluna 6, a formulação significa que, baseado nesta suposição, o paciente está atuando ou está prestes a atuar. A importância analítica da formulação do paciente é muito diferente nos dois casos; é uma questão importante diferenciar as duas categorias e decidir a qual das duas a formulação pertence.

---

1 *Acting out*, no original. (N.T.)

Vamos considerar como a formulação "Eu sei que você me odeia" aparece em outra categoria; suponha que ela pertença às categorias que estão na linha C, porque o paciente disse ter sonhado isso. Ou ela poderia ser parte de uma fantasia ou sonho diurno; neste caso, seriam proeminentes as características de imagens visuais, ou quem sabe mito. A intensificação desse elemento tende a afetar os elementos expressos através dos cabeçalhos do eixo horizontal da "grade". Tal interjogo está implícito na "grade". Conseqüentemente, as colunas 1-6 tendem a se tornar pictorializadas e personificadas, como sugeri ao equacionar cada uma delas a um personagem do mito de Édipo. Por exemplo, se for o caso de uma interrupção na análise parecer iminente, a formulação parece apropriada a C6; a interrupção estaria relacionada ao exílio; o analista teria que prever o aparecimento de outras características da situação edípica. Saliento a importância de reconhecer a categoria à qual o material pertence como um passo em direção à previsão de fenômenos correlatos no material e portanto ao seu reconhecimento. Se o material se ajusta à categoria C5, poderíamos esperar uma intensificação da determinação com que se trilhou o curso da curiosidade; se na categoria C2, uma intensificação da resistência à emergência de material novo. Irei deixar a importância da emoção expressa — "Eu sei que você me *odeia"* para o próximo capítulo[1].

A descrição que dei não é a de um processo de pensamento adequado ao contato real com o paciente. A sessão analítica é uma oportunidade de observação muito preciosa para ser ameaçada por pré-ocupações do tipo que a minha descrição implica; o tema deste livro é apresentar um esquema para facilitar o pensamento sobre o trabalho analítico *fora* das próprias sessões. O objeto de tal trabalho extra-sessão é substituir as anotações laboriosas e, amiúde, destituídas de sentido por pensamento criativo; ele provê prática, análoga às escalas e exercícios do músico, para aguçar e desenvolver intuição. Gradualmente, torna-se mais e mais possível chegar instantaneamente a conclusões, que inicialmente são os frutos de laboriosa intelectualização.

1 E também para a última parte do Capítulo 19, onde discuto sentimentos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Problemas de instinto e emoção pertencem ao corpo principal da teoria psicanalítica; devemos considerar sua inclusão entre os elementos de psicanálise, pois eles aparecem na prática psicanalítica.

A emoção que chama a atenção teria que ser óbvia ao analista mas não observada pelo paciente; normalmente, uma emoção que é óbvia para o paciente é *dolorosamente* óbvia; evitar dor desnecessária deve ser uma meta no exercício da intuição analítica. Uma vez que o analista, por intermédio de sua capacidade intuitiva, é capaz de demonstrar uma emoção antes de ela ter se tornado *dolorosamente* óbvia, seria útil se nossa procura por elementos de emoções fosse dirigida para facilitar as deduções intuitivas. O instinto sexual é uma parte integrante da teoria psicanalítica; mas o elemento sexual, no sentido de algo que preciso procurar, não é sexo, mas aquilo a partir do qual posso depreender a presença de sexo. Mas para meus objetivos, o termo "elemento" não pode ser usado de modo apropriado para denotar algo que parece ser uma propriedade de algo mais fundamental, cuja presença ele denuncia. Portanto o elemento que escolho não é um sinal de sexualidade, mas um precursor de sexualidade. Dentre os elementos que procuramos deve estar o precursor da emoção, não uma emoção em si, a menos que ela seja a precursora de alguma outra emoção que não ela mesma. Assim, quando o ódio que um paciente está experimentando é um precursor de amor, sua virtude como um elemento reside em sua qua-

lidade de precursor de amor e não no fato de ser ódio. E assim, para todas as outras emoções.

Estou aventando, no domínio das emoções, algo semelhante à relação entre a pré-concepção e a concepção.

Se as interpretações propiciam o desenvolvimento de emoções, por iluminar seus precursores, segue-se que não se pode considerar os sentimentos sexuais e outros como elementos. A contraparte da preconcepção é a *premonição*. Estados emocionais observados de modo direto são significativos apenas como premonições.

Defini a pré-concepção como um elemento privado ao indivíduo, possivelmente não-consciente; o mesmo vale para a pré-monição.

Se parecer origem de confusão usar o termo preconcepção como algo a ser diferenciado de um sistema dedutivo científico, e então falar de uma teoria analítica como uma preconcepção do analista, vou usar o termo pré-concepção para distingui-lo de uma preconcepção. Pré-concepção, como eu a coloquei na linha D da grade, é um termo que representa um estágio no desenvolvimento do pensar; preconcepção, na acepção das preconcepções teóricas do analista, refere-se ao uso de uma teoria, pertencendo assim às colunas 3 e 4 da "grade". Por exemplo, o analista pode ter uma pista que algo, que ainda não percebe bem, esteja acontecendo na sessão. Esse estado pode ser representado por D3. À medida que sente maior convicção no desenvolvimento, seu estado de mente muda até, vamos dizer, ele conceber que está emergindo material edípico; agora, seu estado de mente é representado por G4 ou G5. Em outras palavras, ele pensa que as teorias edipianas de Freud irão facilitar e direcionar a sua curiosidade probatória. Retornando à importância dos impulsos emocionais ativos no decorrer da experiência analítica e ao modo de sua elucidação; quando um paciente vem à primeira consulta, suas premonições proporcionam informações a seu respeito que não podem ser obtidas de outros fatores. A partir delas, é possível obter alguma idéia de como ele provavelmente irá usar uma análise.

Proponho usar o termo "premonição" de um modo que seja mais representativo de estados emocionais do que de conteúdo emocional, deixando assim o termo "pré-concepção" para representar este último. Não dissocio "pré-monição" de sua associação com um sentido de aviso e ansiedade. O sentimento de ansiedade é valioso para guiar o analista a reconhecer a premonição no material. Portanto a premonição pode ser representada por (Ansiedade (ξ)) onde (ξ) é um elemento insaturado.

A análise precisa ser conduzida de tal modo que existam as condições para observar pré-monições, uma conclusão compatível com a definição Freud para a situação analítica, como uma situação onde predomina uma atmosfera de abstinência.[1] Se as premonições não puderem ser experimentadas, torna-se difícil para o analista dar a interpretação correta e difícil para o paciente captá-la; a dor desnecessária, da qual já falei, torna-se mais provável.

A distinção entre pré-concepção e pré-monição facilita a criação de um sistema para pensar sobre a prática analítica; não é mais falsificador do que a separação entre uma emoção e outra, implicada pelo uso de termos como "sexo" ou "medo". Freud mostrou que em certas paralisias e anestesias histéricas a distribuição correspondia mais a *idéias* da estrutura anatômica do que à distribuição de nervos conhecida pelo anatomista. Um anatomista pode usar o conceito de uma mão, desde que não permita que seu ponto de vista de estruturas anatômicas seja obscurecido, ao usá-lo em investigações para as quais este ponto de vista é impróprio. Um paciente diz sentir medo mas não sabe o que teme. Nós supomos também que esse homem pode sentir medo mas não pode sentir sexo. Qual é o modelo implícito em uma formulação onde um homem sente medo, mas não sabe por quê? Uma possibilidade é que o modelo seja derivado daquele modelo de si mesmo dado pelos pais. Parece sugerir que "sentir medo" e "saber por quê", ou "sexo" e "medo" sejam coisas diferentes. O tratamento correto depende da visão que temos a respeito de um paciente que perdeu todo o sentimento "em sua mente". Analogamente, é importante saber quais são as premissas nas quais baseamos uma visão de que "sexo" e "medo" ou "sentindo receio" e "saber por quê" sejam diferentes. A suposição que temos que distinguir, neste universo de discurso, entre a pré-concepção e a premonição e a sua implicação, que existe uma similaridade entre objetos assim distinguidos, leva-me ao ponto que eu desejo estabelecer, a saber, que a categorização do conteúdo ideacional facilitada pela "grade" é igualmente significativa caso seja aplicada à experiência emocional. Por exemplo, podemos considerar a formulação "Eu sinto que você me odeia" significativa pela idéia que expressa. A idéia pode ser colocada em uma das categorias da grade. Ou podemos considerar que a formulação é importante por expressar uma emoção. A emoção (ou pré-monição) pode então ser colocada em uma das categorias da grade. O assunto será discutido de modo mais completo após considerarmos o problema de "sentimentos", levantado no Capítulo 19.

---

1 Ver Capítulo 4, página 30.

CAPÍTULO DEZESSETE

Obviamente, podemos categorizar a própria "grade" de acordo com suas próprias categorias. Assim, o eixo horizontal pode ser descrito como uma série de definições de usos diversos. À medida que a "grade" esteja sendo empregada para definir o eixo horizontal, ela pertence às categorias da coluna 1. No entanto, o uso da "grade", tal como ela está, poderia qualificar sua inclusão na linha F. Mas, vamos supor que se quisesse testar o valor de algumas das sugestões que fiz neste livro; nesse caso, o eixo horizontal poderia ser considerado como uma pré-concepção para a qual desejou-se encontrar uma realização correspondente. Enquanto objeto de investigação, iria incindir na categoria de uma conjunção constante delimitada, uma hipótese definitória que estabeleceu que certos elementos estão constantemente conjugados. Como objeto de investigação adicional, seria tratada então de um modo destinado a investi-la de significado ou a expor qualquer significado que ela pudesse ter.

O eixo horizontal, como o dispus na "grade", é representado por sinais abstratos, de um modo, como disse acima, que possa qualificá-lo para pertencer a uma das categorias da linha F. Mas, seguindo uma sugestão implícita na "grade", tomarei os "usos" do eixo horizontal e os substituirei por personificações, reformulando-os assim, eventualmente, nos termos que os qualificariam a ser categorizados na linha C.[1]

1 As sugestões precedentes são exemplos do uso da "grade" para escolher um modo de empregar um conceito. Contrasta com o uso da "grade" com o intuito de encontrar a categoria para um objeto psicanalítico que já tenha sido empregado.

Poderia ser conveniente substituir qualquer sinal ou símbolo que escolhi, por exemplo, o sinal ψ para a coluna 2. Procedendo deste modo consigo preencher a linha com sinais e símbolos que têm significado para mim e, a partir daí, estabelecer a base para comunicação privada, isto é, para comunicação privada comigo mesmo. Em vez do signo ψ, posso usar o sinal "Smith", um homem que conheço, e que tem para mim uma importância particular. No entanto, uma vez que essa discussão pretende ser pública, vou empregar sinais que representam símbolos já públicos e que são, por conseqüência, mais propícios para levar a cabo uma comunicação pública. Consigo fazer isso usando elementos de um mito que seja familiar à audiência que espero alcançar. Por um lado, ele deve ser apropriado ao assunto a ser simbolizado; por outro, à cultura do grupo ao qual quero me dirigir. Como essa comunicação é endereçada primariamente a psicanalistas, vou usar o mito de Édipo, do modo indicado no fim do Capítulo 15; o relato jeovístico[1] (o segundo, no Gênesis) da Criação e o relato da construção da Torre e da Cidade de Babel, no Gênesis XI. Estes dois relatos são jeovísticos e antropomórficos; esta última característica contribui para seu valor nesta discussão.

Uma vez que estou usando um mito como a rota de meus símbolos, a própria substituição é um uso artificial[2] de elementos pertencentes muito mais à linha C do que, vamos dizer, às linhas G ou H. Posso escolher personagens para corresponder a colunas separadas 1, 2, 3 etc. ou posso colocar o mito inteiro em cada um dos compartimentos C1, C2, C3 etc., ou qualquer personagem único, simbolizando 1-6, pode ser colocado em todas as colunas 1-6 na linha C. Portanto, Tirésias, simbolizando a coluna 2 pode agora aparecer nas colunas 1, 3, 4, 5, 6. Se fosse usado na coluna 2 representaria um símbolo que representa uma idéia, entretida com o objetivo de negar a emergência de uma idéia mais precisa porém mais aterrorizadora. Nesse caso, ele representaria a aderência de uma força repressora a um mito, para este ser utilizado como força repressora.

Uma vez que Tirésias é um símbolo para o uso que a coluna 2 representa, talvez parecesse mais breve e mais simples dizer que qualquer uso representado nas colunas 1-6 poderia ser colocado em qualquer outra

1 Jeovístico refere-se ao postulado autor de partes do Hexateuco, os primeiros seis livros do Velho Testamento, onde Deus é referido como Jeová. (N.T.)

2 Ver a nota de rodapé nº 1 da página 89.

coluna — e na sua própria. Mas, de fato, não é assim: um uso não pode agir como um uso; C2 não pode, com sentido, ser colocado em C2[1].

Mas um símbolo que representa um modo de pensamento, como "Tirésias" representa sonho ou mito ou modelo, pode, ao ser colocado na coluna 2, representar um sonho ou pensamento mitológico usado para inibir outro modo de pensamento, mesmo que esse outro modo de pensamento esteja sendo usado, ele mesmo, para inibir. Assim, um sistema dedutivo usado para inibir a emergência ou outros pensamentos pode ser, ele mesmo, inibido por sonho de um pensamento mitológico usado para este objetivo. Tirésias, ou um símbolo privado correspondente, pode ser usado para inibir o uso de uma teoria científica para inibir pensamentos ulteriores. Formulando isso de modo abstrato em termos da grade, C2 pode ser usado para inibir G2.

A reformulação dos usos que se pode dar ao pensamento, através da substituição de símbolos obtidos do mito, expressou tais usos em termos que os insere na categoria designada como linha C. A nova formulação possibilitaria submeter o enunciado reformulado ao tratamento ou processo, qualquer que seja ele, que governa a transição dos elementos no eixo vertical de um nível para o nível logo abaixo — um processo que descrevi como de crescimento, positivo ou negativo. Os usos, formulados em termos de mito, linha C, podem agora ter sua qualidade sucessivamente rebaixadas até que se tornem objetos analíticos representados pelos elementos-β da linha A; ou serem estimulados a crescer de modo que possam ser representados por sinais apropriados aos elementos das linhas D, E, F, G e H.

A própria categorização da qual partimos, a saber, aquela expressa pelos sinais usados para representar os usos sob os quais se pode colocar uma formulação (os números representando as colunas) pode ser vista como pertencente à linha G. Os números são usados puramente como um meio de notação. Portanto, eles podem ser vistos como classificáveis na coluna 3.

Poderíamos descrever a substituição de símbolos para os "usos" por personificações como um movimento efetuado, de baixo para cima, no eixo vertical — da linha G para a linha C — uma questão de manipulação de sinais e distribuição topográfica na grade.

---

1 "C2" representa uma formulação abstrata. Mas a categoria C2 é destinada a conter pensamento onírico e não formulações sofisticadas. C2 em C2 poderia portanto significar que C2, ou o que ele representa, foi erroneamente categorizado, ou, o que dá na mesma, C2 apenas parece ser um conceito científico, mas é um mito.

Se o mito inteiro for colocado em cada compartimento da linha C, os compartimentos representam um instrumento científico[1] para examinar detalhadamente[2] o material analítico. O próprio mito pode ser representado por F ou G5: um instrumento para uma visão macroscópica do material analítico. Mas se ao invés do mito todo, usarmos apenas um de seus componentes, a leitura da "grade" representa um instrumento que permite uma visão mais restrita do material — uma visão análoga ao exame microscópico. O movimento → A diminui a sofisticação do componente representado, mas o movimento → H a aumenta, sendo o último próximo de um prelúdio à interpretação.

A "grade", enquanto representação de um instrumento usado pelo analista para examinar o paciente, também é uma representação do material produzido pelo paciente como um instrumento para investigar o analista. Mas a "grade", se o analista investiga o material (a realização) para ver em qual categoria se situa a representação que se aproxima da realização, é um instrumento e não simplesmente sua representação.[3] A realização à qual sua atenção é dirigida (coluna 4) é a realidade da pré-concepção e premonição.

Até o momento estive voltado para manejos de símbolos na "grade". Será possível dizer que esses manejos correspondem às dinâmicas das realizações representadas pelas leituras na "grade"? Supor que o crescimento ocorre não é, de modo algum, difícil; mas será que os processos de crescimento, tais como são deduzidos das observações no consultório, aproximam-se das regras de manejo dos sinais na "grade"? Pode-se dizer que os movimentos representam os resultados de crescimento ou diminuição — eu não estou discutindo apropriação e expropriação relacionadas à voracidade e inveja — mas, no momento, o manejo real de símbolos não deve ser usada para representar os próprios crescimento ou diminuição. Esse assunto pode ser reconsiderado após a discussão do eixo vertical.

Uma característica do mito de expulsão, na versão jeovística da criação, é o aparente conflito entre a sede de conhecimento e a vontade da deidade. Na história de Babel, o deus também se opõe à vontade do povo; ele apa-

1 Cf. Capítulo 19. O uso do mito de Édipo como uma pré-concepção destina-se a se corresponder com a realização parental para produzir compreensão da relação parental.

2 *Scanning*, no original; optamos pela expressão, "por exame detalhado"; embora se empregue no jargão médico e até coloquialmente o anglicismo, "escanear", ela não existe na norma culta. (N. T.)

3 Ver Hanson, N.R.: *Padrões de Descoberta*, p. 100, #5 *(d)*.

rece para impingir seu próprio direito de ocupar o céu sem ser perturbado. Em ambos os mitos, o deus é antropomórfico, à maneira típica das fontes J. O Éden o mostra contrário a que se alimente daquilo que outorga um conhecimento do bem e do mal: o mito de Babel o mostra contrário à linguagem, porque a linguagem comum confere ao povo a capacidade para cooperar na construção tanto de uma cidade como de uma torre, sendo que a última facilita a entrada nos céus de deus. No Éden, a punição é a expulsão do jardim: na história de Babel, a integridade da linguagem é destruída, sendo que cada fragmento se torna uma nova linguagem, sobrevindo a confusão e a dispersão dos diferentes grupos de linguagem. O tema do exílio, comum a ambas as histórias é discernível no exílio de Édipo. Implica-se sexo em todos os três. No Éden, o conhecimento está relacionado ao ato de comer e à moralidade, uma vez que ele torna a discriminação entre o bem e o mal possível. Em Babel, o conhecimento parece se referir mais a padrões científicos do que morais, embora a posse dos céus por deus seja um assunto "moral".

Em cada um desses três mitos, os elementos apresentam uma semelhança com os elementos dos outros dois; a partir deles, pode-se obter prontamente representações simbólicas da sexualidade oral e dispersão, superego repressivo, ligação através da linguagem, aprendizado e autoconhecimento, sexualidade genital (por exemplo, torre e cidade). A diferença no conteúdo aparente é devida à forma da narrativa através da qual os elementos estão ligados em cada história. A importância relativa dos elementos dependerá da natureza da exploração para a qual estejam sendo usados e da coerência que o fato selecionado traz aos elementos, quando eles são reintegrados no processo de análise. A reintegração não é algo que ocorre de uma única vez; no decurso de uma análise o analista vê elementos do material analítico se juntarem de modo impróprio; a elucidação fornecida por suas interpretações possibilita uma integração e coesão renovadas. O fato selecionado que dá coerência pode ser uma idéia ou pode ser uma emoção. As emoções que originam as integrações e desintegrações do paciente precisam ser deduzidas da inspeção de premonições.

CAPÍTULO DEZOITO

O eixo vertical (A-H), relativo mais a uma exposição genética do que a uma sistemática, envolve uma premissa de crescimento dependente de *(a)* psicomecânica[1]; *(b)* uma alternância entre particularização e generalização (concretização e abstração); *(c)* saturações sucessivas; e *(d)* pulsões emocionais.

(a) A relação entre os mecanismos de identificação projetiva e a alternância entre as posições esquizoparanóide e depressiva em K apresentam dificuldades devidas, aparentemente, a uma incompatibilidade. Pode-se chegar a uma solução através da investigação clínica dos ataques destrutivos (clivagem) que transformam ♂ em fragmentos; entretanto, esses fragmentos retêm entre si, em sua forma fragmentada, uma associação suficiente para permitir a *penetração* em um problema. Uma fragmentação similar de ♀ deixa uma associação de fragmentos que ainda desempenham a função de ingerir ou introjetar. A objeção de se dar prioridade à clivagem reside no fato de ela não permitir que a alternância entre as posições esquizoparanóide e depressiva tenha qualidade primária: deve-se considerar a identificação projetiva (♀♂) e as posições esquizoparanóide ↔ depressiva como potencialmente primárias.

(b) A objeção à "alternância entre particularização e abstração", como um método de descrever uma teoria, é que o termo "abstração" implica remover uma qualidade de algo. É mais provável que a teoria possa corres-

---

1 Ver p. 91. Refere-se ao interjogo entre ♀ e ♂ e entre PS e D. (N.T.).

ponder às realizações se a *formulação* de uma abstração ou generalização for vista como a característica importante da transação, e não como uma extração de qualidades de uma representação conhecida ou de sua correspondente realização. É necessário reconhecer a generalização (ou abstração) como um processo pelo qual um elemento insaturado fica saturado (de modo limitado), para consolidar o ganho. A abstração, ou a formulação, de uma generalização consiste no nomear[1] uma nova entidade. Aquilo que tem sido considerado como um estado dinâmico, no qual elementos de uma realização são abstraídos seletivamente para formar uma abstração, generalização ou, de modo ainda mais abstrato, um cálculo algébrico, precisaria ser considerado como a correspondência de uma pré-concepção com uma realização para formar uma concepção e *portanto* uma reformulação: a reformulação é um *nomear* da constelação total de pré-concepção e concepção, para impedir a perda de experiência, pela dispersão ou desintegração de seus componentes. O processo conhecido como uma abstração está relacionado à notação (como descrita por Freud) e a uma ampliação da memória. É relevante aqui considerar com mais detalhe a idéia de crescimento positivo e negativo (Capítulo 17, página 80).

Introduzo a idéia de crescimento negativo como um método de abordar um aspecto do aprender da experiência; *não* quero dar o sentido de espoliação, à qual associo impulsos hostis e destrutivos tais como inveja. Espoliação implica empobrecimento da personalidade. O que quero dizer está exemplificado pela reformulação do eixo horizontal da grade em termos mais apropriados ao simbolismo mitológico do que a um sistema dedutivo (mais linha C do que linha F ou G). Uma capacidade para crescimento negativo é necessária, em parte, para revivescer uma formulação que perdeu significado; em parte, para estabelecer um vínculo no tornar público o conhecimento privado; mas talvez seja necessário sobretudo para alcançar uma visão ingênua[2] quando um problema ficou tão soterrado pela experiência que seu contorno tornou-se borrado e suas possíveis soluções, obscuras. Uma das vantagens da "grade" é que seu uso, para pensar sobre o material que emerge na prática psicanalítica, estimula a reconsiderar fenô-

---

1 Comparar a teoria de Condillac, que as idéias tornam-se fixas por meio de sua associação com um sinal ou palavra (Etienne Bonnet de Condillac, *Essay on the Origin of Human Knowledge;*); Hume sobre conjunção constante; e Freud sobre o pensar "tornou-se investido com outras qualidades que eram perceptíveis à consciência somente através de sua conexão com traços de memória de palavras" (Freud, S.: *Two Principles of Mental Functioning,* 1911).

2 *Naivety of outlook*, no original. (N.T.)

menos familiares, tais como sonhos ou material edípico e as formulações teóricas psicanalíticas que lhes são correspondentes. A habilidade de um analista para reter a substância de seu treinamento e experiência e ainda assim alcançar uma visão ingênua[1] em seu trabalho permite que ele descubra, por si mesmo e a seu próprio modo, o conhecimento herdado de seus predecessores.

(c) A teoria implícita na representação de uma pré-concepção por intermédio de uma constante ψ junto a um elemento insaturado (ξ) é conveniente, desde que lembremos que o sinal $\psi(\xi)$ é uma representação de uma realização complexa. Não conhecemos a natureza do processo de saturação nem sabemos como determinar o quanto a psique é banhada pelos estímulos de uma nova experiência. Considero-a como uma representação útil até que se possa substituí-la por outra melhor.

(d) Acrescento um lembrete ao que já disse sobre as pulsões emocionais: a preocupação do analista é com os aspectos premonitórios dessas pulsões; teríamos que levar em conta a natureza política do ser humano ao avaliarmos a força e a direção dessas premonições. Os fatores determinantes, mesmo em manifestações íntimas de sexo ou agressão, podem estar fora da personalidade e dentro do grupo.[2]

Um eixo vertical, relacionado a uma exposição genética, depende de um conceito de crescimento; a idéia central, que me guiou na formulação desse eixo, foi a da pré-concepção. Até então serviu para supor que as abstrações e generalizações são extraídas ou abstraídas de um conceito já existente.[3] Em pacientes em que as desordens de pensamento são relevantes, essa visão de abstrações e generalizações não consegue explicar a natureza de seus pensamentos. A falha reside no modelo implícito no termo "abstração". O termo que necessito precisa expressar, no domínio da psicanálise, aquilo que é expresso em matemática quando se diz que uma fórmula, já descoberta, aproximou-se de uma realização e, no futuro, poderá se aproximar dela.

Esse significado é inerente ao termo "pré-concepção", do modo que desejo empregá-lo. É o significado que desejo expressar em termos tais como "generalização" e "abstração". O sistema dedutivo científico (G) e o cálculo algébrico (H) também podem compartilhar a qualidade de uma pré-concepção; no eixo vertical, termos diferentes expressam diferenças

---

1 *Naïf*, no original. (N.T.)

2 Freud, S.: *Instincts and their Vicissitudes.*

3 Ver Capítulo 1.

que são mais de grau de sofisticação, do que de função. Formulando a mesma coisa de outro modo, os termos variam no eixo vertical, mas todos têm o mesmo uso; no eixo horizontal, os termos são todos os mesmos, mas os "usos" variam. A importância da formulação que estou apresentando reside em seu uso para estabelecer a teoria de que qualquer termo, tal como: "cachorro", "inconsciente", "sonho", "mesa", passa a existir quando se reconhece que um conjunto de fenômenos tem uma coerência, cujo significado é *desconhecido*.

Um objeto não é percebido e nomeado como "cachorro" porque se abstrai do objeto percebido uma qualidade de "cachorrice". O termo "cachorro" ("inconsciente", "sonho", "mesa" etc.) é usado quando e porque se reconhece que um conjunto de fenômenos, conquanto *des*conhecidos, está relacionado. O termo é usado para impedir a dispersão dos fenômenos. Quem relembra a história, tendo achado o nome e portanto ligado os fenômenos, pode se dedicar, se assim o desejar, a determinar o que ele significa — o que *é* um cachorro; o nome é uma invenção para tornar possível pensar e falar sobre algo antes que se conheça o que é esse algo. De acordo com essa teoria, postular um elemento-α ou uma função-α, como fiz, é simplesmente fazer uma extensão sofisticada e consciente de um procedimento normal espontâneo que sempre existiu e é inerente ao desenvolvimento da linguagem. O termo "cachorro" ou o termo função-α passam a existir, um de modo espontâneo e inconsciente, o outro de modo premeditado e artificioso, porque os fenômenos são destituídos de sentido e necessitam ser coligados para que se possa pensar sobre eles. O significado pode começar a ser acumulado logo que se tenha dado um nome e, assim, a dispersão tenha sido impedida. O quão rápida e espontaneamente isto ocorre, pode ser ilustrado pela observação[1] de como as tentativas de forjar um termo despido de uma penumbra de associações são vencidas, amiúde, pela velocidade com que tal termo sem sentido acumula um significado. Para resumir: a pré-concepção aguarda sua realização produzir uma concepção: o termo "cachorro" espera por um cachorro real que lhe forneça um significado. O cálculo algébrico espera uma realização que dele se aproxime. Desse modo, estão corretos os matemáticos que dizem que a matemática não tem significado. As fórmulas matemáticas são análogas às pré-concepções, como eu uso o termo, aguardando uma realização que delas se aproxime, antes que se possa dizer que tenham um significado. A própria "grade", como eu a esbocei aqui, compartilha as qualidades que atribuo à pré-concepção.

---

1 Popper, K.R.: *The Logic of Scientific Discovery,* Capítulos II, 9 e 10.

Observar-se-á que essa teoria, do nome como aquilo que impede a dispersão dos fenômenos, para que possam funcionar como uma pré-concepção, está em desacordo com a teoria que já usei, por exemplo, da geometria euclidiana ser abstraída da realização de espaço e, portanto, encontrar sua realização em espaço. A teoria da pré-concepção que estou apresentando requer um reajuste em nossos pontos de vista sobre concretização, particularização e elementos-β. O termo "pré-concepção" é ambíguo porque denota uma ferramenta, a função para a qual ela existe e o uso que ela pode ter; naturalmente, os dois últimos podem ser o mesmo.

A visão genética a respeito de uma abstração difere da concepção de uma abstração como uma representação de algo que foi removido de algo. É necessário reajustar nossa idéia a respeito do concreto. É necessário ver que o termo "cachorro" e todos os outros termos que aparentemente possuem um significado definido não têm significado, até que adquiram um por meio de acréscimos de experiência. Uma teoria de que é necessário considerar tais termos como fenômenos de conjunção ajuda a dissipar as contradições inerentes à teoria de que uma abstração é algo que foi removido de alguma outra coisa. A postulação de Hume sobre conjunção constante é totalmente compatível com uma teoria de que o termo "cachorro" surge como intuito de ser um sinal de que certos fenômenos separados, e até então incoerentes, estão constantemente conjugados. Se esse fato for claramente mantido em separado de qualquer idéia implicada pelo termo, que os elementos constantemente conjugados têm qualquer outro significado além de os elementos estarem constantemente conjugados, não haverá nenhuma dificuldade. Assim, é adequado atribuir-se a gênese do termo "cachorro" ao produto do mecanismo PS↔D. A questão do significado surge somente depois de o termo "cachorro' ter servido para sinalizar e perpetuar a conjunção. Poderia ser colocado assim: "Estes fenômenos estão constantemente conjugados. Registro esse fato e ligo os fenômenos entre si, de tal modo que continuarão constantemente conjugados por meio do sinal 'cachorro'. Agora que liguei os fenômenos, posso descobrir o que significa a sua conjunção constante. Assim vamos chegar ao *significado* do termo 'cachorro'."

O mecanismo ♀♂ entra em jogo e o produto de sua operação é o significado.

Assim, a natureza da relação entre PS↔D e ♀♂ ganha algum esclarecimento. Delinear o objeto total depende da operação PS↔D: o significado do objeto total depende da operação bem-sucedida de ♀♂.

CAPÍTULO DEZENOVE

A escolha dos eixos pode parecer arbitrária, sem mais razões; ela deriva da própria situação analítica.

Em uma análise, o pensar é a atividade mais evidente do paciente. O analista consegue ver o uso que o paciente faz da situação analítica. O paciente pode pedir ajuda, abusar das possibilidades de ser cruel para com o analista, procurar uma descarga para o amor e para a generosidade e assim por diante. O paciente faz isso pensando em silêncio, conversando com o analista, pensando alto e, eventualmente, por intermédio de ação. Faz formulações classificáveis sob os cabeçalhos A-H do eixo vertical. A informação disponível para comunicação é selecionada, retida ou expressa, de acordo com o uso que o paciente deseja dar a ela. Sendo assim, consegue-se avaliar a importância do conteúdo da comunicação a partir do uso, que é apenas *uma* das características da contribuição do paciente, mas a característica que é mais importante de modo contínuo; portanto, merece atenção, isolamento e ser elevada ao eixo 1-6 da grade.

Uma vez que o autoconhecimento é uma meta do procedimento analítico, o equipamento para obter conhecimento, o aparelho e a função de pré-concepção devem ser proporcionalmente importantes. O crescimento e uma capacidade para crescimento são igualmente fundamentais. O eixo vertical (A-H) representa tanto os estágios de crescimento como a função de pré-concepção.

A representação de um processo, como o de um crescimento contínuo, pelos cabeçalhos A-H, dá uma impressão enganadora de tratar-se de entidades distintas, bem delineadas; por falta de evidência, deve-se assumir que a transição de uma à outra se faz gradualmente.

A escolha do mito de Édipo, como um reservatório onde buscar símbolos para substituir o eixo horizontal (1-6), possibilita-me ilustrar uma característica do mito como uma pré-concepção. O mito de Édipo pode ser considerado como um instrumento que auxiliou Freud a descobrir a psicanálise, e a psicanálise como um instrumento que capacitou Freud a descobrir o complexo de Édipo. Dirijo-me agora à parte desempenhada pelo mito, ou pelas suas contrapartes em elementos α e β, no crescimento da psique.

O mito pode ser considerado como uma forma primitiva de pré-concepção e um estágio na publicação, isto é, na comunicação do conhecimento privado do indivíduo para o seu grupo. Em última instância, é necessário representar qualquer teoria científica por um meio que facilite a publicação. Os processos pelos quais o conhecimento privado é comunicado no interior do indivíduo são obscuros; sua elucidação depende de avanços que os psicanalistas ainda têm a fazer. O sonho, caso seja considerado como um mito privado, tem uma nova importância. Em um sonho, o material edipiano requer a teoria clássica aceita, que mostra a situação edipiana tal como ela é gerada pelo inconsciente, sob o impacto da investigação analítica; mas, em certos casos, esse material também deve ser considerado como evidência de um mecanismo primitivo de pré-concepção, uma versão privada do que, mais tarde, torna-se publicamente comunicável por meio de sua correspondência com o mito de Édipo. O mesmo é verdadeiro para os mitos de Édipo e Babel, quando o assunto é a capacidade para pensar. Do mesmo modo, os analistas precisam considerar que, possivelmente, o material edipiano evidencia o aparato primitivo de pré-concepção, possuindo, portanto, uma importância adicional àquela que tem na teoria clássica. Estou postulando um precursor da situação edipiana, não na acepção que este termo poderia ter na discussão que Melanie Klein faz das *Early Phases of the Oedipus Complex*[1], mas como algo que pertence ao ego como parte de seu aparelho para contato com a realidade. Em suma, postulo um mito edipiano privado em uma versão elemento-α que é o meio, a pré-concepção, em virtude do qual a criança é capaz de estabelecer contato com os pais como estes existem no mundo da realidade. A correspondência

1 *Etapas Precoces do Complexo de Édipo*. (N.T.)

desta pré-concepção edipiana — elemento-α — com a realização dos pais reais origina a concepção dos pais.

De acordo com Melanie Klein, quando a criança não consegue tolerar a relação parental por inveja, voracidade, sadismo ou outra razão e a ataca destrutivamente, resulta que a própria personalidade que ataca fica fragmentada pela violência dos ataques de clivagem. Recolocando essa teoria em termos da pré-concepção edipiana: há uma carga emocional carreada pela pré-concepção edipiana—elemento-α privada de tal monta que a própria pré-concepção edipiana é destruída. Como resultado, a criança perde o aparelho essencial para ganhar uma concepção da relação parental e, conseqüentemente, para a resolução dos problemas edipianos: não é que não consiga solucionar aqueles problemas — ela nunca os alcança.

A importância disso para a prática é que os fragmentos do que parece ser material edipiano devem ser tratados com reserva. Se a evidência for relacionada a um desastre sofrido pelo ego, à destruição da pré-concepção e, conseqüentemente, à destruição da habilidade para conceber, as interpretações baseadas na suposição de que o material edipiano fragmentado é evidência de um objeto destruído serão apenas parcialmente bemsucedidas. É necessário dirigir a investigação para diferenciar, dentre os elementos do material edipiano, aqueles que são fragmentos da pré-concepção edipiana, dos que são fragmentos da situação edipiana fragmentada. Como no primeiro caso o paciente fica barrado de aprender da experiência da relação entre os pais, tudo aquilo que depende da resolução do complexo de Édipo para o desenvolvimento do paciente e para um desfecho bemsucedido da análise fica gravemente prejudicado.

Devo deixar o desenvolvimento desse tema para um tratamento futuro, quando espero mostrar em maior detalhe a maneira de usar a "grade" para penetrar em uma percepção e compreensão mais claras do material clínico. A natureza dos elementos está determinada pela sua posição relativa nos dois eixos (1-6) e (A-H).

O que poderia ser chamado de psicomecânica do pensar, representado pelo interjogo entre ♀ e ♂ e entre as posições esquizoparanóide e depressiva (PS↔D e o fato selecionado) fornece o vínculo entre cada uma das linhas.

No início deste capítulo dei um resumo das breves razões para a escolha dos "usos" para os eixos 1-6. No eixo genético, a importância atribuída aos psicomecanismos representados por PS↔D e ♀♂ requer maior discussão. No final do Capítulo 18 eu disse que, ao se descobrir que elementos até então não relacionados eram coerentes, essa coerência foi fixada por

intermédio da nomeação. O nome tinha uma função, análoga àquela da formulação matemática, fixando a conjunção constante por ele representada. Nesse aspecto, a fixação de elementos coerentes é idêntica à correspondência da pré-concepção com a realização, para produzir uma concepção. Agora precisamos considerar o processo pelo qual o nome acumula significado através da operação de ♀♂.

Discuti a parte que o modelo do canal alimentar desempenha na compreensão do pensar. A introdução de uma mudança de ênfase, no nosso exame dos fenômenos representados pelo eixo vertical (A-H) da "grade", auxilia uma discussão detalhada do mecanismo e das dinâmicas envolvidos no crescimento do significado. Irei representar essa mudança de ênfase usando o termo "sentir" ao invés de "pensar". Essa substituição é baseada na utilizacão, bastante comum, na prática analítica, de frases tais como: "Sinto que tive um sonho a noite passada", ou "Sinto que você me odeia", ou "Sinto que vou ter um colapso". Tais locuções implicam uma experiência emocional e, portanto, são mais apropriadas ao meu objetivo do que as implicações mais austeras de "Penso que..." As comunicações introduzidas por termos tais como "Sinto", são, amiúde, métodos de expressar emoções ou premonições. É nesta função de expressar emoção que desejo considerar esses fenômenos. Proponho deixar a "grade" inalterada; as categorias representadas pelas suas coordenadas da "grade" aplicam-se tanto às classes de "Penso que..." "pensamentos" como às classes de "Sinto..." e "sentimentos". De modo a indicar a ênfase no conteúdo emocional, falarei mais de "sentir" do que de "pensar", mas a "grade" permanece inalterada para a categorização de "pensamentos" ou "sentimentos".

Considerando as formulações cujo desenvolvimento é representado pelo eixo vertical (A-H) como expressões de sentimentos, o mecanismo ♀♂, por meio do qual a mudança de uma linha da "grade" para outra é efetuada, pode ser representado por outros modelos além daqueles fornecidos pelo trato digestivo. Desses, os mais sugestivos são: (1) o sistema respiratório, ao qual se liga o sistema olfativo; (2) o sistema auditivo, ao qual se ligam transformações, tais como música ↔ ruído; e (3) o sistema visual. Cada um dos três provê modelos para os mecanismos ♀♂, representando a identificação projetiva empregada para propósitos de K. O sentido de tato geralmente é empregado como um antídoto para a confusão, que pode ocorrer quando se emprega ♀♂. Seu uso, para restabelecer a confiança obtida ao sentir-se que há uma barreira entre dois objetos, uma fronteira limitante ausente na relação continente ↔ conteúdo característica dos modelos (1), (2), (3), produz o efeito paradoxal: a relação mais próxima do

ponto de vista topográfico, implicada pelo contato tátil, é *menos* íntima, isto é, menos confusa que a relação mais distante, implicada pelos modelos (1), (2), (3).[1] Vale notar que as manifestações clínicas de asma tornam-se mais significativas do ponto de vista psicanalítico, caso sua relação para com o modelo respiratório para pensar—sentir seja reconhecida.

Visões de pensar e sentir, formuladas em termos apropriados à linha G, podem ser reformuladas pelo uso destes modelos do trato digestivo, sistema respiratório, sistema auditivo e sistema visual em termos apropriados à linha C e vice-versa.

Assim, o mecanismo PS ↔ D aliado ao mecanismo ♀♂, é responsável pelo crescimento da pré-concepção, seja no sentido da ingenuidade ou no da sofisticação.

Uma vez que podemos usar as categorias da "grade" para representar sentimentos, a categorização dos enunciados vai depender muito do contexto analítico onde o enunciado foi feito. O analista precisa decidir se a idéia que está sendo expressa tem a intenção de ser um instrumento por meio do qual comunicam-se sentimentos ou se os sentimentos são secundários à idéia. Muitas expressões sutis de sentimento podem se perder, se as idéias por intermédio das quais estes sentimentos se expressam forem consideradas, por equívoco, como o peso principal da comunicação. A facilidade com que se pode expressar nuanças sutis de sentimento torna a comunicação do que parece ser idéia um veículo ideal para a comunicação de premonições; as "idéias" teriam de ser examinadas do mesmo modo.

Se as categorias da "grade" forem tão apropriadas aos "sentimentos" como às "idéias", deveria existir uma contraparte emocional dos elementos-β. Dentro do campo limitado ao qual restringi os elementos-β até agora, sugeri que o termo fosse usado para cobrir uma área de fenômenos, tais como os "pensamentos" que alguns pacientes psicóticos consideram indistinguíveis de "coisas". No domínio dos sentimentos e daqueles aspectos dos pensamentos onde sentimentos predominam, teríamos que estender a abrangência do termo "elementos-β" a estes fenômenos análogos. Não estou certo de quais sejam esses fenômenos análogos, caso existam. Mas, o mesmo paciente que considera "pensamentos" como "coisas", mostra todos os sinais de considerar como "fatos", aquilo que estou habituado psicanaliticamente a acreditar que sejam fantasias. Portanto, sugiro, de modo provisório, que as categorias de elementos-β da grade não sejam

1 Um paciente psicótico consegue ter relações genitais sem confusão, mas ficará seriamente confuso por (1), (2), (3).

descartadas sumariamente como não-existentes; mas, no domínio das expressões de sentimento, teríamos de concebê-las como relacionadas às fantasias, sentidas como indistinguíveis de fatos. Essas fantasias, indistinguíveis de fatos, devem ser consideradas como a contraparte emocional de "pensamentos" elementos-β, indistinguíveis de "coisas". Em outras palavras, teríamos de considerar as categorias de elementos-β da grade como representações para as quais pode-se descobrir psicanaliticamente algumas realizações que delas se aproximem.

CAPÍTULO VINTE

Antes de sumarizar os principais temas deste livro, preciso deixar claro que a "grade", embora geneticamente aparentada a um certo número de teorias analíticas, difere do objeto para cuja representação emprega-se normalmente o termo "teoria". Podemos indicar melhor a sua natureza se a descrevermos como uma convenção para analisar[1] fenômenos psicanalíticos[2]. Mas se um analista usa essa convenção, ele entretém uma pré-concepção da qual a "grade", impressa ou escrita, é uma representação. Assim, o estado de mente do analista, que se aproxima da representação, a "grade" impressa ou escrita, podem ser classificados em uma das categorias da "grade", de acordo com o uso que se está dando a ela e com a posição que esta categoria ocupa no desenvolvimento genético do equipamento científico do analista. Uma vez que o analista pode escolher usar a "grade" e as teorias a ela associadas para qualquer motivo, a "grade" pode ser usada para impedir o conhecimento (coluna 2) ou para promovê-lo (colunas 1, 3, 4, 5 etc.). Do mesmo modo, uma vez que o uso da "grade" significa que o analista entretém uma preconcepção[3], talvez o uso que faz dela pode ser cate-

1 *Construing*, no original, cujo significado é analisar na acepção de análise sintática, construir gramaticalmente uma frase. O termo é coerente com a orientação neopositivista do instrumento "grade". (N.T.)

2 Mas veja a discussão no início do Capítulo 17.

3 *Preconception*, no original. Ver discussão a respeito do termo e da diferença proposta em relação à pré-concepção no Capítulo 16, página 74. (N.T.)

gorizado de modo mais preciso se empregarmos o eixo vertical para essa finalidade, vendo a categoria apropriada da grade na linha D. Portanto, se o leitor não quer ser perturbado em seu estado de mente, ele poderá não usar a "grade" ou então empregá-la como um meio de expressar sentimentos e pensamentos que podem ser representados por D2. Se, ao contrário, ele estiver disposto a empregar a "grade" para continuar investigando, estará empregando-a como um meio de expressar sentimentos e pensamentos que podem ser representados por D (ou, de acordo com o grau de sofisticação que ele introduza, F (ou G)4.

Estou cônscio de que a "grade" não só pode, mas requer ser aprimorada. Senti que a coluna 2 poderia ser substituída por um sentido negativo do eixo horizontal. É plausível e manteria uma agradável semelhança com o sistema de coordenadas cartesianas usado no desenvolvimento da geometria algébrica. Além disso, algumas dificuldades diminuiriam se, ao invés do arranjo presente, o eixo horizontal fosse lido

$$-(n), -(n-1).....-5, -4, -3, -2, -1,$$
$$1, 2, 3, 4, 5,.... (n-1), (n)$$

com a coluna 2 representando aquilo que na grade atual é a coluna 3. Então talvez se diga que todos os "usos" $1 \leftrightarrow n$ podem ser usados negativamente, como uma barreira contra o desconhecido ou contra aquilo que é conhecido, mas sentido como desagradável. No entanto, estou primordialmente interessado em delinear os usos dados aos fenômenos representados pelo eixo vertical, e não em adentrar nas complexidades dos "usos" que se pode dar aos "usos", considerando que seria melhor deixar que a investigação clínica amplie estes últimos.

Dirijo-me agora aos usos da "grade". O sumário não pretende ser exaustivo.

A. Revisão Meditativa. 1. Suponha que o analista, ao fim do dia de trabalho, queira rever algum aspecto deste seu trabalho sobre o qual tenha dúvidas. Além disso, considere que a preocupação esteja centrada em alguma frase do paciente. Evocando a sessão, o contexto da formulação e a entonação do paciente, o analista pode colocar a formulação em uma categoria que, à luz de conhecimento posterior, pensa estar correta. Tal meditação é relacionada com notação e memória. É aparentada a registrar o que aconteceu e é um exemplo de usar a "grade" e as teorias que ela representa para finalidades de notação. Mesmo que não ponha seu trabalho no papel, o analista está fazendo algo que vai imprimir o episódio em sua memória.

2. O analista pode escolher qualquer categoria da "grade" para colocar, especulativamente, a formulação. Então, ele pode direcionar suas especulações, considerando quais seriam as implicações caso a asserção pertencesse de fato à categoria onde ele a colocou provisória e especulativamente. Isso significa que ele "ligou" um certo número de elementos e pode ir adiante, para descobrir o significado de sua suposta conjunção. A "grade" auxilia o direcionamento de suas especulações.

3. No decurso de 1 e 2, ele estará considerando a possibilidade de outras categorias, onde poderia, de modo apropriado, ter colocado a formulação. Tal atividade é um estimulante para a capacidade de atenção do analista.

4. O analista pode examinar suas interpretações ao submetê-las ao mesmo procedimento a que submeteu as associações do paciente em 1, 3, 4.

5. O analista pode colocar a associação e sua interpretação real, ou a interpretação proposta, nas categorias apropriadas e assim examinar a *dupla,* associação e interpretação. Assim, ele pode comparar e examinar a relação entre a categoria da associação e a categoria da interpretação e não a relação entre associação e interpretação. Torna-se possível, assim, prover uma base para investigação do valor desenvolvimental da interpretação e associação, de acordo com a natureza da relação de suas respectivas categorias.

6. O analista pode tomar, dentre as associações do paciente, as formulações conflitantes; colocá-las de acordo com suas respectivas categorias da "grade" e, então, examinar a natureza do conflito por meio de uma comparação entre as *categorias* das formulações conflitantes. Assim, seria possível ver o que contribuiu para o conflito através da natureza das categorias das formulações conflitantes.

B. O jogo psicanalítico. Em A eu propus usos para a "grade" associados de3 modo bem próximo a experiências analíticas reais. Entretanto, a "grade" pode ser usada de modo proveitoso, em um tipo de faz-de-conta analítico, no qual o elemento da experiência é muito menos influente. Tal exercício imaginativo está mais próximo da atividade do músico, que pratica escalas e exercícios que não são diretamente relacionados a qualquer peça de música, mas aos *elementos* que compõem qualquer tipo de música. Isso me traz de volta aos elementos de psicanálise e à sua elucidação. Defino os elementos de psicanálise como sendo aqueles fenômenos cujos vários aspectos podemos ver recair dentro das categorias da "grade", ainda que algumas categorias permaneçam vazias no presente momento. Tais fenômenos são:

(a) Idéias, conforme descritas nos Capítulos 1-18.
(b) Sentimentos, conforme descritos no Capítulo 19, incluindo dor.
(c) Associação e Interpretação.
(d) A dupla associação e interpretação.
(e) Pares conflitantes (uso o termo "par" de modo a deixar o termo "dupla" liberado para os fenômenos (d) acima.
(f) Os dois eixos da "grade" (como casos especiais).

No Capítulo 3 sugeri que o objeto psicanalítico tinha três "dimensões": sentidos, mitologia e teoria analítica. Traduzindo isso em termos das categorias da "grade", qualquer objeto analítico, antes de ser qualificado como tal, precisa exibir características categorizadas nas linhas B, C e G. Um objeto analítico não é o mesmo que um elemento, mas pode-se considerar que tenha um relacionamento com um elemento análogo ao relacionamento de uma molécula com um átomo. O objeto analítico não é necessariamente uma interpretação, embora uma interpretação seja um objeto analítico. Uma interpretação deve estar baseada na evidência de objetos analíticos; ela mesma é um objeto analítico, composto de objetos analíticos. O objeto analítico emerge como um resultado da operação de PS↔D e ♀♂ no observador. O material deve aparecer ao observador analítico como um número de partículas distintas, não relacionadas e incoerentes (PS↔D). O paciente pode estar descrevendo um sonho, seguido por uma lembrança de um incidente que ocorreu no dia anterior, seguido por um relato de alguma dificuldade na família de seus pais. O recital pode levar três ou quatro minutos, ou mais. A coerência que esses fatos têm, na mente do paciente, não é relevante para o problema do analista. Seu problema — eu o descrevo em estágios — é ignorar essa coerência de modo a confrontar-se com a incoerência e experimentar incompreensão a respeito daquilo que lhe está sendo apresentado. Graças a sua própria análise deve ter-lhe sido possível tolerar essa experiência emocional, embora ela envolva sentimentos de dúvida e talvez até mesmo de perseguição. Esse estado precisa perdurar, talvez por um curto período, mas provavelmente por um período mais longo, até emergir uma nova coerência; neste ponto ele alcançou → D, o estágio que descrevi como análogo à nomeação ou "conjunção". A partir desse ponto seus próprios processos podem ser representados por ♀♂ — o desenvolvimento do significado. Foi necessário dar essa descrição algo esquemática, do trabalhar mental do analista, para introduzir uma discussão de certas anomalias aparentes, às quais me voltarei agora. Irei tomar a formulação que fiz (Capítulo 17), que todo o mito de Édipo poderia ser colocado em uma categoria única ou, alternativa-

mente, que partes do mito poderiam ocupar um único compartimento na "grade". Isso pode parecer incompatível com a distinção que fiz entre um objeto psicanalítico e um elemento de psicanálise. Entretanto, a anomalia desaparece se avaliarmos que o mito, no contexto em que é mencionado, é a representação mais curta e mais compacta que se pode criar para expressar, vamos dizer, um sentido de presságio de uma qualidade específica. A importância do mito, nesse caso, reside no fato de ele representar um sentimento e, como tal, o seu lugar em uma categoria da "grade" denota um elemento psicanalítico. Tomado com outros elementos psicanalíticos similares, ele e os outros elementos formam em conjunto o campo de elementos incoerentes nos quais se espera que o fato selecionado, que dá coerência e relacionamento a fatos até então incoerentes e não relacionados, irá emergir. Assim "nomeado", "conjugado", o objeto psicanalítico emergiu. Resta discernir seu significado. Esse mesmo mito — o mesmo em termos de sua formulação verbal — pode então ser um objeto psicanalítico que é instrumental para dar significado à totalidade dos elementos, um dos quais foi o sentimento representado pelo mito na sua categoria da "grade". Portanto, a interpretação correta irá depender de o analista ser capaz, em virtude da "grade", de observar que duas formulações idênticas do ponto de vista verbal são psicanaliticamente diferentes. Para reiterar, quando se observa que aspectos de uma formulação verbal recaem nas linhas B, C, G, ela representa um objeto psicanalítico. Quando se vê que uma formulação verbal idêntica recai, vamos dizer, em D2, ela é um elemento psicanalítico. No exemplo que tomei, o mito na categoria D2 representa um *sentimento* de presságio; é uma premonição de um tipo específico, empregada para excluir alguma outra coisa. (A propósito, toda a discussão precedente pode ser tomada como um exemplo do uso da "grade", para um exercício destinado a desenvolver a intuição e a capacidade para discriminação clínica.) Para concluir: idéias e sentimentos representados pela sua colocação em uma *única* categoria da "grade" são *elementos* de psicanálise; associações e interpretações com extensões no domínio dos sentidos, mitos e paixão (*ver* Capítulo 3), requerendo três categorias da "grade" para sua representação, são objetos psicanalíticos. Por conseguinte, as classes a-f acima são só elementos apenas quando recaem em uma única categoria da "grade". Isto tem uma importância prática: se são elementos, apesar de qualquer aparência em contrário, é necessário saber qual é o objeto psicanalítico do qual são uma parte.

A GRADE

	Hipóteses definidoras **1**	ψ 2	Notação **3**	Atenção **4**	Investigação **5**	Ação **6**	 **...n**
A Elementos-β	A1	A2				A6	
B Elementos-α	B1	B2	B3	B4	B5	B6	...Bn
C Pensamentos oníricos, sonhos, mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	...Cn
D Pré-concepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	...Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	...En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	...Fn
G Sistema dedutivo científico		G2					
H Cálculo algébrico							

ÍNDICE

A2
comparado com G2, 40
Abstração,
e conjunção constante, 99
conceito de, reconsiderado, 99
formulado, e não abstraído, 96
formulação de, para representar uma realização, 18
Ação,
como modelo para uma classe de enunciado pelo analista ou paciente, 36
Alucinação,
e reversão de perspectiva, 73
Asma,
e o modelo respiratório para o pensar, 105
Associações,
comparadas com interpretações à luz das categorias da "grade", 109
Atenção,
correspondência com reverie, 35
interpretações como representação de, 34

Braithwaite, R. B.
Scientific Explanation, 39n-2

Cálculos,
como etapa na exposição genética do pensar, 39
Categorias,
de teorias empregadas por analistas, 34-36
relacionadas às categorias de "usos" de pensamentos, 36
Classificação genética,
de processos de pensamento, 37-39
Coisas
equacionadas a pensamentos, 37
Coluna 2,
as interpretações do analistas não podem incidir nela, 44
representando negação, 35
Comunicação verbal,
contrasta com incoerência, 52
Concepção,
como uma etapa entre pré-concepção e conceito no desenvolvimento do pensar, 38
Conceitos,
e hipóteses vinculadas em sistema dedutivo científico, 39

Conjugação (binding),
de objetos constantemente conjugados, 99, 111
Continente,
e conteúdo, 19
e conteúdo representado por ♀♂, 45
e conteúdo, responsável por desenvolvimentos de A a H, 47
e medo de morrer, 40
um elemento de psicanálise ou componente em um sistema de elementos?, 23
♀♂ e PS↔D, 55
modelos ♀♂ para, 104
modelo introjetado de, 45
Contratransferência,
sua parte em negação, 34
Correlação,
de sentidos, 26
Crescimento,
e dor, 75
observação de, 75
Criança,
e medo de morrer, 40
Curiosidade,
situação da, 58

Dados empíricos,
descrição de, insatisfatória, 17
Decisão,
e introspecção, 33
Definição,
como uma classe de interpretação, 34
"Dentro",
freqüência de sua ocorrência em análise, 22
Depressão,
perseguido por, e vice versa, 53
Desligamento,
de partes primitivas em relação às partes sofisticadas da personalidade, 31
Dimensões,
de elementos e objetos psicanalíticos, 110
Dispersão,
e destruição de pré-concepção edipiana e suas conseqüências, 103
Dor,
como um elemento, 75
podem os sonhos ser compostos de, e não de imagens visuais?, 38
severidade de, e perspectiva reversível, 70

Édipo,
e hubris, 58
Eixo horizontal,
da "grade", justificativa para, 101
da "grade", pictorializado, 78
transformação de 1 a 6, relacionada a prazer e dor, 48
Eixo vertical,
da "grade", e crescimento, 97
da "grade", justificativa para, 102
Elemento,
conjugado por combinação com outros elementos, 58
♀♂ e identificação projetiva, 19
PS↔D e posições esquizo-paranóide e depressiva, 19
representados pelo contexto, em uma única categoria da "grade", 111
insaturado (ξ), 38
Elementos alfa,
nos agrupamentos genéticos dos enunciados, 37
Elementos beta,
e definição, 40
coesão de, para formar ♀♂, 54
evacuação de, distinta de reversão de perspectiva, 71
nos agrupamentos genéticos dos enunciados, 37
possibilidade de, no âmbito da fantasia, 105
inadaptável para saturação, 39
Elementos de psicanálise,
combinação de, essencial para o significado, 18
dimensões de, 27

–L, –H, e –K, contribuindo para a instituição de, 65
método para pesquisá-los, 22
características necessárias, 19, 21
necessários para expressar teorias psicanalíticas, 18
Esvaziamento,
contrastado com crescimento negativo, 96
Esfinge,
e crescimento, 75
enigma da, 58
estimulando curiosidade, 62
Etapas
do eixo de desenvolvimento de pensamentos na exposição genética, 40
Evidência,
não disponível para alicerçar a realidade de elementos α ou β, 37
Exercícios,
necessidade da "grade" para promover acuidade de intuição, 84
Experiência,
acréscimos de, necessárias para investir abstração com significado, 99
Exposição sistemática da "grade"
combinada com a genética, 40

Fantasias, (Phantasies)
na psicose, idênticas aos fatos como "pensamentos" são para "coisas", 105
Fato selecionado,
descrito por Jules Henri Poincaré, 53
pode ser idéia ou uma emoção, 93
Função alfa
da mãe, fazendo às vezes daquela da criança, 41
Freud, S.
Dois princípios do Funcionamento Mental, 20n-1
elementos na teoria edipiana de, aos quais se dá valor constante, 21
seu conceito de atenção, 35
Instintos e suas vicissitudes, 97n-2
"notação" e "atenção", 47
sobre notação, 34
princípio do prazer-dor, 75
Funções da personalidade,
uso do termo, 25

"Grade"
como um instrumento para examinar o paciente, 92
como uma combinação das exposições genética e sistemática, 40
categorizada de acordo com suas próprias categorias, 89
natureza da, como parte do método científico, 107
representada por I, 43
sugestões para seu aperfeiçoamento, 108
usada para representar o pensamento do analista, 86
usada para representar desenvolvimento, 75n-2
usada para representar transferência, 84

Hume,
Um tratado sobre a natureza humana, 20n-2

I,
capaz de ser ♀ para ♂ e vice versa, 46
e pensamento, 20
"grade" usada para o todo, ou parte de, 43
relacionada a classes de interpretação, 36
relacionada ao conteúdo de, 44
Ideograma,
defeitos do, comparável a defeitos da teoria analítica, 18
Impulso,
e satisfação, 20
Interpretações,
exame delas usando a "grade", 109
Instintos de vida,
e de morte, 49
Isolamento,
e abstinência na situação analítica, 30

Identificação Projetiva,
e ♀♂, 46
e padrões de som, 52
e PS↔D, 54
relacionada a elementos β, 41
Impressões sensoriais,
acordo entre si, contrastado com o desacordo em sua interpretação, 67
Ingenuidade,
de visão, 96

J (código Jeovístico)
fonte, e visão antropomórfica da deidade, 93
Jaques, Elliott,
o retículo, 54
Jogo
psicanalítico, uso da "grade" para o, 109

Kant,
qualidades secundárias, 22n-1
coisa-em-si, 23
primária e secundária, 25
Klein, Melanie,
conceito de identificação projetiva, 19
Fases iniciais do Complexo de Édipo, 102
sobre a posição depressiva e formação simbólica, 51
sobre as posições esquizo-paranóide e depressiva, 48
sobre a clivagem violenta comparada com reversão de perspectiva, 70, 79

Lógica,
frustra as paixões, 49
Linguagem,
destruição de, 78
L, H, K,
e paixões, 20, 28
iluminados pelo uso psicanalítico do mito, 62
necessidade de estabelecer –L, –H, –K, 64

Mãe,
atuando como função α, 41
Manipulação,
de sinais da "grade"; corresponderá a processos de crescimento?, 92
Mecanismo,
um, substituído por outro, 56
Mito,
e crescimento, 75
como uma dimensão, 27
como um registro, 61
diminuído em qualidade, 91
Éden e Babel, relacionado à capacidade para pensar, 102
de Babel, 58
do Éden, 58
comparação entre os de Éden, Babel e Édipo, 77
forma narrativa de, conjuga componentes da história, 57
requerido como parte do equipamento científico psicanalítico, 27, 79
usado como pré-concepção e fragmentado, 79
Mito edipiano,
abstraído por Freud para formar a teoria psicanalítica, 35
negação do, por reversão de perspectiva, 70
colocado em uma única categoria da "grade", 111
revisão psicanalítica do, 57
Mitologias,
como um termo usado pejorativamente para descrever teoria ruim, 28
Modelos,
do paciente, para representar estados de mente, 87
uso de, para suplementar sistemas, 18
Monstro,
enigma proposto pelo, 59

Negação,
de uma realização como uma classe de interpretação, 34

Nomear,
e objeto psicanalítico, 111
vincula objetos que estão constantemente conjugados, 99
de uma nova entidade como origem de abstração, 96
Notação,
e representação de realização passada, 34
relacionada a abstração, 96

Objetos, 19
psicanalíticos, e dimensão, 26
Onians, R.B.
Origens do pensamento Europeu, 53n
Oráculo de Delfos,
pronunciamentos, como uma definição, 58
pronunciamento do, 61

Paixões,
como uma dimensão, 27
discussão de, 28
relação com L, H, K, 28
servida pela razão, 20
Pensamento,
e pensar, prioridade relativa, 49
fora da sessão, sobre o trabalho analítico, e o uso da "grade" para ajuda-lo, 84
falhas no desenvolvimento de, 45
ordenado, em contraste com o pensamento psicótico, 45
tradução em ação; ou de variáveis em constantes, 33
Pensamentos oníricos,
na exposição genética, 38
Personalidade,
insegurança relacionada ao escrutínio dela por ela mesma, 31
Perspectiva reversível,
como um modelo para os desacordos entre o analista e o analisando, 63
na prática, 67-71
em termos de categorias da "grade", 74

Posição Esquizo-paranóide
e depressiva e fato selecionado, 19
relação de, com identificação projetiva, 95
Poincaré, H.
Método Científico, 19n-2
"Fato selecionado", 53
Pré-concepção,
como uma etapa de desenvolvimento do pensamento, 38
Predição,
necessidade de detectar precursores de emoção para evitar dor desnecessária, 85
uso da "grade" para ajudar a predição, 84
Pré-monição, premonição
analogia com pré-concepção, 86
como termo para representar precursores de estados emocionais, 86
Procedimento cientifico,
em psicanálise, requer mito, 27
Proclus,
citado por Sir T. L. Heath, 18n-4
Progresso,
falta de, em análise, relacionado a condições perigosas, instáveis, 74
PS↔D,
e ♀♂ nas operações do analista, 110
como gerador de pensamentos, 51
contemporâneo a ♀♂, 53
estabelecimento de significado para –PS↔D, 64
mecanismo de, 48
PS capaz de funcionar como ♀, 55
relacionado ao Édipo privado fragmentado, 79
relação com ♀♂ e conjunção constante, 103
Publicação,
análoga à transição do mito privado para público, 77

R,
razão, notação para, 19
como escrava das paixões, 49

Resultados,
da psicanálise e dificuldades para detectar crescimento, 75
Revisão meditativa do trabalho, uso da "grade" para, 108

Segal, H.,
sobre formação simbólica e posição depressiva, 51
Senso comum,
e elementos de psicanálise, 26
Sentidos,
relacionados a elementos-α, 37
relação com a mitologia e teoria, 110
Sentimentos,
exprimíveis em termos da "grade", 87
substituição deles por pensamentos, 104
Sexo,
ou agressão, fatores determinantes de, pode ser em grupo, 97
Significado,
relação com conjunção constante e o ato de nomear, 99
Símbolos,
uso de, privados e públicos, 90
Simpósio sobre o Pensar,
Congresso Internacional de Psicanálise, 1962, 36n
Sinais,
possivelmente precedem o pensar, 52
usados para tornar possível o pensar sobre objetos ausentes, 52
Sistema dedutivo científico,
como vinculado logicamente a enunciados, 39
Sistema digestivo,
como um modelo para pensar, substituível por outros sistemas, 104
Situação edipiana,
destruição de sua função como uma pré-concepção, 103
usos diferentes da, 57
relacionada com elementos do mito, 21
a ser diferenciada de pré-concepção, 102
usada como pré-concepção, 102
Sonhos,
evidência disponível que alicerça os, 38
Super-ego,
repressivo, e a divindade em mitos, 93

Teorias psicanalíticas,
criticadas por serem anticientíficas, 17
Tirésias,
como símbolo para a barreira contra ansiedade, 61
alerta contra a investigação, 57
Tomar notas,
freqüentemente trabalhosa e desprovida de significado, 84
Transferência,
alguns aspectos de, e K, 81
uso da "grade" para representá-la, 82

Usos,
como eixo em uma exposição sistemática, 39

Valor constante,
essencial para elementos na descrição de um evento passado; desvantagem disto, 21
Vínculos,
L, H e K, 19
Voracidade,
inveja e esvaziamento, 92
oposta a responsabilidade, 30
violência e paixão, 28

Wisdom, J. O.
Um exame das teorias psicanalíticas de melancolia, 17n-2

Notavelmente condensado em conteúdo, o livro *Elementos de psicanálise* respeita a natureza epistemológica da psicanálise, na medida que esta é uma ciência que estuda afastamentos da realidade. Trata psicanaliticamente do pensar e do conhecer. Filia-se a Platão e Kant no que tange a aceitar a incognoscibilidade da realidade última, a alertas sobre os riscos de se restringir ao aparelho sensorial como modo de apreender a realidade. Namora criticamente o neopositivismo, dele se aproveitando para uma busca de sintaxes matemáticas que pudessem aferir o "valor-verdade" de enunciados verbais falados pelos pacientes e pelos analistas. Este uso se corporifica em um instrumento aferidor, o *Grid*, para ser usado fora da sessão, como exercício de treinamento de intuição analítica.

Este livro introduz percepções originais sobre a função dos mitos, tanto na gênese da psicanálise como na sessão eles se constituíram como modos primevos da mente humana apreender a sua própria realidade, e da vida mesma. Tenta alcançar aquilo que é mais básico em psicanálise no sentido de "elementar". Desenvolve algo iniciado em *Learning from experience*, sobre modos primevos de pensar e sobre o "objeto psicanalítico", e tem continuidade em *Transformations*. Todos eles tentam prover, ou devolver, uma base científica para a psicanálise. Este projeto de Bion, se realizado, poderia evitar que o "todo da psicanálise" se transformasse em uma "vasta paramnésia destinada a preencher o vazio de nossa ignorância", como ele diria, 13 anos depois, no estudo "Evidência".

Paulo Cesar Sandler

ISBN 85-312-0918-8